

"AMITYVILLE: DIA 23 DE DEZEMBRO GEORGE E KATHLEEN LUTZ COMPRARAM A CASA ONDE OS SEIS MEMBROS DA FAMÍLIA DE RONALD DEFEO TINHAM SIDO FRIAMENTE MORTOS À BALA NO ANO ANTERIOR, MUDANDO-SE PARA LÁ POUCO TEMPO DEPOIS.

DALI A .... DIAS ELES ABANDONARAM A CASA, DEIXANDO TODA A MOBÍLIA. E DISSERAM AOS AMIGOS E VIZINHOS QUE A CASA ERA ASSOMBRADA..."

- NEWSDAY, 14 DE FEVEREIRO DE 1976

"PALAVRAS DE GERARD SULLIVAN. PROMOTOR ADJUNTO DE SUFFOLK. REFERINDO-SE AOS LUTZ: 'ELES PARECEM ESTAR VERDADEIRAMENTE ATERRORIZADOS E INTIMIDADOS.' "

- DAILY NEWS, DE NOVAYORK.14 DE FEVEREIRO

"LUTZ DISSE QUE FENÔMENOS PSÍQUICOS QUE NÃO PODIA DESCREVER PERSUADIRAM-NO E A SUA FAMÍLIA A DEIXAR SUBITAMENTE A CASA POR MOTIVOS DE SEGURANÇA PESSOAL... ELE AFIRMA QUE NÃO FICARIA OUTRA NOITE NAQUELA CASA..."

- NEWSDAY, 12 DE FEVEREIRO

"FENÔMENOS COMO OS QUE ESTE LIVRO DESCREVE REALMENTE ACONTECEM - E A PESSOAS E FAMÍLIAS COMUNS QUE NÃO, SÃO NEM EXIBICIONISTAS NEM ÁVIDAS DE ATENÇÃO. AQUELES, QUE JÁ ESTIVERAM ENVOLVIDOS EM INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS PODERÃO VERIFICAR QUE OCASO NÃO É ATÍPICO." - EXTRAÍDO DO PREFÁCIO DO REVERENDO JOHN NICOLA

HORROR EM AMITYVILLE

Uma História Verídica

JAY ANSON

A 18 de dezembro de 1975 um casal jovem com três filhos mudou-se para uma bela casa com porão decorado, piscina e abrigo para barcos. Vinte e oito dias depois eles fugiram aterrorizados, abandonando praticamente todos os seus bens.

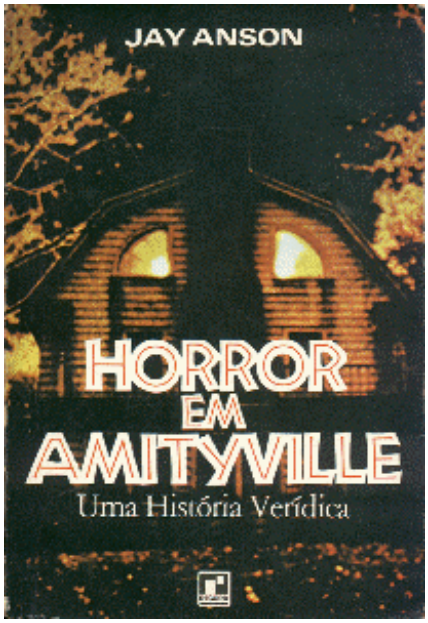
A história fantástica de suas experiências recebeu ampla publicidade na televisão, jornais e revistas americanas. A família Lutz, porém, nunca revelou todos os detalhes para qualquer órgão dê divulgação. Agora suas lembranças cuidadosamente reconstituídas juntamente com entrevistas independentes com o clero e a polícia local - trazem à tona toda a sua angustiante história.

George e Kathleen Lutz sabiam que a casa fora cenário de um crime monstruoso - Ronald DeFeo, de 23 anos, fora condenado por ter assassinado seus pais, irmãos e irmãs. Mas a propriedade pareceu-lhes ideal, e o preço era conveniente. No dia da mudança, um padre convidado para benzer a casa ouviu uma voz ordenar: "Saia!" Na casa paroquial, o sacerdote começou a sofrer uma série de padecimentos inexplicáveis. Enquanto isso, na nova casa, a família Lutz iniciava a mais terrível experiência de suas vidas. Tudo começou quando a menina de cinco anos vangloriou-se de ter um novo companheiro de brinquedos, alguém - ou alguma coisa chamada "Jodie".

HORROR EM AMITYVILLE é um livro inesquecível com todos os choques e o suspense de O EXORCISTA, A PROFECIA e o BEBÊ DE ROSEMARY, mas com uma vital diferença! Como o autor declara: "Até onde me foi possível verificar, todos os acontecimentos narrados neste livro são verdadeiros."

Jay Anson, autor deste livro, começou como copydesk na redação do Evening Journal de Nova York, em 1937, e mais tarde trabalhou em publicidade. Com mais de 500 roteiros de documentários para a TV a seu crédito, ele agora faz parte da Professional Fihns, Inc. e mora no Estado de Nova York.

O Padre John Nicola (autor do Prefácio) é escritor e foi consultor técnico da versão cinematográfica de O EXORCISTA. Mora no Estado de Maryland e exerce o magistério.



Horror em Amityville

Jay Anson



Sumário

Horror Em Amityville 2
Prefácio 6
Prólogo 9
Um 11
Dois 19
Três 23
Quatro 28
Cinco 32
Seis 36
Sete 42
Oito 47
Nove 52
Dez 59
Onze 65
Doze 70
Treze 75
Quatorze 82
Quinze 89
Dezesseis 94
Dezessete 100
Dezoito 105
Dezenove 112
Vinte 116
Vinte E Um 122
Vinte E Dois 129
Vinte E Três 134
Vinte E Quatro 142
Vinte E Cinco 150
Epílogo 154
Apêndice 156

Os nomes dos vários indivíduos mencionados neste livro foram alterados para proteger sua privacidade. Entretanto, todos os fatos e acontecimentos, até onde nos foi possível verificar, são estritamente verdadeiros.

PREFÁCIO

O problema que este livro aborda, embora tão antigo quanto a humanidade, merece a atenção do leitor esclarecido de hoje. Em graus diferentes, todas as civilizações expressaram seu medo e intranqüilidade ante a passagem, ocasional mas repetida, de fenômenos em que seres humanos se julgaram vítimas de entidades hostis dotadas de poderes sobrenaturais. Os homens nas diversas culturas vêm respondendo a esse desafio de várias maneiras, utilizando palavras, gestos e amuletos de forma ritualística para defender-se de ataques demoníacos. Isso verifica-se tanto nas antigas civilizações semitas como os babilônios, com seus temíveis demônios, quanto nos modernos rituais católicos de exorcismo.

No mundo ocidental moderno, os indivíduos costumam assumir três posições principais - ou combinações dessas posições - ao ter notícia do assédio de poderes misteriosos. A primeira, a posição científica, vê o mundo e talvez o universo - como regido por leis invariáveis já descobertas ou passíveis de descoberta por pesquisadores científicos. Diametralmente oposta é a que rejeita - quando não ignora simplesmente - as descobertas da ciência; considerando a realidade empírica superficial e sem sentido, baseia-se em invisíveis realidades espirituais e pode ser classificada de supersticiosa. A terceira posição engloba um pouco das outras duas. Apesar de ater-se a métodos científicos, alarga as perspectivas da ciência positiva, incorporando dimensões espirituais da realidade através de considerações teológicas e filosóficas. É o que podemos chamar de posição religiosa.

Podemos estar certos de que fenômenos como os que o livro descreve realmente acontecem - e a pessoas e famílias comuns que não são nem exibicionistas nem ávidas de atenção. Com freqüência a reação dos homens de ciência é negar a realidade dos fatos e mesmo recusar-se a examinar as evidências. Aqui, parece, estamos diante de preconceitos. Por outro lado, os cientistas que dão crédito às evidências e submetem-nas à metodologia científica em busca de explicação, em geral restringem as hipóteses aos limites atuais da ciência, ou presumem que descobertas futuras um dia explicarão o fenômeno. Esse é um enfoque sensato e integral.

As pessoas supersticiosas aferram-se aos fenômenos psíquicos como justificativa para uma visão de vida muitas vezes desarrazoada. Acrescentar medos irracionais e noções insensatas e preconcebidas a situações como as de Amityville, aqui descrita por Jay Anson, pode apenas intensificar os sofrimentos das pessoas envolvidas. É evidente o preconceito assim revelado.

É desnecessário dizer que os pontos de fé estão integrados ao enfoque do indivíduo religioso. Como a revelação pressupõe uma comunicação com Deus, e portanto a existência de um Deus interessado nos problemas humanos, vemos que também nesse caso há um preconceito, a saber, o preconceito da fé. O crente equilibrado admirará e aceitará as descobertas da ciência moderna mas concluirá que, mesmo admitindo futuros

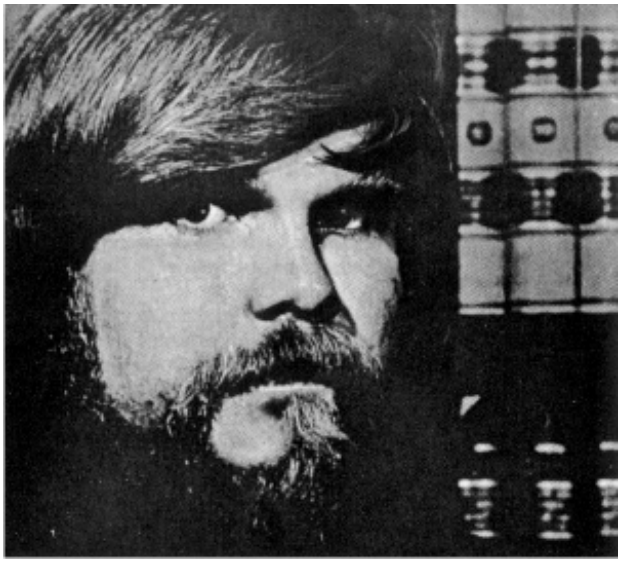
progressos, tem visão curta quem julga não possuir a ciência realidades profundas além da esfera empírica da ciência natural. Como o cientista de larga visão, o crente de sensibilidade pode também ter um enfoque integrado dos fenômenos psíquicos.

Concluímos assim que qualquer que seja a posição de um indivíduo, ela sempre se baseia em certos preconceitos cuja validade não pode ser demonstrada para a total satisfação daqueles que preferem adotar um ponto de vista diferente. Quando ocorrem fenômenos psíquicos num lar a família procura ajuda, seus membros podem se chocar igualmente ante a ingenuidade dos supersticiosos,, a insegurança dos que dizem acreditar no sobrenatural, mas sentem-se envergonhados e confusos com as próprias crenças, e a desdenhosa arrogância do cientista que nega as experiências vividas.

Infelizmente essa complexa teia de ignorância, medo e preconceito causa muito sofrimento para a despreparada família já envolvida numa situação conflitante e assustadora. É um desses casos que Jay Anson aqui relata. Fosse essa narrativa ficção, poderíamos ignorá-la como irrelevante. Entretanto, trata-se de um relato feito pelos próprios protagonistas dos incidentes, uma família e um sacerdote, é como tal, deve nos levar a refletir. Aqueles que já estiveram envolvidos em investigações psíquicas poderão verificar que o caso não é atípico.

Devido às incertezas que cercam o paranormal, eu, que acredito na ciência e na religião, estaria sendo omisso se não advertisse os leitores tanto contra os perigos da arrogância que pretende dominar o desconhecido quanto da bravata que se jacta de controlar o transcendental. O homem sábio sabe haver coisas que desconhece - e o homem prudente respeita o que escapa ao seu controle.

- Reverendo John J. Nicola



George e Katheleen Lutz
(Fotos de Don Norkett, Newsday, Long Island)



PRÓLOGO

Na noite de 5 de fevereiro de 1976, o noticiário das dez noras do Canal 5 de Nova York deu início a uma série de programas sobre indivíduos que se diziam possuidores de poderes extra-sensoriais. Na tela surgiu a imagem do repórter Steve Bauman, que investigava uma casa aparentemente mal-assombrada em Amityville, Long Island.

Bauman disse que, a 13 de novembro de 1974, uma grande casa colonial, situada na Avenida Oceânica, 112, fora cenário de um assassinato em massa. Ronald DeFeo, de ' 24 .anos, matara metodicamente com um rifle de alta potência os pais, os dois irmãos e as duas irmãs. Fora condenado à prisão perpétua.

Há dois meses atrás - prosseguiu o repórter - a casa foi vendida por oitenta mil dólares ao casal George e Kathleen Lutz. Os Lutzes sabiam dos assassinatos mas, não sendo supersticiosos, tinham considerado a casa a habitação ideal para si e os três filhos.

A família mudou-se a 23 de dezembro. Logo depois - disse Bauman - perceberam que o local era habitado por alguma força psíquica e começaram a recear por suas vidas. Segundo eles, sentiram a presença de alguma forma de energia, de alguma força maligna sobrenatural que a cada dia se tornava mais poderosa.

Quatro semanas depois de terem se mudado para a nova casa, a família Lutz abandonou-a levando apenas algumas mudas de roupa. Estavam há algum tempo hospedados em casa de amigos, em local não revelado. Mas antes de tomarem essa decisão, declarou o canal 5, sua odisséia já era conhecida na vizinhança. A família recorrera à polícia, a um sacerdote da região e a um grupo de pesquisas psíquicas.

- Eles falaram de vozes estranhas que pareciam vir de dentro deles mesmos, e de uma força que chegou a levantar a Sra. Lutz do chão e carregá-la para um armário que ocultava um cubículo secreto que não constava das plantas da casa.

Essas declarações chegaram aos ouvidos do repórter Steve Bauman. Ao efetuar algumas investigações sobre o passado da construção, ele descobriu que a tragédia atingira quase todas as famílias que tinham morado no local, assim como noutra casa que existira anteriormente no mesmo terreno.

O locutor do canal 5 prosseguiu dizendo que William Weber, o advogado de Ronald DeFeo, iniciara investigações com esperança de provar que a casa da Avenida Oceânica 112 abrigava uma força estranha capaz de influenciar o comportamento de quem quer que a habitasse. Aventando que essa força "podia ser de origem natural", Weber achava que talvez tivesse encontrado evidências capazes de levar o seu cliente a um novo julgamento. Sob as câmaras, Weber declarou saber que certas construções podiam criar uma espécie de corrente elétrica em determinados aposentos, em conseqüência da própria estrutura física do prédio. Cientistas estariam examinando essa possibilidade. Se

todas as explicações lógicas ou científicas fossem afastadas, o assunto seria entregue a um grupo da Duke University para pesquisa dos aspectos psíquicos do caso.

O repórter concluiu declarando que a Igreja Católica também estava envolvida no caso. Dois emissários do Vaticano teriam ido a Amityville em dezembro e ordenado aos Lutzes que abandonassem imediatamente a casa.

- Agora o Conselho dos Milagres da Igreja está estudando o caso, tendo concluído que a casa 112 da Avenida Oceânica está possuída por espíritos que escapam ao presente conhecimento humano - finalizou o repórter.

Duas semanas após esse programa, George e Kathy Lutz concederam uma entrevista à imprensa no escritório de William Weber. O advogado de Ronald DeFeo conhecera o casal três semanas antes por intermédio de amigos comuns.

George Lutz afirmou aos repórteres que nunca mais passaria outra noite na casa da Avenida Oceânica, mas que não pretendia vendê-la no momento. Estava esperando os resultados de alguns testes científicos que deveriam ser executados por especialistas em parapsicologia e outros pesquisadores profissionais "sensitivos" de fenômenos ocultos.

Depois disso, os Lutzes cortaram qualquer intercâmbio com a mídia, achando que suas declarações estavam sendo ampliadas e exageradas. Só agora toda a história vem a público.

UM

18 DE DEZEMBRO DE 1975 - George e Kathy Lutz mudaram-se para a casa número 112 da Avenida Oceânica no dia 18 de dezembro. Vinte e oito dias depois, abandonaram-na, aterrorizados.

George Lee Lutz, de 28 anos, natural de Deer Park, Long Island, era um bom conhecedor do mercado imobiliário. Proprietário de uma firma especializada em levantamentos topográficos, a William H. Parry, Inc., fundada por seu avô e na família há três gerações, tinha desse fato um grande orgulho.

Entre julho e novembro, na companhia de Kathleen, sua esposa de 30 anos, ele tinha corrido umas 50 casas na costa sul do estado antes de resolver-se a procurar em Amityville. Nenhuma das propriedades na faixa dos 30 aos 50.000 dólares satisfizera suas exigências: estar situada junto à água e ser suficientemente espaçosa para abrigar a sede da companhia de George.

Nessa busca, telefonou para a Imobiliária Conklin, em Massapequa Park, e foi atendido pela corretora Edith Evans, que disse ter uma nova casa para lhe mostrar. Com a aquiescência de George, a mulher, profissional atraente e calorosa, levou-os ao local às três da tarde, e mostrou-se muito amável e paciente com o casal:

- Não estou bem certa de que é isto que estão procurando, mas quero lhes mostrar como vive a gente bem de Amityville.

A casa número 112 da Avenida Oceânica é uma construção ampla e imponente com telhas escuras e arremates brancos. O lote em que foi edificada mede 15 metros de frente por 73 de fundos. A porta de entrada fica na fachada lateral direita, e o terreno termina num cais de madeira sobre o rio Amityville.

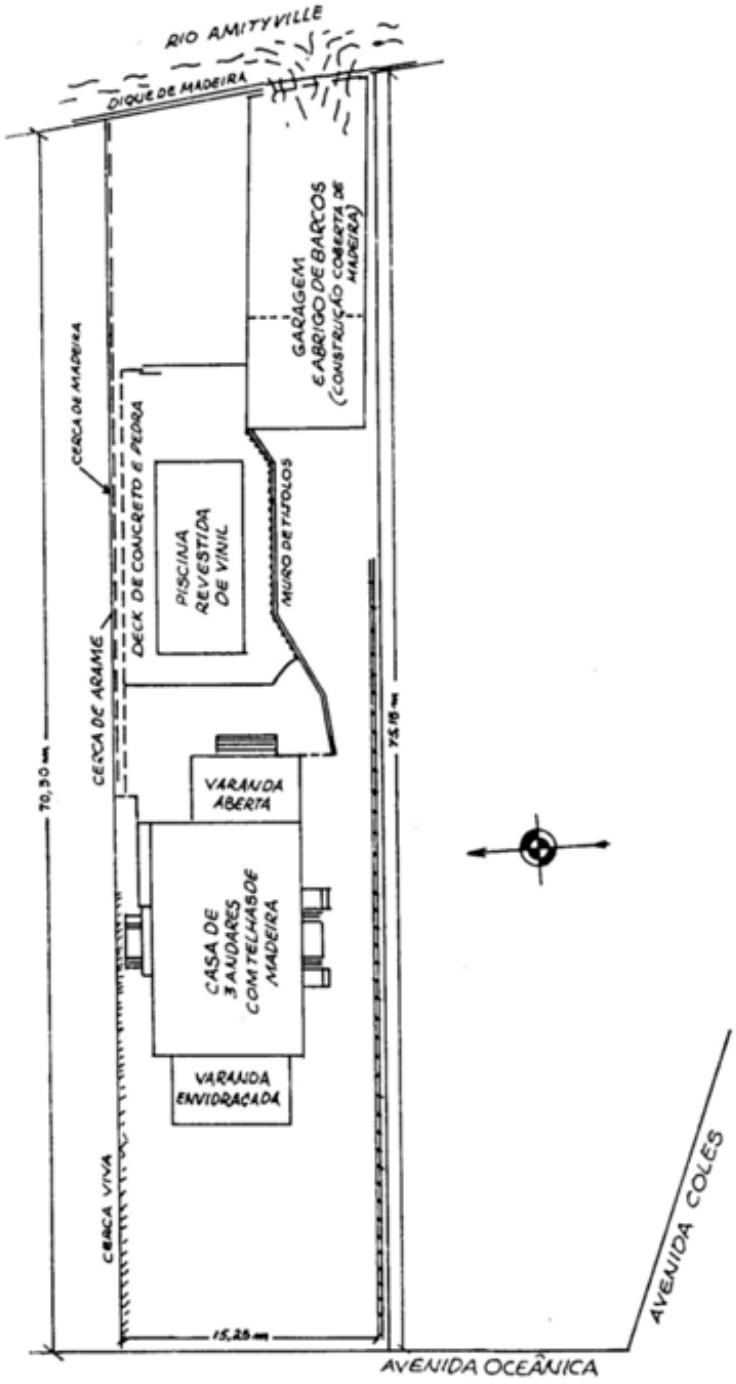
Presa a um pequeno poste ao lado da entrada para carros, uma tabuleta ostenta o nome com que um antigo morador batizara a casa: "Grandes Esperanças".

Da varanda envidraçada descortina-se um antigo e valorizado bairro residencial, com amplas construções. Cercas vivas limitam o lote estreito escondendo parcialmente as casas vizinhas. Olhando em torno, George estranhou que todas as venezianas das janelas vizinhas que davam para o número 112 estivessem fechadas. As que davam para a frente dos lotes estavam abertas.

Aquela casa estava à venda havia quase um ano. Não constava das ofertas imobiliárias dos jornais da região, mas sua descrição na lista da agência de Edith Evans era bem clara:

"Em bairro residencial de alto luxo, mansão com seis quartos em estilo colonial

holandês, grande living, bela sala de jantar, varanda envidraçada, três banheiros e um lavabo. porão habitável decorado, garagem para dois carros, piscina com aquecimento e amplo abrigo para barcos. Preço: 80.000 dólares."



Oitenta mil dólares por uma casa como aquela! Era uma pechincha! Provavelmente estava caindo em pedaços ou a datilógrafa esquecera um "1" antes do 80. Seria de se esperar que a corretora quisesse mostrar uma oferta suspeita como aquela à noite, e somente do lado de fora, mas a mulher correu de bom grado a casa toda com eles. Os Lutzes examinaram-na rapidamente, mas com atenção. Não somente o prédio atendia perfeitamente a todos os seus desejos, como estava, juntamente com as construções anexas, em perfeitas condições.

Sem hesitações, a corretora contou então ao casal que aquela era a casa DeFeo. Na região todo mundo aparentemente já ouvira falar na tragédia. Ronald DeFeo matara os pais, os dois irmãos e as duas irmãs enquanto dormiam, na noite de 13 de novembro de 1974. A imprensa e os telejornais haviam revelado que a polícia encontrara os seis mortos por balas de um rifle de alta potência. Os Lutzes iam descobrir mais tarde que estavam todos eles deitados na mesma posição: de barriga para baixo com as cabeças apoiadas sobre os braços. Diante da visão do massacre, Ronald DeFeo finalmente confessara: "Depois que comecei, foi tudo muito rápido. Eu simplesmente não pude mais parar."

No julgamento, o advogado indicado pelo tribunal para defender o réu pediu um veredicto de insanidade. "Durante os meses que antecederam o incidente", testemunhara o rapaz, "eu ouvia vozes, mas quando olhava em volta, não via ninguém. Portanto só podia ser Deus falando comigo."

Ronald DeFeo foi julgado culpado de assassinato e condenado a seis penas máximas consecutivas.

- Eu não sabia se deveria contar a vocês de quem era essa casa antes ou depois de a terem visto - disse a corretora. - Gostaria de ouvir a sua opinião. Pode me ser útil quando eu tiver clientes que desejem uma propriedade ria faixa dos 90.000 dólares.

Era óbvio que ela não acreditava que os Lutzes estivessem interessados numa casa tão cara. Mas Kathy deu uma olhada final na casa, deu um sorriso alegre e declarou:

- É a melhor que já vimos. Tem tudo que queríamos.

Evidentemente ela não esperava morar numa propriedade tão dispendiosa, porém George jurou a si mesmo que se estivesse dentro de suas possibilidades, aquela era a casa que daria à esposa. A história trágica do número 112 da Avenida Oceânica pouca importância tinha para George, Kathy ou as três crianças. Aquela era a casa que sempre haviam cobiçado.

No final de novembro e nas primeiras semanas de dezembro, os Lutzes passaram seus serões tecendo planos para as pequenas modificações que fariam na nova casa. A experiência de George como topógrafo capacitou-o a desenhar as plantas das alterações.

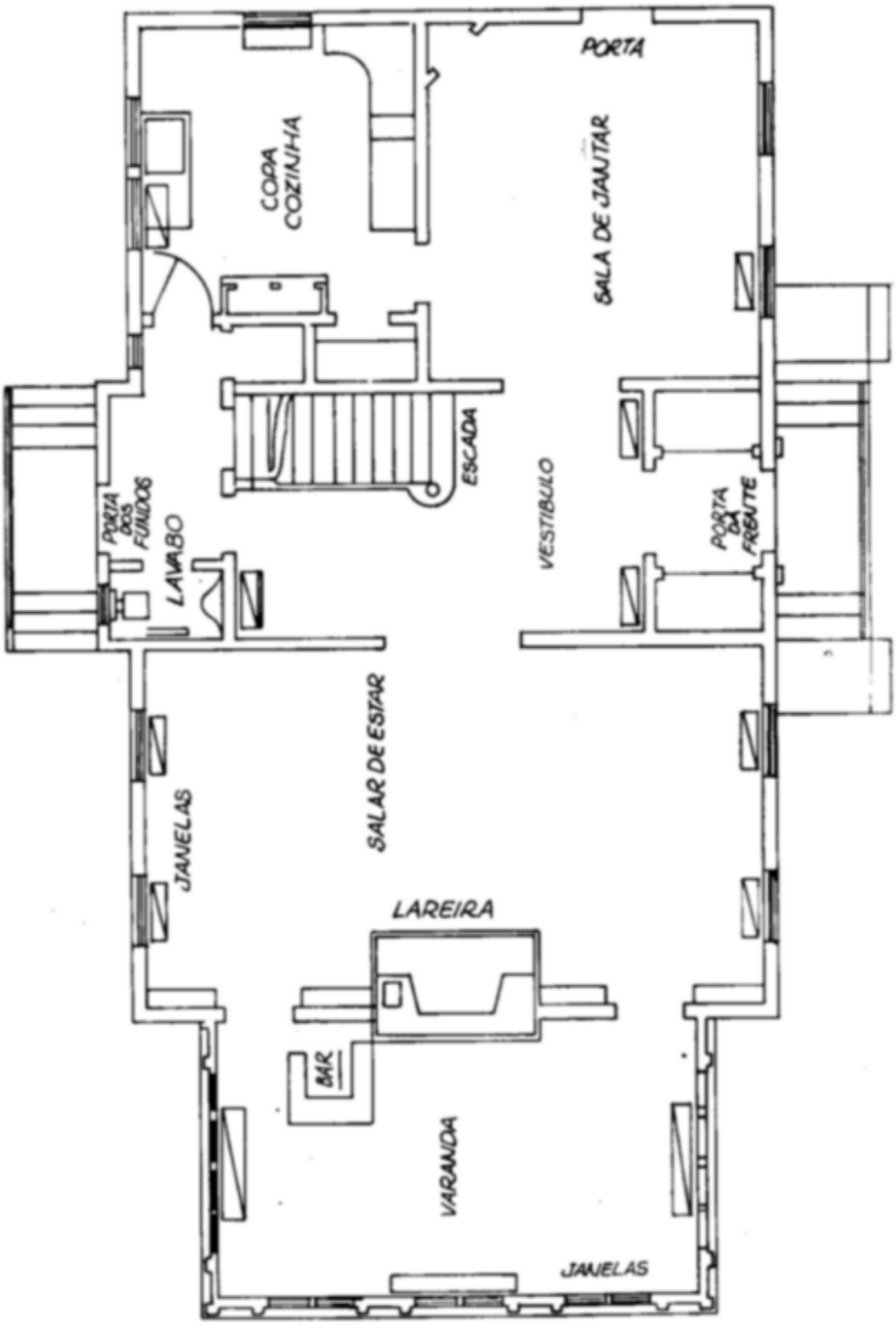
O casal decidiu que um dos quartos do terceiro andar ficaria para os dois meninos; Christopher, de sete anos, e Daniel, de nove. O outro serviria de quarto de brinquedos. Melissa, "Missy", a menina de cinco anos, dormiria no segundo andar no quarto em frente ao do casal. Teriam ainda um quarto de costura e um quarto de vestir para uso de George e Kathy. A partilha agradou às três crianças.

No andar térreo os Lutzes depararam com um. pequeno problema: não possuíam mobília de sala de jantar. Assim, resolveram que George diria à corretora que gostariam de comprar a sala de jantar dos DeFeos, móveis de quarto para Missy, uma poltrona, e o mobiliário do quarto de Ronald DeFeo. Essas peças e outras deixadas na casa, como a cama do casal DeFeo não estavam incluídas no preço da propriedade. George pagou mais quatrocentos dólares por essas aquisições. Juntamente com a casa, os Lutzes receberam sete aparelhos de ar-condicionado. duas lavadoras, duas secadoras, uma geladeira nova e um congelador.

Muita coisa precisava ser feita antes do dia da mudança. Além do transporte de todos os seus pertences, os Lutzes precisavam resolver complexas questões legais relativas à transferência do título de propriedade. A escritura da casa estava em nome dos pais de Ronald DeFeo. Aparentemente, sendo o único sobrevivente da família, Ronald deveria herdar os bens dos pais, apesar de ter sido condenado pelo seu assassinato. Nada poderia ser vendido sem a autorização do tribunal executor do testamento. Os testamenteiros

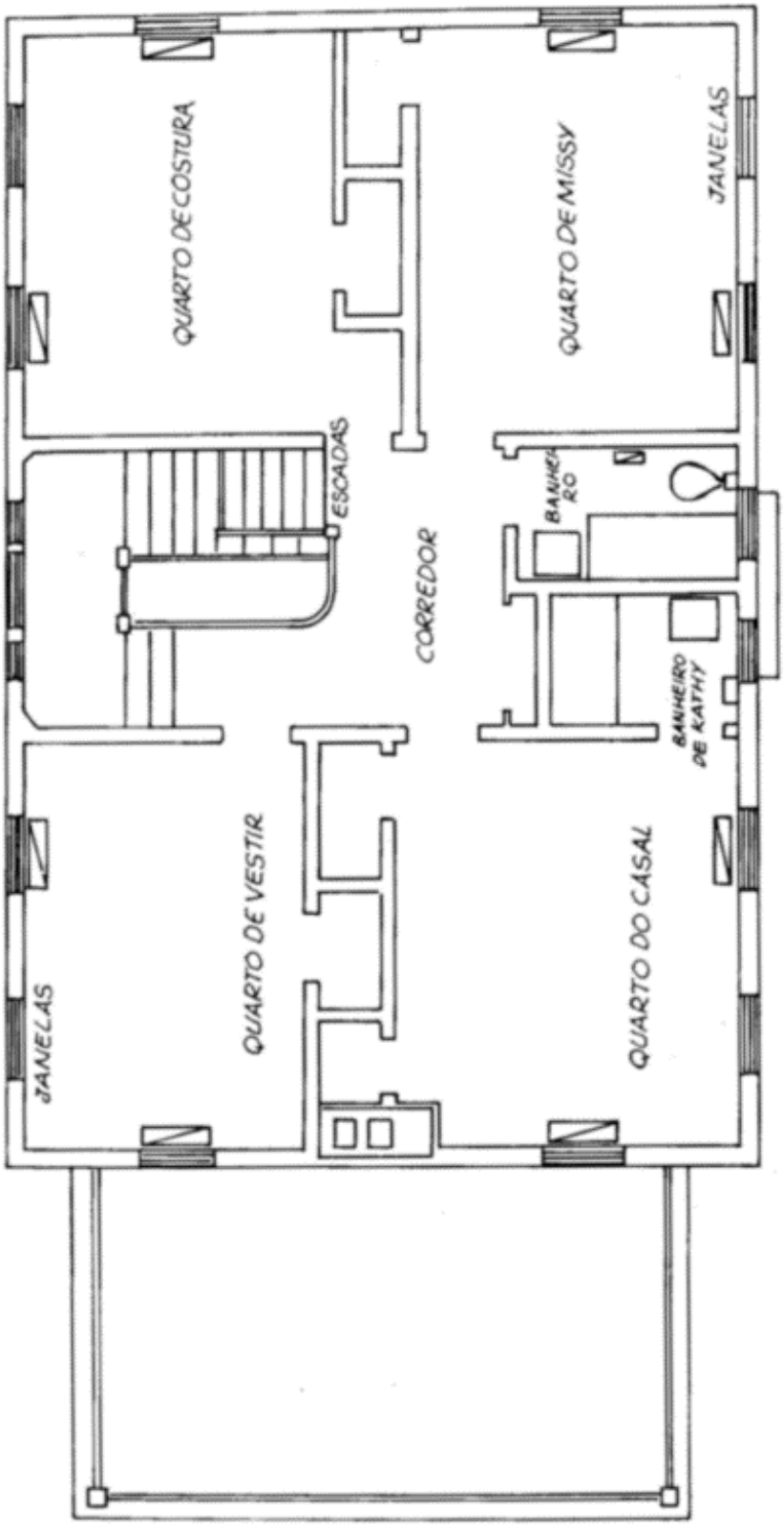
teriam de desfazer um verdadeiro emaranhado legal e levaria muito tempo para que pudesse ser concluída qualquer transação com a propriedade da Avenida Oceânica.

Os Lutzes descobriram que poderiam ser tomadas medidas legais para proteger os interesses de todos, caso a venda da casa fosse concretizada, mas para isso seriam necessárias várias semanas ou mais. Por fim decidiu-se que depositariam quarenta mil



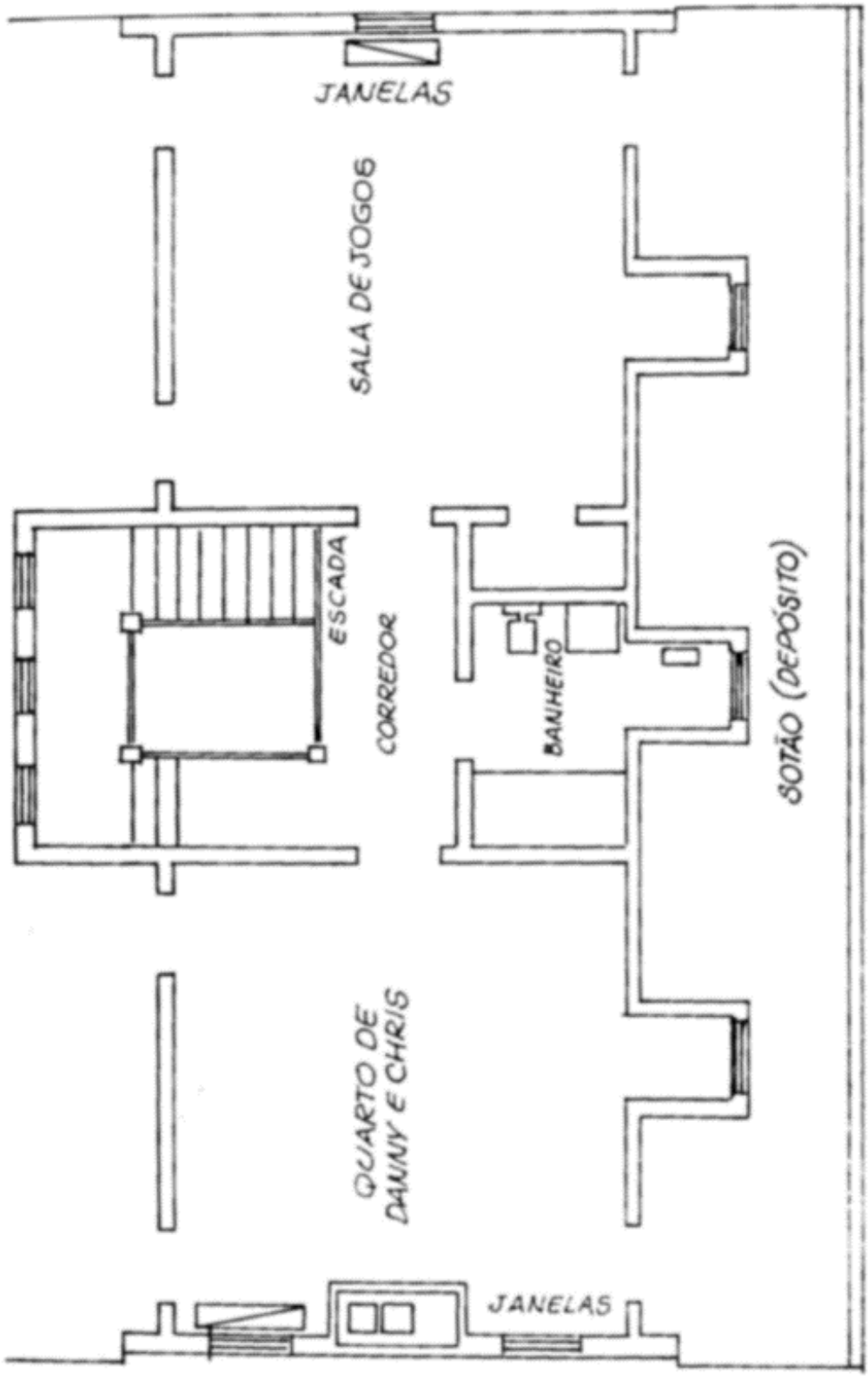
dólares ficando a casa hipotecada pelo restante até que pudessem obter uma escritura definitiva.

A transação foi marcada para a mesma manhã em que George e Kathy pretendiam deixar Deer Park. O casal decidiu fechar a venda de sua velha casa na véspera da



mudança, confiando que tudo daria certo. Provavelmente influenciados pela ansiedade de instalar-se em sua nova casa, resolveram tentar fazer toda a mudança num dia só.

O encaixotamento seria em grande parte tarefa de Kathy. Para que as crianças não a atrapalhassem, ela confiou-lhes pequenos serviços. Deveriam juntar seus próprios



brinquedos e empilhar suas roupas para serem encaixotadas. Quando terminassem, podiam começar a limpar seus quartos para torná-los apresentáveis aos novos donos.

George pretendia fechar o escritório de Syosset e transferir a sede da firma para sua nova casa, economizando assim o dinheiro do. aluguel. Contara com esse dinheiro ao calcular suas possibilidades para a compra de uma propriedade de oitenta mil dólares. O porão, totalmente decorado, era bastante adequado a esse fim. Entretanto, a mudança do equipamento e do mobiliário exigiria tempo, e seriam necessárias obras de carpintaria para que o porão pudesse ser transformado em escritório.

O abrigo de barcos de 13,70m por 6,60m situado no fundo do terreno não seria apenas um inútil item de ostentação para os Lutzes. George era proprietário de uma lancha de cruzeiro. de sete metros e meio e de um barco de corridas de quatro metros e meio. O abrigo permitiria poupar também o. aluguel alto que estava pagando numa marina. Levar os barcos para Amityville num trailer tornou-se para George uma obsessão, apesar das tarefas prioritárias que iam constantemente aparecendo.

Havia muito trabalho a ser feito, tanto dentro como fora da casa. Embora sem saber ao certo como arranjaria tempo, George pretendia tomar providências para que o frio não danificasse o jardim - cobrir os arbustos com estopa, recolher os bulbos e talvez tratar a grama com cal.

Muito habilidoso com ferramentas, George adiantou bastante vários projetos domésticos, e apesar do tempo escasso, deixava às vezes necessidades mais prementes para concentrar-se em tarefas mais agradáveis. Logo, porém, largou todo o resto para limpar a lareira e a chaminé. Afinal de contas, o Natal estava chegando.

O dia da mudança amanheceu muito frio. A família terminara de embalar seus pertences na noite anterior e dormira no chão. George levantou-se cedo e sozinho encheu o grande trailer, o maior que pudera alugar, terminando bem a tempo de ir com Kathy fechar a compra da casa.

Durante o rito legal, os advogados fizeram amplo uso do jargão jurídico, trocando entre si grande quantidade de papéis datilografados. O representante dos Lutzes explicou que, devido aos impedimentos, eles não- estavam ainda de posse total do imóvel, com apenas uma hipoteca nos melhores termos possíveis. Surpreendentemente, pouco depois do meio-dia já estava tudo concluído. Ao deixarem apressados o escritório, o advogado do casal assegurou-lhe que não haveria problemas e em seu devido tempo teriam uma escritura.

À uma hora, George entrou na casa puxando o reboque abarrotado que, além dos seus pertences, levava a geladeira, a lavadeira, a secadora e o congelador dos DeFeos que apanhara no guarda-móveis. Kathy seguia-o na caminhonete da família com as crianças e as bicicletas. Cinco amigos de George, homens vigorosos de menos de trinta anos, estavam à sua espera para ajudar no transporte das peças pesadas. A mobília, as caixas, os engradados, as barricas, malas, brinquedos e bicicletas foram levados para o pátio dos fundos ou para a garagem.

Só então George dirigiu-se para a porta principal, procurando a chave nos bolsos.

Irritado, voltou à cabina do caminhão e revistou-a com cuidado, antes de confessar a seus assistentes que não levara a chave. A corretora ficara com ela ao deixar o escritório dos advogados. George teve de telefonar para a agência pedindo que a mandassem.

Afinal a porta foi aberta e as crianças correram até suas caixas de brinquedos e deram início ao desfile de carregadores improvisados, Kathy encarregando-se de determinar o destino de cada volume.

As escadas estreitas dificultaram o transporte dos móveis para o segundo e o terceiro andar. Já passava de uma e meia quando o padre Mancuso chegou para benzer a casa,

DOIS

18 DE DEZEMBRO - O Padre Frank Mancuso não é apenas sacerdote. Além de desencumbir-se corretamente dos seus deveres pastorais, é advogado, juiz da Corte Católica e ativo psicoterapeuta.

Naquela manhã, o Padre Mancuso acordou inquieto. Algo o preocupava. Não sabia o que era, pois não tinha maiores problemas no momento. Rememorando a sensação, ele próprio qualificou-a de "mau pressentimento"

Passou toda a manhã meio atordoado. Hoje é quarta-feira, lembrou a si mesmo, tenho um almoço marcado em Lindenhurst, depois preciso benzer a nova casa dos Lutzes, e mamãe ainda me espera para jantar.

O Padre Mancuso conhecera George Lee Lutz dois anos antes. Apesar de George ser metodista, era amigo e conselheiro do casal desde antes do casamento. As três crianças eram filhas de Kathy, de um primeiro casamento, e como eram católicas, o Padre Mancuso julgava-se obrigado a cuidar dos seus interesses.

O jovem casal insistira várias vezes para que o amável sacerdote de barba bem cuidada almoçasse ou jantasse em sua casa em Deer Park, mas por motivos variados o convite nunca fora aceito. Agora George tinha uma razão especial para tornar a convidá-lo. Poderia o padre ir a Amityville benzer a nova casa dos Lutzes? O Padre Mancuso assentiu. Podiam esperá-lo no dia 18 de dezembro.

No mesmo dia em que concordou em ir à casa de George, o padre marcou também um almoço com quatro velhos amigos em Lindenhurst, Long Island. Ali fora sua primeira paróquia; agora estava em alta posição na diocese e morava na casa paroquial em North Merrick. Levando uma vida atarefada devido às suas múltiplas funções, é compreensível que desejasse matar dois coelhos de uma só cajadada, aproveitando-se do fato de Lindenhurst e Amityville ficarem a poucos quilômetros uma da outra.

O padre não conseguia livrar-se do "mau pressentimento", que persistia mesmo durante o agradável almoço com seus velhos camaradas, e demorou-se à mesa, protelando a hora de seguir viagem. Seus amigos perguntaram-lhe aonde ia

- Vou a Amityville.

- Para que parte de Amityville?

- A casa de dois jovens que têm três filhos. Eles moram na... - o padre consultou um pedaço de papel ... Avenida Oceânica, 112.

- Mas essa é a casa dos DeFeos - estranhou um dos amigos.

- Não, o sobrenome deles é Lutz, George e Kathleen Lutz.

- Não se lembra do caso DeFeo, Frank? - perguntou um deles. - Foi no ano passado. Um dos filhos matou os pais e todo o resto da família: dois irmãos e duas irmãs. Foi uma coisa horrível. Saiu em todos os jornais.

O Padre Mancuso fez um esforço de memória. Raramente lia as notícias, apenas uma ou outra história em quadrinhos.

- Não, acho que não lembro.

Três dos quatro companheiros de mesa eram padres e não acharam muito boa a idéia da bênção. A opinião geral foi que não deveria ir.

- Não, preciso ir. Prometi a eles.

Foi com apreensão que o Padre Mancuso percorreu os poucos quilômetros que o separavam de Amityville. Sentia que o que o preocupava não era o fato de ir à casa dos DeFeos, mas uma outra coisa ...

Passava da uma e meia quando chegou ao seu destino. A entrada da casa dos Lutzes estava tão cheia de carros que foi obrigado a estacionar o seu velho Vega azul na rua. Notou com prazer que a casa era imensa. Que bom que George tinha podido oferecer a Kathy e às crianças um lar tão confortável!

O padre retirou os objetos do culto do carro, vestiu a estola, apanhou a água benta e entrou na casa para dar início à bênção. Mas quando começou a proferir as palavras do ritual aspergindo a água benta, ouviu uma voz masculina ordenar com assustadora clareza: "Saia!"

Chocado, ergueu a cabeça e rodou nos calcanhares, os olhos arregalados de espanto. A ordem viera de um ponto, bem atrás dele, mas não havia ninguém na sala. Quem quer que tivesse dito aquilo, não estava à vista.

Terminou a bênção e não mencionou o incidente aos Lutzes. Eles agradeceram a delicadeza e o convidaram para a ceia que iriam improvisar naquela primeira noite na nova casa. O sacerdote recusou cortesmente, explicando que prometera jantar com a mãe, em Queens. Ela estava a sua espera, já ia ficando tarde e ainda tinha muitos quilômetros pela frente.

Kathy sentia-se muito grata pela presença do padre e George perguntou se aceitaria uma garrafa de uísque ou uma quantia em dinheiro, porém o Padre Mancuso recusou depressa, dizendo que não poderia aceitar propinas de um amigo.

Entrando no carro, o sacerdote baixou o vidro. Após nova troca de agradecimentos e votos de felicidades, dirigiu-se ao casal com uma expressão séria:

- Mudando de assunto, George, hoje eu almocei com amigos em Lindenhurst e um deles

me disse que essa era a casa dos DeFeos. Você sabia disso?

- Sabia, sim. Acho que foi por isso que a compramos tão barato. Ela estava à venda há muito tempo. Mas isso não nos preocupa. Ela tem realmente tudo o que desejávamos.

- Foi uma tragédia horrível, não acha, padre? - disse Kathy. - Pobre família! Imagine, os seis assassinados enquanto dormiam!

O padre assentiu. Em seguida, enquanto as crianças acenavam, afastou-se na direção de Queens.

Eram quase quatro horas quando George acabou de esvaziar o caminhão e voltou a Deer Park para carregá-lo novamente. Ao abrir a porta da sua antiga garagem, o cachorro escapuliu e teria fugido se não o houvesse agarrado pela coleira. Harry, o veloz e vigoroso mestiço de Malamute e Labrador, ficara de guarda junto ao resto da mudança. Dessa vez George levou-o consigo no caminhão.

No caminho para a casa da mãe, o Padre Mancuso tentou encontrar uma explicação racional para o que lhe acontecera na casa dos Lutzes. Quem ou o que seria capaz de dirigir-se a ele daquela forma? Afinal, em seu trabalho de psicoterapeuta, volta e meia encontrava pacientes que diziam ouvir vozes, um sintoma de psicose. Entretanto, estava convencido da própria sanidade.

Sua mãe recebeu-o efusivamente mas logo franziu a testa.

- O que há com você, Frank? Não está se sentindo bem?

O clérigo sacudiu a cabeça.

- Não, não estou muito cem por cento, não.

- Pois vá se olhar no espelho do banheiro.

Examinando-se ao espelho, o padre viu que tinha olheiras tão profundas que mais pareciam manchas de fuligem. Tentou removê-las com água e sabão inutilmente.

Chegando a Amityville, George levou Harry para o canil junto à garagem e prendeu-o a uma corrente de seis metros. Já passava das seis horas e, exausto, George decidiu deixar o resto da mudança no caminhão, embora o aluguel dele estivesse lhe custando quase cinqüenta dólares por dia. Porém continuou a trabalhar no interior da casa, colocando as peças do mobiliário da sala de estar em seus devidos lugares.

O Padre Mancuso saiu da casa de sua mãe depois das oito e tomou o caminho da casa paroquial. Na via expressa Van Vyck sentiu que o carro estava sendo empurrado para o acostamento da direita e olhou instantaneamente para trás. O veículo mais próximo estava a quinze metros de distância!

Logo depois de voltar para a pista de tráfego, o capô ergueuse de repente e foi se chocar contra o pára-brisa, arrebentando uma das fortes dobradiças! No mesmo instante a porta

da direita abriu-se. Freneticamente, o Padre Mancuso tentou frear o carro, mas o motor morreu por si só.

Abalado, o padre conseguiu finalmente chegar a um telefone e discou para um outro clérigo que morava próximo à rodovia. Felizmente o outro pôde levá-lo a uma garagem onde conseguiram um reboque para apanhar o carro avariado. Na auto-estrada o mecânico não conseguiu fazer o Vega pegar, e o padre resolveu deixar o veículo na garagem, seguindo com o amigo para a casa paroquial do Sagrado Coração.

Quase no limite de suas forças George decidiu encerrar o dia com uma tarefa mais agradável: ligar a sua vitrola ao equipamento de alta-fidelidade que os DeFeos haviam instalado na sala de estar, para que pudesse ouvir música com Kathy, completando as alegrias daquele primeiro dia na nova casa.

Mal começara o serviço, quando Harry começou a ganir alucinadamente do lado de fora. Danny entrou correndo em casa gritando que Harry estava morrendo. George correu para os fundos e viu que o pobre animal ia sendo estrangulado. O cão tentara pular por cima da cerca e ficara pendurado pelo pescoço, pois a corrente enroscara-se numa das estacas verticais da cerca. George libertou Harry, encurtou a corrente para evitar outro acidente, e voltou para a sua vitrola.

Uma hora depois que o Padre Mancuso voltara aos seus aposentos, o telefone tocou. Era o clérigo que o levara em casa.

- Sabe o que me aconteceu depois que eu o deixei?

O Padre Mancuso quase teve medo de perguntar o quê.

- Os limpadores do pára-brisa começaram a se agitar como loucos. Eu não consegui desligá-los! E não fui eu que os fez funcionar, Frank! Que diabo estará acontecendo?

Por volta das onze horas daquela sua primeira noite na casa, os Lutzes resolveram se deitar. O frio aumentara e a temperatura descera a quatorze graus abaixo de zero. Várias caixas vazias utilizadas na mudança queimavam agora na lareira em alegres labaredas. Estavam a 18 de dezembro de 1975, e ia terminando o primeiro dos vinte e oito dias que ali permaneceriam.

TRÊS

19 A 21 DE DEZEMBRO - George sentou-se na cama, subitamente desperto. Ouvira alguém bater na porta da frente.

Olhou em torno na escuridão, e por um momento ficou sem saber onde estava. Afinal se lembrou. Estava no quarto principal da nova casa. Ao seu lado Kathy dormia encolhida sob os quentes cobertores.

A batida repetiu-se.

- Meu Deus, quem será? - resmungou, pegando o relógio de pulso que deixara na mesa de cabeceira.

Eram três e quinze da madrugada! Novas batidas insistentes, só que desta vez não pareciam vir lá de baixo o sim de algum ponto à sua esquerda.

George levantou-se da cama, atravessou o assoalho nu e frio do corredor e entrou no quarto de costura que dava para o rio Amityville, nos fundos. Andou até a janela e examinou a escuridão. Ouvindo nova batida, forçou a vista.

- Onde é que o diabo desse cachorro se meteu?

Em algum ponto acima da sua cabeça soou uma pancada forte e George abaixou-se instintivamente e olhou para o teto. Ouviu um rangido abafado e lembrou-se de que o quarto dos meninos ficava em cima. Um deles devia ter empurrado, dormindo, algum brinquedo para o chão.

Descalço e apenas com as calças do pijama, George, agora tremendo de frio, tornou a olhar para fora. Epa! Alguma coisa estava se movendo junto ao abrigo de barcos. Ergueu rapidamente a vidraça e o ar gelado atingiu-o em cheio.

- Ei, quem é que está aí embaixo?

Nisso Harry latiu e se mexeu. A vista de George acostumou-se à escuridão e ele viu o cão erguer-se num pulo. O vulto moveu-se junto a Harry.

- Pega, Harry! Pega!

Nova pancada veio da direção do abrigo de barcos e Harry virou-se para lá, começando a correr de um lado para o outro dentro do seu cercado, latindo furiosamente, contido pela corrente.

George fechou a vidraça e correu para o seu quarto. Kathy acordara.

- O que aconteceu? - perguntou acendendo a lâmpada da sua mesa-de-cabeceira enquanto George enfiava as calças. - O que foi, George?

O marido virou o rosto barbudo para ela.

- Está tudo bem, querida. Eu só quero dar uma olhada lá nos fundos. Harry farejou alguma coisa lá perto do abrigo dos barcos. Provavelmente é algum gato. Preciso acalma-lo antes que ele acorde toda a vizinhança.

Enfiando os chinelos, dirigiu-se para a sua velha japona da marinha que estava em cima da cadeira.

- Eu volto já. Vá dormir.

Kathy apagou a luz.

- Está bem, mas vista o casaco. - Na manhã seguinte ela nem se lembrava de ter acordado.

Quando George saiu pela porta da cozinha, Harry ainda latia para o vulto que deslizava nas sombras. Havia um mourão encostado à cerca da piscina. George agarrou-o e correu na direção do abrigo de barcos. Foi então que viu a sombra mover-se e seu punho fechou-se com mais força em torno da estaca. Nova pancada.

- Merda! - praguejou George vendo que era a porta do abrigo que balançava com o vento batendo contra a parede. Pensei que a tinha trancado!

Harry latiu novamente.

- Ora, fique quieto. Harry! Deixe disso!

Meia hora depois George ainda não conseguira conciliar o sono. Ex-marinheiro, que há poucos anos deixara a caserna, estava bastante acostumado a chamadas noturnas de emergência, mas seu sistema de alarme interno estava demorando a desligar.

Esperando a volta do sono, começou a pensar no que se metera: um segundo casamento com três crianças, uma casa nova com pesada hipoteca. Os impostos em Amityville eram três vezes maiores do que os de Deer Park. Será que precisava mesmo daquele barco novo de corrida? Com que dinheiro iria pagar tudo aquilo? As construções em Long Island estavam quase paradas por causa da dificuldade de crédito, e pelo jeito não iriam aumentar enquanto os bancos não facilitassem. Se ninguém estava construindo casas ou comprando terrenos, quem diabo é que precisaria de um topógrafo?

Kathy virou-se dormindo e passou o braço pelo pescoço de George mergulhando o rosto no pescoço do mando. George cheirou seus cabelos. Ela tinha um cheiro limpo e agradável, pensou. Gostava daquilo. E mantinha as crianças sempre impecáveis. George lembrou-se que as crianças agora eram seus filhos também. E apesar de todos os problemas, valia a pena.

Olhou para o teto. Danny era um bom menino, interessava-se por tudo e desempenhava-se bem de quase todas as suas tarefas. Estavam ficando mais íntimos agora. Danny estava começando a chamar o padrasto de papai, em vez de George. De certa maneira estava contente por não ter conhecido o ex-marido de Kathy; assim podia pensar em Danny como se o menino fosse seu. Kathy dizia que Chris era o retrato do pai, com os mesmos gestos, os mesmos olhos castanhos, os mesmos cabelos crespos. Quando George censurava-o por alguma coisa, os cantos da boca do garoto caíam e lançava-lhe um olhar magoado com os olhos imensos.

Gostava do jeito com que os dois meninos cuidavam da pequena Missy. Ela era muito travessa e inteligente para os seus cinco anos. Nunca lhe dera trabalho desde que conhecera Kathy, era meiga e obediente. Na verdade, todos os três eram obedientes. Tinha três ótimos filhos.

Já eram seis horas quando George finalmente caiu num sono pesado. Pouco depois Kathy acordou e correu os olhos pelo quarto estranho tentando ordenar seus pensamentos. Estava na casa nova. O marido estava ali ao seu lado e as três crianças dormiam em seus quartos. Não era maravilhoso? Deus tinha sido bom com ela.

Kathy tentou livrar-se com delicadeza do abraço de George. O pobre homem trabalhara muito na véspera e ainda tinha muito para fazer. Deixe que durma. Ela é que não podia ficar mais na cama, tinha muito a fazer na cozinha e era melhor começar antes de as crianças acordarem.

Embaixo, acendeu a luz da sua nova cozinha. Ainda estava escuro lá fora. Pilhas de caixas contendo pratos, copos e panelas se amontoavam no chão e em cima da pia. As cadeiras ainda estavam pousadas sobre a mesa de canto. Esse vai ser um recanto feliz para toda a família, pensou. Podia ser também o lugar adequado para a meditacão transcendental, que George praticava havia dois anos e ela havia um. Ele era adepto da MT desde o término do seu primeiro casamento, quando fizera terapia de grupo e interessara-se pela prática. George transmitira esse interesse à Kathy, mas ultimamente, com toda a faina da mudança, ela abandonara seu hábito de isolar-se diariamente por alguns minutos para meditar.

Kathy lavou a cafeteira elétrica, encheu-a, ligou-a na tomada e acendeu o primeiro cigarro do dia. Depois sentou-se à mesa com uma xícara de café, um lápis e um bloco, e começou a organizar uma lista do que precisava fazer. Estavam a 19, Sexta-feira. As crianças só iriam para a nova escola depois das férias de Natal. O Natal! Ainda havia tanta coisa a fazer...

Kathy sentiu que alguém estava olhando para ela. Espantada, virou a cabeça para trás. Sua filhinha estava em pé na porta.

- Missy! Você me deu um susto danado. O que foi? Por que acordou tão cedo?

Os olhos da menina estavam semifechados e os cabelos louros caíam-lhe pelo rosto. Ela olhou em torno sem entender bem onde estava.

- Eu queria ir para casa, mamãe.

- Você está em casa, Missy. Esta é a sua nova casa. Venha cá.

Missy correu e pulou no colo da mãe. As duas mulheres da casa ficaram sentadas na confortável cozinha e Kathy embalou a filha até que tornasse a adormecer.

George desceu depois das nove. A essa altura os garotos já tinham terminado o desjejum e estavam lá fora, brincando com Harry e investigando o terreno. Missy dormia outra vez em seu quarto.

Kathy ergueu os olhos para o seu atlético marido parado na porta. Não raspara a barba sob as maçãs do rosto e ainda não penteara os cabelos de um louro escuro, o que significava que não tomara banho.

- O que aconteceu? Você não vai trabalhar?

George sentou-se pesadamente à mesa.

- Não. Tenho de descarregar o caminhão e levá-lo a Deer Park. Vamos ter de pagar mais 50 dólares por não tê-lo devolvido ontem. - George olhou em torno, bocejou e estremeceu. - Está frio aqui. O aquecimento não está ligado?

Os meninos passaram correndo pela porta da cozinha gritando qualquer coisa para o cachorro. George ergueu os olhos.

- O que é que há com esses dois? Você não consegue mantê-los quietos, Kathy?

Ela virou-se para o marido.

- Ei, não grite comigo! Você é o pai deles, lembra-se? Fale você mesmo com eles!

George bateu na mesa com a mão aberta. A pancada surda fez Kathy pular.

- Está bem! - gritou e dirigiu-se para a porta da cozinha; Danny, Chris e o cão passaram correndo numa grande algazarra. - Ei, vocês aí! Parem com isso!

Sem esperar a reação dos meninos, bateu a porta e afastou-se furioso.

Kathy ficou pasma. Aquela fora a primeira vez que ele perdera a paciência com as crianças. E por tão pouco! Não estava de mau humor na véspera.

George descarregou sozinho o caminhão e depois levou-o a Deer Park levando a motocicleta na traseira para poder voltar para Amityville. Durante todo aquele dia não tomou banho, nem fez a barba, e ficou reclamando do frio e do barulho que as crianças faziam no quarto de brinquedos do terceiro andar.

Ranzinzou o dia inteiro e, quando foi se deitar, por volta das onze da noite, Kathy já tinha ganas de estrangulá-lo. Estava exausta da arrumação e do esforço gasto em tentar

conservar as crianças longe do marido. De manhã cedo pretendia limpar os banheiros, mas por aquele dia era só. Ela ia era se deitar.

George ficou na sala de estar, alimentando incessantemente o fogo da lareira. Apesar do termostato acusar 24 graus centígrados, estava com frio. Já devia ter descido ao porão uma dúzia de vezes para verificar o aquecimento a óleo.

À meia-noite, George finalmente subiu as escadas com passos pesados e, caindo na cama, adormeceu imediatamente. Mas às três e quinze da madrugada despertou de súbito.

Alguma coisa o preocupava. O abrigo de barcos. Teria trancado a porta? Não se lembrava. Tinha de ir até lá verificar. Encontrou a porta fechada e trancada a chave.

Nos dois dias seguintes a família Lutz começou a sofrer uma mudança coletiva de personalidade. Como George comentaria mais tarde, "não foi algo que desse logo na vista, mas começou por uma coisinha aqui, outra ali... " Não fez a barba, nem tomou banho, hábitos a que obedecia religiosamente. Costumava dedicar o máximo de tempo possível a seus negócios; dois anos antes tivera até um segundo escritório em Shirley para atender aos construtores da Costa Sul. Mas limitou-se a apenas telefonar a Syosset e dar ordens bruscas a seus empregados exigindo que terminassem logo alguns serviços de topografia, já que estava precisando de dinheiro. Quanto à arrumação do porão para a mudança do escritório, nem cogitou do assunto.

George passou a reclamar todo o tempo que a casa parecia uma geladeira e era preciso aquecê-la. Concentrou quase todos os seus esforços em alimentar o fogo da lareira com achas de lenha, com exceção dos momentos em que ia até o abrigo de barcos, onde ficava parado com os olhos fixos até voltar de novo para a sala. Até mesmo agora não sabe dizer o que procurava lá; só sabe que algo o atraía para aquele local.

O impulso era praticamente uma compulsão. Em sua terceira noite na nova casa tornou a acordar às três e quinze preocupado com o que poderia estar acontecendo lá fora.

As crianças também o aborreciam. Desde a mudança pareciam uns moleques, uns monstrinhos indisciplinados, crianças desobedientes que mereciam ser severamente punidas.

Kathy começou a ter a mesma impressão. Estava nervosa devido ao seu relacionamento tenso com o marido, e seu afã de colocar a casa em ordem antes do Natal. Em sua quarta noite na casa, explodiu e juntamente com George deu uma surra em Danny, Chris e Missy com um cinto e uma grande e pesada colher de madeira.

Os três tinham acidentalmente quebrado um pequeno vidro em forma de meia-lua de uma das janelas do quarto de brinquedos.

QUATRO

22 DE DEZEMBRO - Na manhã de segunda-feira fazia um frio intenso em Amityville. A cidadezinha fica em Long Island, na costa do Atlântico, e o vento marítimo castigava-a severamente. O termômetro chegou a 13,5 graus abaixo de zero e os meteorologistas começaram a prever neve para o Natal.

No número 112 da Avenida Oceânica, Danny, Chris e Missy Lutz estavam no quarto de brinquedos, os ânimos um tanto abatidos em conseqüência da surra da véspera. George ainda não fora ao escritório e, sentado diante da lareira na sala de estar, adicionava novas achas às sôfregas labaredas. Kathy escrevia na mesa da cozinha.

Ela tentava organizar uma lista de compras de Natal, mas sua concentração era falha. Estava amolada por ter batido nas crianças, especialmente daquela maneira grosseira. Faltavam ainda muitos presentes e Kathy sabia que deveria ir ao centro comercial adquiri-los, mas desde a mudança não tinha vontade alguma de sair de casa. Acabara de escrever o nome de sua tia Theresa, quando ficou paralisada, a mão suspensa no ar.

Alguma coisa viera por trás dela e a abraçara. Em seguida afagou sua mão. O contato era confortador, com certa força interior. Kathy levara um susto, mas não sentia medo; o gesto era o de uma mãe consolando a filha. Kathy tinha a impressão que uma suave mão feminina repousava sobre a sua!

- Mamãe! Venha aqui em cima depressa! - era a voz de Chris do hall do terceiro andar.

Kathy ergueu os olhos. O encantamento estava quebrado, o contato desfeito. Correu escada acima atendendo ao chamado das crianças. Os três estavam no banheiro olhando para a privada. O interior do vaso estava inteiramente negro como se tivesse sido pintado do fundo até a borda. Ela acionou a descarga e a água limpa correu, mas a louça continuou negra.

Kathy arrancou um monte de papel higiênico e esfregou o interior do vaso tentando tirar a sujeira.

- Não posso acreditar! Ontem mesmo eu esfreguei esse vaso com Clorox! - virou-se para as crianças com um ar acusador: - Vocês jogaram tinta aqui dentro!

- Oh, não, mamãe! - os três protestaram em coro.

Kathy tinha ganas de arrancar os cabelos. O incidente da mesa do café fora esquecido. Olhou para a pia e para a banheira, mas tanto uma quanto a outra reluziam de limpas. Abriu as torneiras. Nada além de água, límpida e transparente. Sem esperanças de que a substância preta desaparecesse, deu nova descarga no vaso.

Abaixando-se, olhou na base da privada para ver se descobria algum vazamento. Nada. Por fim virou-se para Danny.

- Vá buscar a água sanitária no meu banheiro. Está no armarinho embaixo da pia.

Missy ia saindo, mas ela chamou-a:

- Missy, fique aqui. Deixe que Danny vai buscar. - O menino saiu obedientemente e ela gritou: - E traga também a escova de limpeza.

Chris olhou para a mãe com os olhos rasos de água. - Não fui eu que fez isso. Não me bata outra vez, por favor!

Kathy olhou o menino pensando na noite da véspera.

- Não, querido, sei que a culpa não é sua. Acho que aconteceu alguma coisa com a água. Talvez tenha entrado óleo no encanamento. Vocês não notaram nada antes?

- Fui eu quem descobriu! - vangloriou-se Missy. - Eu estava apertada.

- Hum. Bem, vamos ver se a água sanitária resolve antes de falar com o seu pai.

- Mamãe! Mamãe! - o grito veio lá de baixo.

Kathy respondeu da porta do banheiro:

- O que foi, Danny? Procure embaixo da pia.

- Não é isso, mamãe, eu já encontrei! É que a sua privada também está preta! E está um fedor danado aqui!

A porta do banheiro de Kathy dava para o quarto do casal. O menino estava do lado de fora apertando o nariz quando Kathy e as outras duas crianças desceram correndo.

Assim que pôs o pé no quarto, Kathy sentiu um perfume adocicado e penetrante. Parou, fungou e franziu a testa.

- Que diabo de cheiro é esse? Não é a minha colônia.

Porém ao entrar no banheiro sentiu o impacto de algo bem diferente. Um fedor nauseabundo fez Kathy tampar a boca e o nariz e tossir sufocada. Mas antes de sair correndo, seus olhos deram com a privada. O interior estava completamente negro.

Correu para a escada quase tropeçando nas crianças.

- George!

- O que é que você quer? Estou ocupado!

Kathy entrou sem fôlego na sala de estar e correu para junto do marido, que estava agachado junto a lareira.

- É melhor você vir olhar! Nosso banheiro está cheirando a rato morto e a privada está toda preta! - exclamou e, agarrando a mão dele, puxou-o na direção da escada.

George descobriu que a privada do outro banheiro do segundo andar também estava preta, mas não cheirava mal. Entrando no quarto do casal, estranhou o perfume.

- Que diabo é isso? - disse, dirigindo-se às janelas e abrindo-as. - Primeiro vamos diminuir esse cheiro.

Ia saindo para o corredor quando ouviu a voz de Kathy:

- George! Venha ver isso!

Um dos cômodos dos fundos do segundo andar, que fora reservado para quarto de costura, tinha duas janelas: uma que dava para o rio e para o abrigo de barcos (a que George abrira na primeira noite ao acordar às 3:15), e outra que dava para o vizinho da direita. Nesta janela, pousadas de encontro à vidraça zumbiam literalmente centenas de moscas!

- Olhe só isso! Moscas, a essa altura do ano! Será que elas foram atraídas pelo cheiro?

- Podia ser, se não fosse o frio. Nunca vi moscas em dezembro com um tempo desses. E também por que só nessa janela?

George examinou o quarto tentando descobrir de onde provinham os insetos. Havia um armário a um canto e espiou para ver se não teria fendas no revestimento ou qualquer coisa que explicasse o fenômeno.

- Se a parede dos fundos desse armário desse para o banheiro, o calor poderia tê-las mantido vivas, mas a parede dá para fora - encostou a mão nos tijolos. - E está gelada. Não vejo como poderiam ter sobrevivido aqui.

George mandou a família sair e trancou a porta. Em seguida abriu a janela, tocou a maior parte das moscas para fora com um jornal velho. matou as restantes e fechou a janela. A essa altura o segundo andar estava gelado, mas pelo menos o odor adocicado se evaporara. O fedor no banheiro também diminuíra.

Tudo isso em nada contribuiu para melhorar o aquecimento da casa. Embora mais ninguém estivesse reclamando da temperatura, George foi verificar se a caldeira do porão estava funcionando direito. Estava. Por volta das quatro da tarde, o termostato acusava 27 graus, mas ele continuava sentindo frio.

Kathy esfregara a camada negra dos vasos com detergente, desinfetante e água sanitária. Houve algum efeito, mas grande parte da louça continuava impregnada da substância negra. O que estava em pior estado era o vaso do banheiro anexo ao quarto de costura.

Fora, a temperatura subira para seis graus abaixo de zero, e as crianças tinham saído para brincar com Harry. Kathy proibira-as de brincar no cais ou no abrigo de barcos, explicando que era perigoso sem a supervisão de um adulto.

Depois de apanhar mais lenha na pilha guardada na garagem, George sentou-se na cozinha com Kathy. Os dois logo começaram a discordar violentamente a respeito de quem deveria fazer as compras de Natal.

- Pelo menos você podia ir escolher o perfume de sua mãe! - protestou George.

- Eu tenho de arrumar a casa! - explodiu Kathy. - E não vejo você fazer nada a não ser reclamar!

Alguns minutos depois, a discussão amainou, e Kathy ia referir-se ao misterioso incidente da mesa do café, quando a campainha da porta da frente tocou.

Um homem com uma calva incipiente, entre os 35 e os 45 anos, estava em pé na escada com um sorriso hesitante e uma embalagem de seis latas de cerveja na mão. Seus traços eram pesados e tinha o nariz vermelho devido ao frio.

- Toda a vizinhança está querendo vir lhes dar as boas-vindas. Vocês não se incomodam, não é?

O camarada usava um casaco de lã três-quartos, calças de veludo corduroy e pesadas botas. George achou que ele não tinha o aspecto de alguém que pudesse ser proprietário de uma das mansões daquela zona.

Antes de se mudarem para Amityville, George e Kathy haviam pensado em organizar uma reunião informal para conhecer os novos vizinhos, mas não haviam voltado ao assunto. George sorriu para o representante do comitê de recepção.

- Não, é uma boa idéia. Se ninguém se importa de sentar em caixas, que venham todos.

George levou-o até a cozinha e apresentou Kathy. O homem repetiu o que já dissera a George. Kathy assentiu e o visitante disse que guardava seu barco na casa de um vizinho, logo adiante.

O tempo todo o homem não largou as latas de cerveja, e por fim declarou:

- Eu as trouxe, eu as levo - e com essas palavras, saiu.

George e Kathy nunca descobriram o seu nome, nem tornaram a vê-lo.

Aquela noite, antes de dormir, George fez a sua habitual vistoria, trancando todas as portas e janelas, dentro e fora da casa. Assim, quando acordou novamente às 3:15 da madrugada e não resistiu à compulsão de descer, foi com assombro que viu que a pesada porta da frente de madeira de mais de cem quilos estava escancarada, presa apenas por uma dobradiça!

CINCO

23 DE DEZEMBRO - Com o barulho que George fez tentando recolocar a pesada porta no lugar, Kathy acordou. Ao sentir o ar gelado, enfiou um roupão e desceu correndo, encontrando o marido curvado sob o peso da porta.

- O que aconteceu?

- Não sei - respondeu George conseguindo finalmente fechar a porta. - Essa monstra estava escancarada, pendurada apenas numa dobradiça. Olhe só para isso - apontou para a fechadura de bronze. A maçaneta estava retorcida e o espelho deformado como se alguém houvesse usado um pé de cabra para arrancá-la, mas pelo lado de dentro!

- Alguém estava tentando sair da casa, e não entrar! exclamou George, e murmurou mais para si mesmo do que para Kathy: - Não consigo entender o que está acontecendo por aqui ... Tenho certeza de que tranquei essa porta antes de subir. Para abri-la aqui de dentro era só virar a chave ...

- Está do mesmo jeito do lado de fora? - perguntou Kathy.

- Não. Não há nada de errado com a maçaneta ou com o espelho do outro lado. Olhe, só alguém com uma força espantosa conseguiria arrancar uma porta pesada dessas das dobradiças ...

- Talvez tenha sido o vento, George - sugeriu Kathy esperançosa. - Parece que o vento aqui não é sopa.

- Não houve ventania nenhuma, e só um tornado seria capaz de tal façanha. Foi gente ou coisa parecida quem fez isso!

Os Lutzes encararam-se. Kathy foi a primeira a reagir à idéia.

- As crianças! - virou-se e correu escada acima até o quarto de Missy.

Uma lâmpada fraca no feitio de um ursinho estava ligada na tomada junto à cama da menininha. À luz tênue Kathy vislumbrou o vulto de Missy deitada de barriga para baixo.

- Missy? - sussurrou Kathy debruçando-se sobre a cama. A menina gemeu e virou-se de lado.

Com um suspiro de alívio, Kathy ajeitou as cobertas sob o queixo da filha. O ar gelado que entrara pela porta aberta descera a temperatura até daquele quarto. Beijando a testa de Missy, Kathy saiu em silêncio e subiu ao terceiro andar.

Danny e Chris dormiam pesadamente, ambos de barriga para baixo. "Mais tarde, quando refleti sobre isso" - iria dizer Kathy - "pensei que aquela fora a primeira vez em que os vira dormindo nessa posição, e logo todos os três de barriga para baixo! Lembro até que quase disse a George que aquilo me parecia muito estranho."

De manhã, a onda de frio que atingira Amityville ainda não se desfizera. Estava nublado e o rádio a toda hora anunciava neve para o Natal. O termostato do vestíbulo da casa dos Lutzes ainda acusava 26,5 graus, mas George estava de novo na sala de estar alimentando a lareira. Dissera a Kathy que estava gelado até os ossos e não entendia como é que ela e as crianças não se queixavam do frio.

O conserto da fechadura era tarefa complexa demais, mesmo para um homem habilidoso como George. O serralheiro local chegou por volta das onze como prometera, fez um exame longo e meticuloso das avarias e depois lançou um olhar desconfiado para George, mas não fez nenhuma pergunta sobre como aquilo teria acontecido.

O homem executou o serviço em silêncio e com rapidez. Antes de sair, comentou apenas que os DeFeos o haviam chamado uma vez, dois anos antes.

- Eles estavam tendo problemas com a fechadura do abrigo de barcos. Quando a porta era fechada pelo lado de dentro, costumava enguiçar, prendendo quem estivesse lá.

George teve vontade de dizer alguma coisa sobre os seus problemas, mas Kathy deteve-o com um olhar. Nenhum dos dois queria que se espalhasse pela cidade a história de que estavam acontecendo coisas estranhas no número 112 da Avenida Oceânica.

Por volta das duas da tarde, o frio começou a diminuir, mas uma garoa fina mantinha as crianças dentro de casa. George ainda não fora trabalhar, passando o tempo entre a sala de estar e o porão, alimentando o foco ou verificando o funcionamento da caldeira a óleo. Danny e Chris estavam no quarto de brinquedos do terceiro andar, divertindo-se ruidosamente. Kathy voltara à sua arrumação, forrando as prateleiras dos armários. Ao entrar no quarto do casal, viu que Missy estava sentada na sua cadeirinha de balanço, cantarolando baixinho e olhando para a janela que dava para o abrigo de barcos.

Kathy ia falar com a filha quando o telefone tocou; atendeu na extensão que havia no quarto do casal. Era sua mãe dizendo que no dia seguinte - véspera de Natal - iria visitá-la - e que Jimmy o irmão, de Kathy, ia levar uma árvore de Natal como presente de boas-vindas.

Kathy disse que ficava aliviada por saber que o problema da árvore ficava assim solucionado, já que nem ela nem George haviam conseguido sair para fazer compras. Nisso viu, pelo canto dos olhos, Missy sair do seu quarto e entrar no quarto de costura. Sem deixar de prestar atenção no que a mãe dizia, Kathy perguntou-se o que Missy queria ali, lembrando-se do enxame de moscas da véspera. Ouvia a filha cantarolando no meio das caixas ainda fechadas.

Despedia-se, quando viu Missy sair do quarto de costura. No corredor, a menina calou-

se, e dirigiu-se para o quarto. Intrigada, Kathy agradeceu pela árvore e desligou, seguindo em passos silenciosos até a porta do quarto da filha.

A menina estava sentada na cadeira de balanço, olhando para a janela e cantarolando outra vez uma canção que não soube identificar. Kathy ia dizer qualquer coisa quando Missy se calou e, sem olhar para trás, perguntou:

- Mamãe, os anjos falam?

Kathy olhou a filha espantada. A menina adivinhara a sua presença! Mas antes que entrasse no quarto, um estrondo a fez pular. Os meninos! Temerosa, subiu correndo as escadas. No quarto de brinquedos Danny e Chris rolavam engalfinhados pelo chão, aos socos e pontapés.

- O que está acontecendo aqui? - gritou Kathy. - Danny! Chris! Parem com isso nesse minuto, ouviram?

Tentou separá-los, mas os dois pareciam uns alucinados, com os olhos cheios de ódio. Chris soltava gritos de raiva. Aquela era a primeira vez que os meninos se atracavam daquela maneira.

Deu uma palmada forte no rosto de cada um e exigiu que lhe explicassem como começara aquela estupidez.

- Foi o Danny! - fungou Chris.

- Seu mentiroso! Foi você quem começou! - replicou Danny.

- Começou o quê? Por que vocês estavam brigando? inquiriu Kathy alteando a voz. Nenhum dos dois respondeu. Ambos fecharam-se subitamente, afastando-se da mãe. O que quer que tivesse acontecido. Kathy sentiu que era um problema particular deles.

Foi quando a sua paciência se esgotou.

- O que está acontecendo nessa casa? Primeiro foi a Missy falando em anjos, e agora vocês dois como idiotas tentando se matar. Pois bem, eu não agüento mais! Vamos ver o que o seu pai tem a dizer sobre tudo isso. Depois vocês vão se ver com ele, mas agora eu não quero ouvir mais nem um pio de suas bocas. Estão ouvindo? Nem mais um pio!

Tremendo, Kathy voltou às suas prateleiras. Acalme-se, disse a si mesma. Ao passar pelo quarto da filha, viu que Missy estava entoando outra vez a mesma canção estranha. Teve vontade de entrar, mas pensou melhor e seguiu para o seu quarto. Falaria com George mais tarde, depois de se acalmar um pouco.

Pegou um rolo de papel de forração e abriu a porta do armário embutido. Instantaneamente, um cheiro desagradável penetrou em suas narinas.

- Meu Deus, o que será isso?

Puxou o cordão do interruptor que pendia do teto do armário e olhou em volta. O cubículo estava vazio, a não ser por um único objeto. No dia da mudança ela pendurara um crucifixo na parede dos fundos do armário, como fizera na casa de Deer Park. O crucifixo fora presente de casamento de uma amiga. De prata, era uma bela peça de uns trinta centímetros de comprimento e fora benta há muito tempo atrás.

Ao dar com ele, os olhos de Kathy arregalaram-se de horror. Estava ficando engasgada com o cheiro acre, mas não conseguia recuar. O crucifixo estava virado de cabeça para baixo!

SEIS

24 DE DEZEMBRO - Fazia quase uma semana que o Padre Mancuso estivera no número 112 da Avenida Oceânica. Os inquietadores acontecimentos daquele dia ainda estavam muito vivos em seu espírito, mas ele não os comentara com ninguém - nem com George, nem com Kathy e nem mesmo com o seu bispo.

Na noite do dia 23 começou a sentir-se gripado. Entre ataques de frio e de calor, levantara-se para medir a temperatura e o termômetro acusara 39,5. Tomou uma aspirina com esperança de que a febre baixasse. Estavam quase no Natal, época de múltiplos deveres pastorais - péssima ocasião para um padre adoecer.

Mergulhou num sono inquieto. Por volta das quatro da madrugada da véspera de Natal, acordou e verificou que sua temperatura atingira os 40 graus. Recorreu ao pároco, que resolveu chamar um médico. Enquanto esperava, começou a pensar na família Lutz.

Algo preocupava-o particularmente sem que pudesse atinar ao certo o que fosse. Não lhe saía da mente um quarto que acreditava ter visto no segundo andar da casa. Sua cabeça girava, mas a imagem era clara. O quarto estava cheio de caixas ainda por abrir e de uma das janelas via-se o abrigo de barcos.

O padre Mancuso lembra-se de, naquele estado febril, ter pensado na presença do mal, mas talvez estivesse. apenas delirando. Também lembra-se de ímpetos, quase obsessivos, de telefonar para os Lutzes e aconselhá-los a manterem-se afastados daquele quarto a todo custo.

A essa altura, em Amityville, Kathy Lutz também estava pensando no quarto do segundo andar. Volta e meia sentia necessidade de ficar algum tempo sozinha, e aquele iria ser o seu refúgio particular. Estava também indecisa entre o quarto de costura e a cozinha, sem saber qual seria o melhor lugar para a sua meditação. Aquele terceiro quarto do segundo andar poderia ainda servir de depósito para os seus guarda-roupas em expansão.

Entre os guardados do quarto de costura estavam as caixas de enfeites de Natal que há anos vinha comprando. Estava na hora de desembrulhar as bolas e as lâmpadas e prepará-las para ornamentar a árvore que seu irmão prometera trazer naquela noite.

Depois do almoço, Kathy pediu a Danny e a Chris que trouxessem as caixas para baixo, para a sala de estar. George estava mais interessado em avivar o fogo da lareira, e foi sem grande animação que se ocupou das luzes, testando as lâmpadas coloridas e desembaraçando os fios. Durante as horas seguintes, Kathy e as crianças entretiveram-se retirando o papel de seda que envolvia as delicadas bolas de cores vivas, os anjos de vidro e de madeira, os Papais Noel, patinadores, dançarinas, renas e bonecos de neve que Kathy fora adquirindo a cada ano depois do nascimento das crianças.

Cada criança tinha os seus enfeites preferidos, e as três os espalhavam delicadamente sobre as toalhas que Kathy estendera no chão. Alguns ainda datavam do primeiro Natal de Danny, mas naquela noite todos admiravam a contribuição de George para a árvore de Natal de sua nova família: uma galáxia de estrelas e quartos de lua em prata de lei com detalhes em ouro de 24 quilates. O ornamento de uns quinze centímetros de diâmetro possuía um gancho que permitia prendê-lo à árvore. A peça de artesanato alemão fora presente da avó de George, a qual, por sua vez, a ganhara da própria avó.

O médico viera à casa paroquial e confirmara que o Padre Mancuso estava realmente gripado, tendo-o aconselhado a ficar na cama um ou dois dias. A febre ainda deveria continuar por mais umas vinte e quatro horas.

O padre opôs-se à idéia de permanecer inativo com tantas tarefas a cumprir. Concordava em interromper por uma semana suas funções na Corte, mas alguns dos seus pacientes não poderiam dispensar tão facilmente as sessões de psicoterapia. Entretanto, tanto o médico como o pároco opuseram-se declarando que o sacerdote apenas iria prolongar sua doença se insistisse em trabalhar ou deixar o quarto.

Mas havia uma coisa que ele podia fazer: telefonar para George Lutz. O sentimento de apreensão que o quarto do segundo andar lhe provocara ainda o perseguia, causando-lhe tanta inquietação quanto a febre. Quando afinal fez a ligação, eram cinco da tarde.

Danny atendeu o telefone e correu para chamar o pai. Kathy surpreendeu-se com o chamado, mas não George que, sentado junto à lareira, estivera pensando no padre. O dia inteiro ele tivera vontade de telefonar para o religioso, sem saber ao certo o que queria lhe dizer.

George lamentou a doença do padre e ofereceu seus préstimos. Depois que o sacerdote agradeceu, passou a falar nos acontecimentos do dia. A princípio a conversa correu amena, a respeito dos enfeites de Natal e da árvore que Jimmy traria aquela noite.

- Preciso lhe falar sobre algo que está me preocupando - disse o padre. - Sabe aquele quarto que fica nos fundos do segundo andar e dá para o abrigo de barcos? Aquele em que estavam todas aquelas caixas?

- De certo, padre. Ali vai ser o quarto de costura e meditação de Kathy quando eu arranjar tempo para a arrumação. Ah, sabe o que encontramos lá outro dia? Moscas! Centenas de moscas! Imagine, moscas em pleno inverno!

George esperou a reação do padre Mancuso, que foi instantânea.

- George, não quero que você, nem Kathy, nem as crianças tornem a entrar naquele quarto. Vocês têm de ficar longe dele!

- Mas por que, Padre? O que há lá em cima?

Antes que o padre pudesse responder, fortes estalidos interromperam a ligação. Os dois afastaram os fones do ouvido, atordoados. George não conseguiu mais distinguir as

palavras do religioso. Tudo que ouvia era um irritante barulho de estática.

- Alô? Alô? Padre, não estou ouvindo! Há qualquer problema com a ligação.

Do outro lado, o Padre Mancuso também esforçava-se por ouvir George, mas só distinguiu dois fracos alôs. Por fim, desligou e tornou a discar o número dos Lutzes. A campainha tocou várias vezes, mas ninguém atendeu. O clérigo esperou até o décimo toque, quando desistiu, muito preocupado.

George ficou vários minutos sentado em frente ao aparelho silencioso esperando que o padre tornasse a ligar. Afinal, discou o número dos aposentos do Padre Mancuso na casa paroquial. Ninguém atendeu.

Na sala de estar, Kathy começou a embrulhar os presentes de Natal que comprara antes da mudança em vendas especiais na Sears e no centro comercial de Green Acres em Valley Stream: roupas para as crianças e outros artigos para George e o resto da família. Com tristeza, verificou que a pilha de caixas era modesta e reprovou-se silenciosamente por não ter largado a arrumação e terminado as compras. Os presentes de Danny, Chris e Missy eram poucos, mas agora era tarde demais para remediar a situação.

Kathy mandara as crianças para o quarto de brinquedos, para poder arrumar os presentes sozinha. Pensando na filha, lembrou-se de que não respondera à sua pergunta acerca de anjos falantes. Evitara a questão, dizendo a Missy que iria perguntar a George, mas esquecera-se do assunto. De onde Missy havia tirado aquela idéia? Teria a pergunta algo a ver com o estranho comportamento da menina em seu quarto? O que fora ela fazer no quarto de costura?

Os pensamentos de Kathy foram interrompidos pela entrada de George, que estivera falando ao telefone da cozinha. Com um ar estranho, ele evitava encarar a mulher, e Kathy estava esperando que o marido lhe dissesse o que o padre queria, quando a campainha da frente tocou. Kathy ergueu-se, surpresa.

- Só pode ser a mamãe! George, eles já chegaram e eu nem comecei a preparar a ceia! Abra você a porta! - ela exclamou correndo para a cozinha.

Jimmy Conners, o irmão de Kathy, era um rapaz grandalhão e robusto, que gostava muito de George. Naquela noite, seu rosto transmitia calor humano e alegria. Ia se casar a 26 de dezembro e convidara George para padrinho. Mas ao entrarem na casa, Jimmy com um respeitável pinheiro debaixo do braço, os rostos da mãe e do filho alteraram-se ao ver George, que fazia uma semana não se banhava nem se barbeava. Joan, a sogra, alarmou-se:

- Onde estão Kathy e as crianças?

- Kathy está preparando a ceia, e as crianças estão lá em cima no quarto de brinquedos. Por quê?

- Eu tive a sensação de que havia alguma coisa errada.

Aquela era a primeira vez que a mãe e o irmão de Kathy iam à nova casa, e George levou a sogra à cozinha. Em seguida, ele e o cunhado levaram a árvore para a sala de estar.

- Rapaz! Que bela fogueira você acendeu!

George explicou que não conseguia se esquentar e que desde o dia da mudança vivia com frio; só naquele dia a lareira já consumira dez achas de lenha.

- É, você tem razão - concordou Jimmy. - A casa está um bocado fria. Será que a caldeira não está com defeito? Ou talvez seja o termostato.

- Acho que não - respondeu George. - A caldeira a óleo está funcionando muito bem e o termostato acusa 27 graus. Vamos até o porão que eu lhe mostro.

O médico avisara o Padre Mancuso que a temperatura do corpo humano costuma subir no final da tarde. Apesar de sentir-se mal e com dores no estômago, volta e meia o padre lembrava-se dos estranhos problemas que o telefone dos Lutzes vinha tendo.

Já eram oito horas na casa paroquial e suas tentativas de se comunicar com George tinham sido infrutíferas. Várias vezes pedira à telefonista que verificasse se o telefone dos Lutzes estava com defeito. Todas as vezes a campainha tocava repetidamente do outro lado até que a supervisora interferia para dizer que a linha estava perfeita.

Por que George não lhe telefonara? O Padre Mancuso tinha certeza de que o amigo ouvira sua advertência sobre o quarto do segundo andar. Teria acontecido alguma coisa? Não confiava naquela casa da Avenida Oceânica e não podia ficar parado, sem fazer nada. Decidiu telefonar para um amigo do departamento de Polícia de Nassau.

A árvore de Natal estava armada na sala dos Lutzes. Danny, Chris e Missy ajudavam o tio Jimmy a enfeitá-la, cada qual querendo que seus enfeites favoritos fossem pendurados primeiro. George voltara ao seu mundo particular junto à lareira, enquanto Kathy e a mãe conversavam na cozinha. Ali era o seu porto seguro, o único lugar da casa em que ela se sentia bem.

Kathy queixou-se à mãe que, desde a mudança, George estava diferente.

- Mamãe, ele não toma banho, nem se barbeia. Não vai nem ao escritório. Só fica sentado diante daquela droga daquela lareira queixando-se do frio. E tem mais, toda noite ele se levanta e vai lá fora olhar o abrigo de barcos.

- O que é que ele vai ver lá? - perguntou a Sra. Conners.

- E eu sei? Ele só diz que precisa dar uma olhada para ver se o barco está em ordem.

- Isso não me parece coisa de George. Você já perguntou a ele se há algum problema?

- É claro! - Kathy ergueu as mãos - E ele se limita a jogar mais lenha no fogo! Em uma semana já gastamos quase um carregamento de lenha!

A mãe de Kathy estremeceu e abotoou o seu cardigã de lã.

- Bem, é verdade que aqui dentro está bem friozinho. Eu notei desde que chegamos.

Jimmy, em pé sobre uma cadeira na sala de estar, prendia a galáxia de George ao topo da árvore. Ele também estremeceu.

- Ei, George, será que não tem alguma porta aberta por aí? Estou sentindo um vento encanado nas minhas costas.

George ergueu os olhos.

- Acho que não. Tranquei tudo há pouco. Mas espere aí - acrescentou num impulso pensando no quarto do segundo andar.

Saindo da cozinha, Kathy e a Sra. Conners toparam com ele Sem dizer uma palavra, George subiu as escadas correndo.

- O que há com ele? - perguntou a Sra. Conners.

- Viu só? - replicou Kathy dando de ombros e começando a arrumar os presentes sob a árvore. Quando Danny, Chris e Missy contaram os embrulhos, houve um coro de expressões de desapontamento.

- Do que é que vocês estão reclamando? - retrucou George em pé na porta. - Parem com isso! Vocês não passam de uns garotos muito mimados!

Kathy ia reclamar de George por censurar as crianças na frente de sua mãe e do irmão, quando notou que o rosto do marido tinha uma expressão estranha.

- Foi você quem abriu a janela da sala de costura, Kathy?

- Eu? Eu nem subi mais lá em cima hoje!

George virou-se para as crianças:

- Algum de vocês voltou ao quarto de costura depois que trouxeram as caixas de lá?

Todos os três fizeram gestos negativos. George olhou para Kathy.

- O que foi, George?

- A janela está aberta. E as moscas voltaram.

Pam! Todos pularam. A pancada forte viera de algum lugar nos fundos. Novo estrondo e Harry começou a latir.

- É a porta do abrigo de barcos! Tornou a abrir! George virou-se para o cunhado: - Não

os deixe sozinhos! Eu volto já.

Pegando a japona no armário do hall, ele dirigiu-se à porta da cozinha. Kathy começou a chorar.

- Kathy, o que está acontecendo aqui? - perguntou a Sra. Conners alteando a voz.

- Ah, mamãe, eu não sei!

Um homem viu quando George saiu pela porta lateral e correu para os fundos. Ele sabia que aquela era a porta da cozinha porque já estivera antes no número 112 da Avenida Oceânica. Sentado num carro estacionado na frente da casa dos Lutzes, o homem viu quando George fechou a porta do abrigo de barcos.

O homem consultou o relógio. Eram quase onze horas. Ligando o microfone do rádio do carro, ele disse:

- Camaroto, aqui é Al. Pode avisar o pessoal de North Merrìck que a família da Avenida Oceânica 112 já está em casa.

O sargento A1 Gionfriddo, do Departamento de Polícia de Amityville, estava de serviço naquela véspera de Natal, como estivera também na noite em que a família DeFeo fora massacrada.

SETE

25 DE DEZEMBRO - Pela sétima noite a fio, George acordou exatamente às três e quinze. A luz do luar que invadia o quarto, ele via Kathy claramente. Sua mulher dormia de barriga para baixo.

Estendeu a mão para tocar seus cabelos. Nesse instante, Kathy acordou e olhou aterrorizada em volta. Havia pavor em seus olhos.

- Ela levou um tiro na cabeça - gritou Kathy. - Ela levou um tiro na cabeça! Eu ouvi a explosão dentro da minha cabeça!

O detetive Gionfriddo teria compreendido o terror de Kathy. Em seu relatório após as primeiras investigações na noite do assassinato dos DeFeos, Gionfriddo escrevera que Louise, a mãe da família, fora baleada no crânio enquanto dormia de barriga para baixo. Todos os outros, inclusive o marido deitado ao seu lado, tinham sido baleados nas costas enquanto dormiam na mesma posição. Essa informação constava do material entregue à promotoria do condado de Suffolk, mas nunca chegara ao conhecimento dos meios de informação. Na verdade, esse detalhe não viera a público nem no julgamento de Ronnie DeFeo.

Agora Kathy Lutz também sabia como Louise DeFeo morrera naquela noite. Ela estava no mesmo quarto em que se dera o assassinato.

George abraçou a sua trêmula esposa até que ela se acalmou e tornou a adormecer. Então, o impulso de ir à garagem de barcos apoderou-se novamente dele, e esgueirou-se em silêncio para fora. Já estava perto do canil de Harry, quando o cão acordou e levantou.

- Quieto, Harry. Está tudo bem. Calma, rapaz.

O cão tornou a sentar-se nas patas traseiras, e ficou olhando enquanto George experimentava o trinco do abrigo de barcos. A porta estava trancada. George abaixou-se e afagou o cão.

- Está tudo bem, rapaz. Vá dormir outra vez.

George virou-se na direção da casa e deu a volta à piscina.

A lua cheia era como uma lanterna gigante iluminando o seu caminho. Ergueu os olhos para o andar de cima e deteve-se aturdido. O seu coração deu um pulo. Da janela do seu quarto no segundo andar, Missy estava olhando para ele.

- Meu Deus! - exclamou George em voz alta.

Bem atrás da menininha, assustadoramente nítida, via-se a cabeça de um porco! George tinha a certeza de que podia ver dois horríveis olhinhos vermelhos dirigidos para ele!

- Missy! - ele gritou. O som de sua própria voz quebrou os elos de terror que o paralisavam. Correndo para a casa, George subiu as escadas feito um louco e acendeu a luz do quarto de Missy.

A menina estava deitada em sua cama de barriga para baixo. Aproximou-se e curvou-se sobre ela.

- Missy?

Nenhuma resposta. A menina dormia profundamente.

George ouviu um ruído atrás de si e virou-se num pulo. Junto da janela que abria para o abrigo de barcos, a cadeira de Missy balançava ritmadamente para frente e para trás!

Seis horas depois, às 9:30 da manhã, George e Kathy tomavam o seu café na cozinha, confusos e abalados com os fatos que estavam acontecendo em sua nova casa. Os dois tinham rememorado os incidentes que haviam presenciado separadamente, e agora tentavam decidir o que haveria de real ou imaginário em tudo aquilo. Era demais para eles.

Estavam a 25 de dezembro de 1975, dia de Natal. O tão esperado Natal branco ainda não se concretizara, pelo menos em Amityville, mas o frio intenso fazia prever neve a qualquer momento. Dentro da casa as três crianças brincavam perto da árvore com os poucos brinquedos que George e Kathy tinham podido comprar antes da mudança, oito dias antes.

George calculou que naquela primeira semana tinham consumido uns quatrocentos litros de óleo e todo um carregamento de madeira. Contara a Kathy que tinha tentado ligar outra vez para o Padre Mancuso, depois que ele o aconselhara a não entrar no quarto de costura. Kathy tentou também, mas ninguém atendeu, e ela concluiu que o padre tinha ido visitar a família por ser dia de Natal. Kathy ofereceu-se então para ir comprar lenha e comida.

Entretanto, não há qualquer mistério sobre o paradeiro do padre naquele dia de Natal. Encontrava-se em seus aposentos na casa paroquial do Sagrado Coração, ainda sofrendo as conseqüências da gripe. A virose não se atenuara em vinte e quatro horas como o médico previra, e a febre mantinha-se acima dos trinta e nove.

O padre sentia-se como um leão enjaulado. Trabalhador incansável devotado as suas tarefas pastorais, recusava-se a ficar na cama. Sua pasta estava cheia de papéis referentes aos casos da Corte que teria de julgar e aos pacientes em tratamento psicoterápico. Apesar da insistência do pároco para que repousasse, ele pretendia trabalhar o dia inteiro naquele Natal, Sobretudo perseguia-o uma sensação de inquietude, fruto de sua preocupação com os Lutzes.

George ouviu quando Kathy chegou das compras. Sabia que ela estava entrando de marcha à ré, devido ao rangido dos pneus no cascalho. Por uma razão qualquer, o ruído incomodou-o, e irritou-se com a mulher.

Indo ao seu encontro, George apanhou duas achas de lenha na caminhonete, levou-as para a lareira e sentou-se junto ao fogo recusando-se a esvaziar o veículo. Kathy enfureceu-se. A atitude e a aparência de George estavam lhe dando nos nervos. Sentia que os dois caminhavam para uma briga séria, mas resolveu conter-se, mantendo a boca fechada. Tirando as sacas de comida da caminhonete, deixou a lenha no veículo. Sabia que George iria buscá-la quando sentisse frio.

Kathy e George tinham dito às crianças que mantivessem distância do quarto de costura, sem mais explicações. Isso só provocara a curiosidade dos três, agora ansiosos por saber o que haveria escondido por trás da porta que agora era conservada fechada.

- Quem sabe se tem mais presentes de Natal lá? - sugeriu Chris.

Danny era da mesma opinião, mas Missy replicou:

- Eu sei por que não podemos ir lá. É por causa do Jodie.

- Quem é Jodie? - perguntou Danny.

- É um amigo meu. Ele é um porco.

- Ora, deixe de criancices, Missy. Você está sempre inventando bobagens - retrucou Chris em tom de mofa.

Às seis da tarde, Kathy preparava o jantar da família quando ouviu o choque de minúsculos e delicados flocos contra os vicia, George fora apanhar mais lenha na caminhonete e agora havia seis achas junto às chamas rutilantes, o suficiente para dros da janela da cozinha. Já escurecera, mas Kathy viu que nevava. A luz do aposento iluminava os flocos que caíam e Kathy ficou contemplando a neve que o vento jogava contra a vidraça.

- Neve, finalmente! - murmurou.

Natal e neve - a combinação familiar provocou-lhe uma consoladora sensação de conforto. A preocupada mulher lembrou-se dos Natais de sua meninice. Parecia-lhe que sempre houvera neve. Continuou olhando os delicados flocos. Lá fora as luzes coloridas das árvores dos vizinhos iluminavam a noite. Ao seu lado o rádio transmitia canções natalinas. A paz envolveu-a.

Depois do jantar, Kathy e George sentaram-se em silêncio na sala de estar. A árvore de Natal estava iluminada e a galáxia de prata acrescentava um lindo toque à decoração. Apenas uma noite, na velocidade em que iam sendo consumidas.

Kathy ocupou-se com as roupas das crianças, remendando os joelhos rotos das calças dos meninos e abaixando as bainhas de algumas calças de brim de Missy. A menina

crescia rápido e seus tornozelos já estavam à. mostra.

As nove horas, Kathy subiu ao quarto de brinquedos no terceiro andar com a intenção de levar Missy para a cama. Nisso ouviu a voz da menina no andar de baixo. Missy falava alto, obviamente conversando com alguém em seu próprio quarto. A princípio, Kathy pensou que fosse um dos meninos, mas depois ouviu Missy dizer:

- A neve é bonita, não acha, Jodie?

Quando Kathy entrou, a filha estava sentada na cadeirinha de balanço com os olhos fixos na vidraça. Kathy correu os olhos pelo quarto. Não havia mais ninguém lá.

- Com quem você estava falando, Missy? Com um anjo?

Missy virou-se para a mãe e em seguida olhou para um canto do quarto.

- Não, mamãe. É apenas o Jodie.

Kathy acompanhou o olhar da menina. Não havia nada lá. a não ser alguns brinquedos no chão.

- Jodie? É o nome de alguma das suas bonecas novas?

- Não. Jodie é um porco. Ele é meu amigo. Só eu posso vê-lo.

Kathy sabia que Missy, como outras crianças de sua idade, freqüentemente inventava pessoas e animais imaginários para conversar, e assim, concluiu que Jodie era mais um produto da fértil imaginação da filha. George ainda não lhe falara sobre o que vira no quarto da filha na noite anterior.

Outra surpresa aguardava Kathy no terceiro andar, onde ela subiu pouco depois. Danny e Chris já estavam em seu quarto de dormir vestindo os pijamas. Em geral os dois meninos queriam ficar brincando até depois das dez, mas naquela noite, às nove e meia, de iniciativa própria já se preparavam para deitar. Kathy perguntou-se a razão.

- O que é que há com vocês dois? Estou estranhando esse sono tão cedo.

Os meninos deram de ombros e continuaram a enfiar os pijamas.

- Aqui está mais quente, mamãe - disse Danny. - Não queremos mais ficar brincando lá.

Kathy foi ao quarto de brinquedos e verificou surpreendida que o aposento estava completamente gelado. Não havia nenhuma janela aberta, mas apesar disso o frio era glacial. Entretanto a temperatura no quarto ao lado e no vestíbulo era agradável. Tocou no radiador. Estava quente!

Kathy comunicou o caso a George que, sem querer abandonar o conforto da lareira, disse que no dia seguinte iria ver o que havia. À meia-noite o casal finalmente subiu para dormir.

Parara de nevar em Amityville, assim como a vinte e dois quilômetros de distância dali, na casa paroquial do Sagrado Coração em North Merrick. O Padre Mancuso afastou-se da janela. Sua cabeça doía. Seu ventre contraía-se com as cólicas causadas pela virose. Suava, e uma sensação de calor sufocante o fez despir o roupão. Foi quando sentiu uma série de tremores incontroláveis.

O sacerdote correu para a cama. Estava sob os cobertores, quando notou que o ar que lhe saía das narinas condensava-se em contato com a atmosfera do quarto.

- Que diabo está acontecendo? - murmurou para si mesmo, esticando a mão até o radiador junto à cama. O aparelho estava absolutamente frio.

O homem doente sentiu que começava outra vez a suar. Mergulhando mais fundo sob os cobertores, trouxe os joelhos até o queixo e, fechando os olhos, começou a rezar.

OITO

26 DE DEZEMBRO - Certa noite, não sabe qual ao certo, George acordou novamente às 3:15 da madrugada, vestiu-se e saiu. Enquanto perambulava pelo quintal gelado, perguntando-se o que, em nome de Deus, estaria procurando no abrigo de barcos, tropeçou nuns arames soltos que havia perto do canil de Harry. Nem assim o cão acordou.

Quando os Lutzes moravam em Deer Park, o vigoroso cão de guarda mestiço também tinha a sua casa de cachorro e dormia ao relento em qualquer tempo. Normalmente permanecia acordado, de guarda, até duas ou três horas da madrugada, quando finalmente acomodava-se para dormir. Qualquer ruído estranho sempre levara-o a uma posição de alerta. Mas desde a mudança para a Avenida Oceânica, toda vez que George ia ao abrigo de barcos, geralmente encontrava o animal profundamente adormecido. Harry só acordava quando o dono o chamava.

George lembrava-se claramente, entretanto, do dia seguinte ao Natal, o dia do casamento de Jimmy. Foi também o princípio de um severo ataque de diarréia que começou logo depois que ele vistoriou o abrigo de barcos, com uma dor intensa, como se tivessem enfiado uma faca em sua barriga. George assustou-se ao sentir que o vômito lhe subia a garganta, e correu para a casa, direto ao banheiro do primeiro andar.

O dia já estava claro quando tornou a se deitar. Sentia fortes cólicas, mas finalmente adormeceu de pura exaustão. Pouco depois, Kathy acordou e sacudiu o marido para lembrá-lo da cerimônia daquela tarde. Muita coisa precisava ser feita antes que o irmão viesse apanhá-los. Ela teria de preparar o cabelo e vestir-se. George resmungou meio adormecido.

Antes de descer para preparar o café da manhã, Kathy subiu ao terceiro andar para dar uma olhada no quarto de brinquedos. O aposento continuava frio, mas não tão gelado quanto na véspera. De certo as crianças não podiam brincar lá, e Kathy queria mantê-los entretidos até chegar a hora de vesti-los para o casamento. Olhando para fora, viu que o terreno estava coberto de uma lama de neve derretida. Eles teriam .portanto de brincar em seus próprios quartos.

Depois do café, Missy subiu obedientemente para o seu quarto. Kathy pedira-lhe que não entrasse no quarto de costura, nem mesmo abrisse a porta dele.

- Está bem, mamãe. Jodie quer mesmo brincar no meu quarto hoje.

- Assim é que se fala - Kathy sorriu - pois vá brincar com seu amigo.

Os meninos queriam ir brincar lá fora, argumentando que as férias logo iriam terminar. Foi a insistência e a obstinação dos dois que enfureceu Kathy. Danny e Chris nunca

haviam discutido suas ordens antes; Kathy convenceu-se ainda mais de que seus dois filhos tinham mudado desde a vinda para a nova casa. O que não percebeu porém foram as alterações da sua própria personalidade, sua impaciência e irritação crescentes.

- Não quero ouvir nem mais um pio! - berrou para os filhos. - Vocês estão querendo outra surra, é? Calem a boca e subam para o seu quarto e fiquem lá até que eu chame! Vamos, subam logo!

Desapontados, Danny e Chris subiram para o terceiro andar, cruzando com George, que descia. Ele não os olhou, nem lhes deu bom-dia.

Na cozinha, mal tomou um gole de café, George levou a mão à barriga e dirigiu-se para a escada.

- Não se esqueça de que tem de tomar banho e fazer a barba hoje! - Kathy gritou antes que ele desaparecesse, mas não teve certeza de que o marido a ouvira, tamanha a sua pressa.

Kathy voltou para a mesa do café. Estava fazendo uma lista de compras, vendo o que faltava na geladeira e nos armários. A comida estava acabando. Sabia que precisava sair. Não podia contar com George para isso. O grande congelador dos DeFeos no porão, um dos artigos incluídos no preço da casa, já estava limpo e pronto para receber carnes e alimentos congelados. O material de limpeza também já estava quase esgotado com a quantidade que ela gastava todos os dias esfregando os vaso: sanitários. A camada negra já desaparecera quase totalmente.

Kathy pretendia ir a um supermercado na manhã seguinte, sábado. Escrevera na lista "suco de laranja" quando subitamente teve a sensação de uma presença estranha na cozinha. À sua preocupação com a deterioração das relações familiares, juntou-se a lembrança daquele invisível contato feminino de alguns dias atrás, e ela imobilizou-se. Depois, bem devagar, virou a cabeça para trás.

A cozinha estava vazia, mas sentiu que alguma coisa se aproximava, já bem perto das suas costas. Suas narinas interceptaram um perfume adocicado e ela reconheceu o cheiro que impregnara o seu quarto quatro dias antes.

Assustada, Kathy sentiu um corpo encostar-se ao seu e passar os braços em torno da sua cintura. A pressão era leve, entretanto, e como da vez anterior adivinhou a presença de uma mulher, quase confortadora. O contato não lhe provocou uma sensação de perigo, pelo menos não a princípio.

Mas então o cheiro adocicado intensificou-se, tornando-se quase sufocante. Kathy começou a ter náuseas e tentou se libertar do abraço que agora a tolhia com mais força. Debatendo-se, julgou ter ouvido um sussurro, mas algo dentro de si advertiu-a que não escutasse.

- Não! - gritou. - Deixe-me em paz! - golpeou o ar. O amplexo afrouxou e Kathy sentiu uma mão sobre o ombro. num mesmo gesto maternal de consolo que já experimentara antes ali naquela cozinha.

E então - nada! Restou apenas o cheiro de perfume barato.

Deixando-se cair numa cadeira, Kathy fechou os olhos e começou a chorar. Uma mão tocou o seu ombro. Kathy deu um pulo.

- Ah, meu Deus, não! Outra vez, não!

Abriu os olhos. Missy estava ao seu lado calmamente afagando-lhe o ombro.

- Não chore, mamãe - disse Missy, e virando a cabeça, olhou para a porta da cozinha. Kathy imitou-a. Não havia ninguém lá.

- Jodie disse que você não precisa chorar - acrescentou Missy. - Ele está dizendo que logo tudo vai ficar direitinho.

Na casa paroquial de North Merrick, o Padre Mancuso acordara às nove da manhã e verificara a sua temperatura. O termômetro acusara 39,5. Mas às doze horas o padre sentiu-se subitamente melhor. As cólicas haviam desaparecido e tinha a cabeça leve pela primeira vez em muitos dias. Depressa colocou o termômetro sob a língua: 37 graus. A febre fora-se!

De repente sentiu fome, uma fome voraz. Sabia entretanto, que devia ir devagar e preparou apenas um chá com torradas na sua cozinha, a cabeça cheia dos compromissos atrasados que precisava pôr em dia. O Padre Mancuso esquecera-se completamente de George Lutz.

À essa altura, onze horas da manhã, George não pensava no padre, nem em Kathy, nem no casamento do cunhado. Acabara de fazer sua décima visita ao banheiro e a diarréia ainda não estava cedendo!

A recepção do casamento de Jimmy, com um dispendioso bufê para cem pessoas, teria lugar no Astoria Manor, em Queens. George teria um papel importante na cerimônia, mas no momento nem cogitava do assunto.

Arrastou-se escada abaixo desanimado e afundou na poltrona junto à lareira. Nisso, Kathy entrou na sala para lhe dizer que haviam telefonado do escritório em Syosset. Queriam saber quando George pretendia ir trabalhar. Vários serviços de topografia necessitavam de sua supervisão e os empreiteiros começavam a reclamar.

Kathy também queria lhe falar sobre o segundo incidente misterioso da cozinha, mas George desconversou, e ela viu que seria inútil insistir. Nisso, ouviram gritos lá em cima. Danny e Chris tinham se engalfinhado de novo.

Kathy ia adverti-los da escada quando George passou correndo por ela e subiu os degraus dois a dois. Ela decidiu não ir atrás do marido e ficou ao pé da escada ouvindo seus gritos de censura. Em pouco tempo fez-se silêncio. A porta do quarto dos meninos bateu com força e os passos de George soaram na escada. Ao ver Kathy, ele estacou. Os dois encararam-se, mas nenhum disse nada. Virando-se, George tornou a subir e

trancou-se no quarto do casal.

Meia hora depois ele desceu. Pela primeira vez em nove dias, ele se banhara e fizera a barba. Com roupas limpas, entrou na cozinha onde Kathy dava o almoço a Missy:

- Você e as crianças devem estar prontas às cinco horas - disse ele, e saiu.

Às cinco e meia Jimmy chegou para apanhar a irmã, o padrinho e os sobrinhos. Ele deveria estar no Astoria Manor às sete. O caminho mais rápido de Amityville a Queens é pela autoestrada Sunrise, um percurso que leva no máximo uma hora. Entretanto, como o rádio avisara estarem as estradas escorregadias devido ao gelo, e era sexta-feira, dia de tráfego lento e difícil, Jimmy concedera-se uma margem de segurança.

O jovem noivo resplandecia em seu uniforme de gala, o rosto alegre, feliz. A irmã beijou-o com vivacidade e convidou-o a sentar-se na cozinha até que George estivesse pronto.

Jimmy tirou a capa de chuva e do bolso da túnica extraiu orgulhosamente um envelope com mil e quinhentos dólares. Pagara parte da recepção há alguns meses, e com aquela quantia liquidaria o saldo. Acabara de tirar o dinheiro do banco, ficando quase completamente sem fundos. Jimmy tornou a guardar o dinheiro no envelope e colocou-o no bolso da capa de chuva. deixando-o sobre uma cadeira na cozinha.

George desceu vestido com um correto smoking. Estava pálido devido à diarréia, mas acabara de pentear os cabelos, de um louro escuro, que emolduravam o rosto atraente. Deixara o fogo da lareira se extinguir e revolveu as cinzas à procura de alguma brasa teimosa.

As crianças já estavam prontas, e Kathy subiu para pegar o casaco. Jimmy foi à cozinha apanhar a capa de chuva. Um segundo depois voltou. colocando-a nos ombros.

- Você está pronto? - perguntou George.

- Se não estou, nunca mais estarei - retrucou Jimmy apalpando automaticamente o bolso para assegurar-se de que o envelope continuava lá. O seu sorriso morreu. Ele enfiou a mão no bolso e retirou-a vazia. Procurou do outro lado. Nada. Jimmy tirou a capa, sacudiu-a e virou pelo acesso todos os bolsos do seu uniforme. O dinheiro desaparecera!

Jimmy correu à cozinha seguido por George e Kathy. Os três revistaram todo o cômodo, e em seguida deram uma busca cuidadosa no vestíbulo e na sala de estar. Parecia impossível, mas mesmo assim os mil e quinhentos dólares de Jimmy tinham se evaporado.

O rapaz afobou-se.

- George, o que é que eu vou fazer?

George passou o braço pelos ombros do seu aturdido cunhado.

- Tenha calma. O dinheiro tem de estar aqui em algum lugar - e acrescentou, levando Jimmy para a porta: - Vamos, estamos ficando atrasados. Vou procurar quando voltar. Ele está aqui, não se preocupe.

Kathy sentiu um bolo na garganta e, não conseguindo se controlar, começou a chorar. Ao ver as lágrimas da esposa, a letargia que se apoderara de George na última semana evaporou-se. Compreendeu que fora injusto com Kathy, pela primeira vez deixando de pensar só em si. Apesar da calamidade que se abatera sobre Jimmy, e da fraqueza que ainda sentia devido à diarréia, George sentiu vontade de fazer amor com Kathy. Não a tocava desde a mudança.

- Vamos indo, querida - disse, dando-lhe uma palmada no traseiro. - Eu dou um jeito nisso tudo.

Os três entraram no carro de Jimmy e as crianças acomodaram-se no banco de trás. Depois das portas fechadas, George tornou a saltar.

- Esperem um instante. Quero dar uma olhada no Harry.

No anoitecer de inverno, dirigiu-se aos fundos da casa e ordenou:

- Harry, fique de olhos abertos, ouviu?

Nenhum latido em resposta. George aproximou-se da cerca de arame.

- Ei, Harry, você me ouviu?

À luz que vinha da casa vizinha, George viu que o cão estava dentro de sua casinha. Abrindo o portão, entrou no canil.

- O que há, Harry? Você está doente?

George ajoelhou-se. Ouviu uma respiração pesada. Eram apenas seis da tarde e Harry dormia profundamente.

NOVE

27 DE DEZEMBRO - Os Lutzes voltaram do casamento às três da madrugada. A longa noitada começara com o misterioso desaparecimento dos mil e quinhentos dólares de Jimmy, seguindo-se vários incidentes nada animadores para George.

Antes da cerimônia, George, o noivo e vários colegas deste comungaram numa pequena igreja próxima aos salões de recepção. Durante a missa, George começou a sentir violentas náuseas, e quando o padre Santini, o pároco da Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, deu-lhe o cálice de vinho para beber, ele sentiu uma vertigem e cambaleou. Jimmy estendeu a mão para amparar o cunhado, mas George recusou o auxílio e correu para o banheiro nos fundos da igreja.

Depois de vomitar, ele voltou ao hotel e contou a Kathy que começou a se sentir mal no momento em que entrara na igreja.

A recepção correu sem tropeços. Havia comida e bebida em abundância e música para dançar, como é hábito nos casamentos de irlandeses. Todos pareciam estar se divertindo. George precisou ir ao banheiro uma vez, e teve medo que a diarréia tornasse a piorar, mas, no conjunto, não passou muito mal. O irmão de Kathy e a noiva, Carey iriam seguir dali diretamente para uma lua-de-mel nas Bermudas, e um táxi os levaria ao aeroporto La Guardia. Como George ia voltar para Amityville no carro de Jimmy, teve o cuidado de não beber muito.

Chegou afinal o desagradável momento de pagar o bufê. Jimmy, o sogro e George contaram ao gerente do hotel o episódio da inesperada perda do dinheiro, mas comprometeram-se a liquidar o débito com o que Jimmy recebesse de presente de casamento. Infelizmente, quando se formou a fila dos cumprimentos, a maioria dos envelopes deixados pelos convidados na mesa em frente aos noivos continha cheques nominais. Em espécie, eles receberam pouco mais de quinhentos dólares.

O gerente aborreceu-se mas, após alguns minutos de discussões, concordou em aceitar dois cheques de George, de quinhentos dólares cada, um de sua conta pessoal e o outro da conta da sua firma de topografia. George sabia que não tinha quinhentos dólares em sua conta bancária mas, como estavam numa sexta-feira, teria tempo para cobrir a retirada.

O sogro de Jimmy confabulou com os parentes e arranjou dinheiro suficiente para custear a lua-de-mel do novo casal. Felizmente as passagens de avião já estavam pagas. Por volta das duas, a recepção terminou e os Lutzes voltaram à casa da Avenida Oceânica.

Kathy subiu imediatamente para o quarto, mas George foi espiar o abrigo de barcos e o cachorro. Harry dormia e mal se mexeu quando George chamou-o pelo nome. Ocorreu-

lhe que talvez o animal tivesse sido narcotizado, mas depois concluiu que devia estar doente. Provavelmente comera alguma porcaria encontrada no terreno. Teria de levá-lo ao veterinário.

O abrigo de barcos continuava trancado e George voltou para casa fechando a porta à chave. Ao passar pela cozinha, esquadrinhou o chão na vã esperança de encontrar o dinheiro.

Certificando-se de que a porta da cozinha e as janelas do primeiro andar estavam todas trancadas, George subiu as escadas pensando na esposa e na cama quente e macia. Ao passar pelo quarto de costura, notou que a porta estava entreaberta. Uma das crianças devia tê-la aberto antes de sair de casa, pensou. No dia seguinte perguntaria quem fora.

Kathy estava com sono, mas esperara por ele. Durante o serão captara as intenções amorosas do marido e agora ansiava pelo seu contato. George não a tocava desde a mudança. Antes costumavam ter relações todas as noites, mas de 18 a 27 de dezembro o marido não dera nenhum passo em sua direção. Olhando o marido despir-se, Kathy esqueceu todas as inquietações dos dias anteriores.

George meteu-se debaixo dos pesados cobertores.

- Ah, que maravilha! - exclamou, procurando o calor corpo da esposa. - Enfim, sós, como dizer por aí ...

Naquela noite Kathy sonhou que Louise DeFeo tinha relações sexuais com um homem estranho ali naquele quarto. Sabia de alguma forma que o homem não era o marido de Louise. Ao acordar de manhã a imagem ainda a perseguia. Somente várias semanas depois de ter fugido da casa número 112 foi que Kathy soube por um advogado que conhece os DeFeos que Louise realmente tivera um amante, um artista que vivera com a família durante algum tempo. O marido descobrira e contara ao advogado.

De manhã, Kathy foi de caminhonete fazer compras no centro, e George foi com as crianças apanhar a correspondência em seu escritório em Syosset. Até Harry participou do passeio, e George avisou seus empregados que iria trabalhar sem falta na segunda-feira.

Ao chegarem em casa, encontraram Kathy guardando parte das compras na geladeira da cozinha. Ela adquirira também vários alimentos congelados, e queixou-se de que tudo era mais caro no comércio de Amityville.

- Eu já esperava por isso - retrucou George dando de ombros. - Essa cidade é de gente mais rica do que a de Deer Park.

Já era então mais de uma hora. Embora Kathy quisesse preparar o almoço, ainda tinha de levar a carne e os outros alimentos congelados para o congelador do porão. George ofereceu-se para fazer uns sanduíches para si e as crianças.

Enquanto Kathy estava embaixo, a campainha da porta da frente tocou. Era sua tia Theresa. George vira-a uma vez em casa da mãe de Kathy antes do seu casamento.

Theresa já fora freira- mas casara-se e tinha três filhos. George desconhecia o motivo por que ela abandonara o convento.

Agora a ex-freira estava ali na porta, uma mulher baixa e magra de trinta e poucos anos, vestida singelamente com um casaco preto de lã muito batido e galochas. O frio dera cor ao seu rosto cansado. O dia estava claro e sem nuvens, mas a dez graus abaixo de zero. Theresa disse a George que viera de ônibus e andara a pé da rodoviária até a casa.

Da escada George avisou a Kathy da chegada da tia. Kathy respondeu que subiria logo e pediu ao marido que fosse mostrando a casa a Theresa. As crianças, habitualmente cordiais, cumprimentaram a tia-avó sem efusões. A expressão severa de Theresa desencorajava maiores expansões. Danny logo pediu para brincar lá fora com Chris.

- Está certo - concordou George - mas quero que me prometam que não se afastarão da casa.

Missy desceu para o porão e George notou que Theresa se entristecera por não ter sido recebida com maior calor pelas crianças.

Ao mostrar as salas à tia de Kathy, George sentiu um frio úmido que até então não percebera. Theresa disse-lhe que também estranhara a baixa temperatura ao entrar na casa. George verificou o termostato. Apesar de acusar vinte e quatro graus, ele teria de acender a lareira novamente.

Os dois subiram ao segundo andar. Theresa lançou um olhar de desaprovação aos espelhos na cabeceira do casal. George quase podia adivinhar seus pensamentos - ela devia considerá-los uma demonstração de exibicionismo vulgar - e teve vontade de explicar que os espelhos eram uma relíquia da época dos DeFeos. mas resolveu não tocar no assunto. No íntimo aquela mulher continuava sendo freira.

Theresa correu com George os outros quartos, admirando a sua amplidão, mas ao chegar ao quarto de costura, hesitou. George abriu a porta. Theresa recuou. Seu rosto perdera a cor.

- Eu não vou entrar aí - declarou dando-lhe as costas.

Teria ela visto alguma coisa pela porta entreaberta? George espiou o quarto. Graças a Deus não se viam moscas, ou a reputação de Kathy como dona-de-casa teria sofrido um golpe irreparável. Notou. entretanto, que o quarto estava gelado. Theresa continuava implacável, de costas para o quarto. Fechando a porta George sugeriu então que subissem ao terceiro andar.

Quando chegou o momento de entrarem no quarto de brinquedos, a ex-freira recuou outra vez.

- Não - disse ela - este também não é um lugar bom. Não me agrada.

Assim que George e Theresa desceram, Kathy subiu com Missy do porão. As duas mulheres abraçaram-se e Kathy levou a tia para a cozinha.

- George - disse Kathy - depois eu termino a arrumação lá de baixo. Quero levar parte da lataria para um armário que descobri lá. Podemos utilizá-lo como despensa.

George dirigiu-se para a sala de estar decidido a acender novamente a lareira. Meia hora depois de ter chegado, Theresa resolveu ir embora. Kathy ficou desapontada, esperava que a tia ficasse para o jantar.

- George pode levá-la de carro mais tarde - sugeriu, mas Theresa recusou a oferta.

- Há qualquer coisa de errado nessa casa, Kathy - disse Theresa olhando em torno de si. - Eu preciso ir agora.

- Mas tia Theresa, está muito frio lá fora!

A mulher sacudiu a cabeça, vestiu o pesado casaco e dirigiu-se para a porta, quando Danny e Chris entraram com um outro menino. Os três pararam e ficaram olhando enquanto Theresa despedia-se de George com um aceno e dava um beijo no rosto de Kathy.

Depois que ela saiu, George e Kathy entreolharam-se perplexos com o estranho comportamento da tia. Por fim, Kathy concentrou sua atenção nos filhos e em seu novo amiguinho.

- Este aqui é o Bobby, mamãe - disse Chris. - Acabamos de conhecê-lo. Ele mora ali adiante.

- Olá, Bobby - Kathy sorriu. O menininho de cabelos castanhos era do mesmo tamanho de Danny. Hesitante, Bobby estendeu a mão direita. Kathy apertou-a e apresentou George. Este é o Sr. Lutz.

George sorriu para o menino e apertou sua mãozinha.

- Por que é que vocês não vão brincar lá em cima?

Bobby parou e correu os olhos pelo vestíbulo.

- Não, aqui está bom - disse ele. - Prefiro ficar aqui.

- Aqui? - estranhou Kathy. - Aqui no vestíbulo?

- Sim, senhora.

Kathy olhou para George numa muda indagação. "O que haverá de errado com essa casa que ninguém aqui se sente à vontade?" - seus olhos perguntaram.

Durante a meia hora seguinte os três meninos entretiveram-se no chão do vestíbulo com os brinquedos novos de Danny e Chris. Bobby nem chegou a tirar seus agasalhos de inverno. Kathy voltou ao porão para arrumar a nova despensa e George à lareira da sala

de estar. Logo depois, Bobby levantou-se e disse aos outros que queria ir embora. Aquela foi a primeira e a última vez que um menino da vizinhança esteve na casa 112 da Avenida Oceânica.

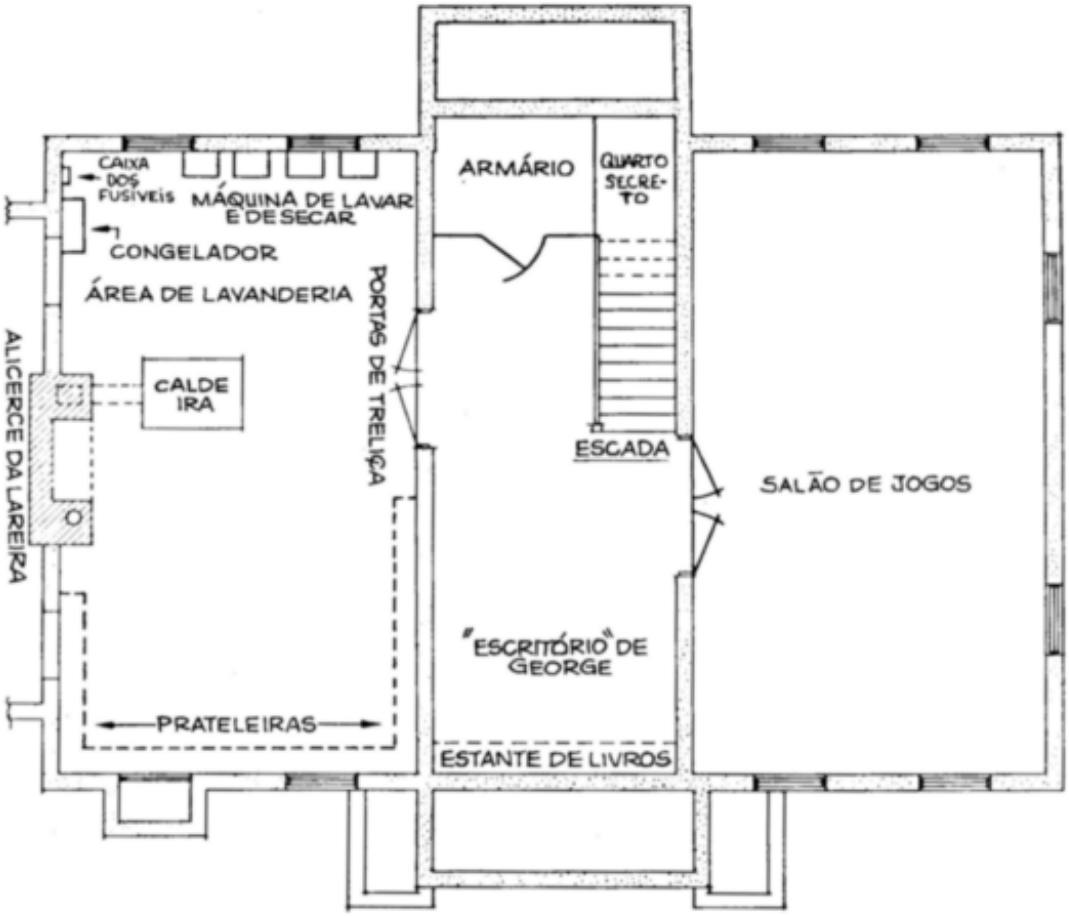
O porão dos Lutzes media treze metros de comprimento por oito e meio de largura. Ao descer as escadas pela primeira vez, George vira à direita uma porta de ripas que abria para a lavanderia onde estavam a caldeira, o boiler, o congelador, e as lavadoras e secadoras que tinham pertencido aos DeFeos. À esquerda da escada ficava uma sala revestida por um belo lambri de nogueira, com a iluminação embutida num teto rebaixado, e em frente à escada havia uma área espaçosa que George pretendia utilizar como escritório.

Havia um armário sob a escada, e entre ela e a parede da direita fora construída uma despensa com prateleiras até o teto, dando bom uso a um espaço que doutra forma poderia ter sido desperdiçado.

Era ali que Kathy se encontrava. Ao empilhar mantimentos pesados junto à parede lateral sentira a prateleira estalar, e achou que parte do lambri cedera. Afastando as latas, empurrou o lambri. O compensado cedeu ainda mais, afastando-se das prateleiras.

A despensa era iluminada por uma única lâmpada que pendia do teto. Os raios de luz que peneravam pela fenda da madeira davam a Kathy a impressão de que existia um espaço vazio sob o trecho inicial da escada. Gritou por George.

O marido atendeu o chamado, inspecionou a fenda, e forçou o lambri, que cedeu ainda mais.



- Não deveria haver nada aí - disse ele a Kathy e, retirando as prateleiras, empurrou com força o compensado, que cedeu sem resistência, como se girasse em torno de dobradiças. Era uma porta secreta!

O queixo de Kathy caiu ao ver um quartinho minúsculo de mais ou menos um metro e vinte por um metro e cinqüenta, pintado de vermelho do chão ao teto.

- O que será isso, George?

- Eu não sei - respondeu ele experimentando as paredes de blocos de concreto. - Talvez seja um abrigo de bombas. Era

moda construí-los nos anos cinqüenta. Mas certamente não consta das plantas que recebemos.

- Acha que foram os DeFeos que o construíram? - perguntou Kathy agarrando-se com dedos nervosos ao braço de George.

- Também não sei, mas acho que sim - disse ele levando Kathy para fora do cubículo secreto. -- Para que será que eles o usavam? - acrescentou tornando a fechar a porta de compensado.

- Você acha que pode haver outros quartos iguais a esse atrás dos outros armários da casa?

- Eu não sei dizer, Kathy - retrucou George. - Só examinando as paredes.

- Senti um cheiro esquisito lá dentro...

- É, também notei - disse George. - Parece cheiro de sangue.

Kathy respirou fundo.

- George, esta casa está me preocupando. Está acontecendo muita coisa aqui que eu não consigo entender.

Kathy enfiou os dedos na boca, sinal de que estava com medo. A pequena Misse- fazia o mesmo quando assustada. George afagou a cabeça da esposa.

- Não se preocupe, querida. Eu vou descobrir para que diabos servia esse quarto. Mas nós podemos usá-lo como uma despensa extra.

Ele apagou a luz da despensa, escondendo a visão da parede dos fundos. Mas diante de seus olhos estampou-se na superfície do compensado a imagem fugidia de um rosto masculino. Dali a poucos dias, George iria descobrir que se tratava da cabeça de Ronnie DeFeo!

DEZ

28 DE DEZEMBRO - No domingo, depois de celebrar a missa na igreja do Sagrado Coração, o Padre Frank Mancuso voltou à casa paroquial. Poucos metros separavam uma construção da outra, mas a caminhada ao ar gélido foi o suficiente para que o padre verificasse como a doença recente o enfraquecera.

Alguém esperava por ele na sala de visitas da casa paroquial: o sargento AI Gionfriddo, da polícia de Amityville. Os dois apertaram-se as mãos e o padre conduziu o sargento aos seus aposentos no segundo andar.

- Obrigado pelo telefonema - disse o padre - e obrigado também por ter vindo até aqui.

Tudo bem, padre. Esse é o meu dia de folga nessa semana.

O homenzarrão correu os olhos pela sala de estar do padre. O aposento estava atulhado de livros que enchiam prateleiras, mesas e cadeiras; tirando uma pilha de cima de um sofá, sentou-se.

O Padre Mancuso queria se aquecer, e como não tinha nenhuma bebida alcoólica para oferecer ao policial, decidiu preparar um chá. Enquanto a água fervia, o padre foi direto ao assunto que o levara a chamar Gionfriddo.

- Como você sabe - começou ele - estou preocupado com os Lutzes. Foi por isso que solicitei a Charlie Guarino que pedisse a um colega em Amityville para verificar se a família estava bem - o padre entrou na pequena cozinha para pegar duas xícaras. - Foi Charlie quem me lembrou que a casa que eles tinham comprado pertencera aos infelizes DeFeos, que tinham morrido assassinados. Soube do caso por intermédio de amictos. mas desconheço os detalhes.

- Eu participei da investigação - disse o policial.

- Foi o que Charlie me contou outro dia - o Padre Mancuso encheu de chá a xícara de Gionfriddo. - Bem, ontem a noite custei muito a dormir. Não sei por que, mas o caso não me sai da cabeça.

O padre esquadrinhou o rosto do policial, tentando decifrar a sua expressão. Não conseguiu, apesar de sua longa experiência em extrair das pessoas, no consultório ou no tribunal, os fatos, reais ou imaginários. Não sabia se deveria contar o que lhe acontecera em sua primeira visita à casa da Avenida Oceânica e durante os telefonemas para George.

Gionfriddo pareceu ler os pensamentos do padre e solucionou o problema:

- O senhor acha que está acontecendo alguma coisa esquisita naquela casa, padre?

- Eu não sei. Era isso que pretendia lhe perguntar.

O policial pousou a xícara na mesa.

- Mas o que o preocupa? Acha que a casa é mal-assombrada? Está querendo me dizer que existe algum. mistério por lá?

O padre sacudiu a cabeça.

- Não é bem assim, mas seria muito útil saber o que aconteceu na noite dos assassinatos. Disseram-me que o rapaz ouvia vozes...

O policiai percebeu pelo olhar penetrante do seu interlocutor que ele estava realmente preocupado. Limpando a garganta, declarou em seu tom oficial:

- Bem, em resumo, o que aconteceu foi que Ronnie DeFeo administrou um narcótico no jantar de sua família no dia 13 de dezembro de 1974 e depois, quando os viu inconscientes, matou-os com um rifle de alta potência. No julgamento ele afirmou que uma voz lhe ordenara que fizesse isso.

O padre ficou calado à espera de mais detalhes, mas Gionfriddo havia concluído seu relatório.

- É só? - perguntou o padre.

Gionfriddo fez um gesto afirmativo.

- Basicamente, foi o que aconteceu.

- Os tiros devem ter acordado toda a vizinhança, não?

- Não. Ninguém ouviu nada. O crime só foi descoberto mais tarde, quando Ronnie foi ao bar A Poção das Bruxas e contou tudo ao garçom. O rapaz estava fora de si.

- Está querendo me dizer que ele matou seis pessoas com um rifle de alta potência e ninguém ouviu as explosões? - perguntou confuso o sacerdote.

Gionfriddo acha que foi nesse instante que começou a sentir náuseas e que precisava sair dali.

- É isso mesmo. Os vizinhos dos lados disseram que não ouviram nada de anormal naquela noite - respondeu levantando-se.

- Não acha isso muito estranho?

- Acho, sim - concordou o policial enfiando o sobretudo. - Mas o senhor não deve esquecer de que era pleno inverno. Nessa época muita gente dorme com as vidraças

hermeticamente fechadas.

Embora sabendo que o padre ainda tinha mais perguntas a fazer, o sargento Al Gionfriddo sentiu que precisava sair depressa. Assim ,que deixou a casa paroquial, vomitou.

Ao entrar em Amityville, já se sentia melhor. A princípio pensara em seguir pela Avenida Oceânica, mas mudara de idéia. Tomando a estrada de Amityville, passou em frente à Poção das Bruxas. O bar era um ponto de reunião da rapaziada da cidade, especialmente no tempo quente, quando a cidade se enchia de veranistas. Mas naquela tarde de domingo, a principal rua comercial da cidade estava vazia. As preliminares da temporada de futebol haviam começado e os fregueses de sempre estavam em casa grudados nas televisões.

Ao passar pelo A Poção das Bruxas, Gionfriddo viu pelo canto dos olhos um vulto entrar no bar. Já estava a uns quinze metros da entrada do bar quando seu pé acionou o freio do carro. Olhou para trás, mas o homem desaparecera. Seu feitio de corpo, a barba e o andar arrogante eram idênticos aos de Ronnie DeFeo!

Com os olhos pregados na entrada do bar, Gionfriddo murmurou:

- Ora. estou me assustando à toa! Deve ser obra daquele padre! - Virando-se para a frente, o detetive engatou uma primeira e deu partida, os pneus rangendo no asfalto.

Em A Poção das Bruxas, George Lutz pediu uma cerveja perguntando-se por que o garçom não tirava os olhos dele desde que entrara. O homem abriu a garrafa de cerveja e ia encher o copo quando estacou como se fosse dizer qualquer coisa a George. Mas depois de um instante de hesitação, virou a garrafa,

George correu os olhos em volta. A Poção das Bruxas não era diferente dos inúmeros bares que freqüentara em suas viagens como marinheiro ou como topógrafo nas cidadezinhas de Long Island: mal-iluminado, com o costumeiro toca-discos automático, cheirando a cigarro e cerveja choca. Fora ele, só havia um outro freguês que, sentado na extremidade do longo balcão de mogno estava absorto no aparelho de televisão onde o locutor anunciava a primeira parte de um jogo de futebol americano.

George fungou, tomou um gole da cerveja e fitou sua imagem no espelho atrás do balcão. Estava precisando sair de casa, ficar um pouco sozinho. Não conseguia descobrir o que estava acontecendo à sua família. Os fatos desconexos que mais tarde iam começar a se ajustar ainda não faziam nenhum sentido para ele.

George não podia entender a transformação das crianças desde a mudança para a nova casa. Em sua opinião, estavam se tornando rebeldes e mal-educadas. Nunca pensara antes dessa forma, não enquanto moravam em Deer Park.

Missy estava agindo de forma estranha também. Será que ele teria mesmo visto um porco na janela da menina naquela noite? E onde estava o dinheiro de Jimmy? Como poderia ter desaparecido na cara deles?

George terminou sua cerveja e pediu outra com um sinal. Seus olhos voltaram ao espelho. Lembrou-se de que passara os dias anteriores sentado feito uma múmia diante da lareira ou então indo a toda hora olhar o abrigo de barcos. Por quê? E agora aquela história do quarto vermelho no porão. Bem, no dia seguinte ia começar a investigar o passado da propriedade.

A primeira coisa a fazer era ir à Secretaria de Obras da Prefeitura examinar as plantas das melhorias edificadas no lote 112 da Avenida Oceânica.

É, disse a si mesmo, também preciso ir ao banco fazer um depósito para cobrir aquele cheque. Tomou o resto da sua segunda cerveja e viu que o garçom parara à sua frente. George colocou a mão em cima do copo, sinal de que estava satisfeito. é de fora,

- Desculpe - disse o garçom - o senhor

- Não - retrucou George - moro aqui mesmo. Acabamos de nos mudar.

O garçom fez um gesto de compreensão e explicou:

- É que o senhor é um sósia perfeito de um rapaz que morou aqui. Por um instante julguei que fosse ele. - O garçom recolheu o dinheiro de George e colocou o troco sobre o balcão - Ele está fora, agora. Não vai voltar tão cedo. Talvez nunca mais.

George guardou o troco e deu de ombros. As pessoas estavam sempre confundindo-o com alguém que conheciam. Devia ser a barba. Muita gente estava usando barba ultimamente. Levantando-se, ele disse:

- Bem, até outro dia.

- Volte sempre - redarguiu o garçom.

George já estava na porta quando 0 outro acrescentou:

- Ei, para onde o senhor se mudou?

George parou, olhou para trás e apontou para o oeste.

- Ah, para umas duas quadras daqui, na Avenida Oceânica ...

O copo que George usara escorregou das mãos do garçom. Quando George completou a explicação - "no número 112" o copo espatifou-se no chão.

Kathy estava à espera de George na sala de estar, sentada junto à árvore de Natal, pois não queria ficar só na cozinha, com medo de novo encontro com a presença invisível que recendia a perfume barato. Os meninos estavam no quarto vendo televisão, quietinhos há muito tempo, absortos num velho filme. Pelas risadas deleitosas que chegavam a seus ouvidos, Kathy estava certa de que - era uma comédia de Abbot e Costello.

No momento tentava se concentrar no problema do dinheiro de Jimmy. Onde poderia estar? Ela e George tinham esquadrinhado a cozinha centímetro por centímetro, e examinado cuidadosamente as salas, o vestíbulo e até o interior dos armários, à procura do envelope. Ele não poderia ter se evaporado no ar! Ninguém entrara na casa para roubá-lo. Em que diabo de lugar poderia estar metido?

Lembrando-se da presença na cozinha, estremeceu e forçou-se a pensar nos outros quartos da casa. Estaria no quarto de costura? No quartinho vermelho do porão? Ia se levantar mas estacou: tinha medo de ir lá embaixo sozinha agora. De qualquer forma, pensou tornando ase recostar, ela e George tinham visto apenas paredes nuas pintadas de vermelho lá dentro.

Olhou o relógio; eram quase quatro horas, onde estaria George? Já saíra fazia umas duas horas. Nisso, pelo canto do olho direito, viu alguma coisa se mover.

Um dos primeiros presentes de Natal que dera a George fora um enorme leão de cerâmica de um metro e vinte, pronto a se lançar sobre uma vítima invisível, pintado em cores realísticas. George gostara da escultura e colocara-a na sala de estar sobre uma mesa grande ao lado de sua poltrona, junto à lareira.

Kathy virou a cabeça e deu com os olhos na escultura. Podia jurar que a vira adiantar-se um palmo em sua direção'.

Quando o sargento Gionfriddo deixou seus aposentos naquela tarde, o Padre Mancuso estava aborrecido com a própria atitude. Não aprovava a maneira com que se envolvera com os Lutzes e decidiu dar um fim à sua obsessão pelo problema. Durante as horas seguintes concentrou-se nos casos que iriam à Corte na semana vindoura. estudando os processos que se acumulavam em sua mesa.

Compreendendo que precisava tomar decisões que afetariam a vida de outras pessoas, afastou do pensamento suas dúvidas sobre a segurança dos Lutzes e a insatisfatória explicação da tragédia apresentada pelo sargento Gionfriddo. Enquanto trabalhava, apercebeu-se lentamente que recobrara as forças. A fraqueza que sentira na manhã de inverno dissipara-se. Agora já eram mais de seis horas e ele sentia fome! Lembrou-se que não comera nem bebera nada desde aquela xícara de chá com Gionfriddo.

Fechando a pasta, levantou-se e foi à cozinha. Na sala de estar o telefone tocou. Atendeu, mas ninguém respondeu ao seu "alô", apenas estalidos de estática.

O padre sentiu um arrepio na espinha. Ainda com o fone na mão começou a suar lembrando-se de sua última conversa com George Lutz.

Em seu aparelho George escutava estalidos agudos e desagradáveis. O telefone tocara enquanto estava na cozinha com Kathy e as crianças.

Por fim, como seus repetidos alôs não obtiveram resposta, bateu o fone com força.

- Ora, que amolação! É algum engraçadinho que não tem o que fazer!

Kathy olhou para o marido; os dois estavam jantando. George chegara pouco antes do seu passeio a pé; estava convencido de que a rua onde moravam era o lugar mais bonito da cidade.

Kathy achou que a caminhada fizera bem ao marido; a aparência dele melhorara. Achando que era tolice referir-se ao leão, ela esqueceu de vez o episódio ao vê-lo aborrecido novamente.

- O que aconteceu?

- Não era ninguém, é isso. Só ouvi uns estalidos irritantes. - George ia sentar-se à mesa quando acrescentou: - Sabe de uma coisa? O barulho era igual ao daquela vez em que tentei falar com o Padre Mancuso. Será que é ele querendo falar conosco?

Voltando ao telefone, George discou o número do apartamento do sacerdote. Esperou que a campainha tocasse dez vezes, mas ninguém atendeu. Olhou para o relógio elétrico sobre a pia da cozinha. Eram sete horas em ponto. George estremeceu.

- Não acha que está ficando frio outra vez, Kathy?

O Padre Mancuso acabara de tirar o termômetro. O aparelho acusava 39 graus.

- Ah, não! - gemeu. - Outra vez!

Procurou o pulso e esperou que o ponteiro chegasse ao doze para começar a contar. Eram sete horas.

Em sessenta segundos seu coração bateu cento e vinte vezes. Sua média normal era de oitenta pulsações por minuto. Percebeu que ia adoecer novamente.

George levantou-se da mesa.

- É melhor eu colocar mais lenha na lareira - disse a Kathy.

Ela ficou olhando o marido dirigir-se à sala e sentiu-se novamente deprimida. Foi quando ouviu o baque de uma queda. Era George!

- Quem foi que deixou a merda desse leão aqui no chão?

Quase que eu morri!

ONZE

29 a 30 DE DEZEMBRO - Na segunda-feira, o tornozelo de George amanheceu inchado. Ao tropeçar no leão de louça, ele caíra pesadamente sobre as achas de lenha ao lado da lareira, abrindo o supercílio direito. O corte felizmente parara de sangrar, depois que Kathy fizera um curativo. Porém o que impressionara mais a Kathy era a marca de dentes claramente visível no tornozelo do marido.

George dirigiu-se mancando à caminhonete Ford 1974, mas o motor frio deu-lhe algum trabalho. Devido à baixa temperatura, já previa problemas com a ignição. mas afinal o carro pegou e ele tomou o caminho de Syosset. Sua principal preocupação era cobrir o cheque do Astoria e para isso teria de tirar o dinheiro da conta de William H. Parry, Ltda, sua firma de serviços topográficos.

No meio do caminho, na Sunrise Highway, um solavanco sacudiu a traseira do Ford. George desceu e examinou o carro. Um dos amortecedores traseiros soltara-se e caíra na estrada. Ele ficou intrigado. Aquele era um acidente plausível no caso de amortecedores velhos e gastos, mas o Ford ainda não rodara cinqüenta mil quilômetros. Seguiu viagem com a intenção de substituir a peça assim que voltasse a Amityville.

Depois que George saiu, a mãe de Kathy telefonou para contar que recebera um cartão-postal das Bermudas, de Jimmy e Carey.

- Por que você não vem passar algumas horas com as crianças aqui? - perguntou a mãe, mas apesar do carro de Jimmy estar na entrada à sua disposição, Kathy não tinha vontade de sair. Respondeu que tinha muita roupa suja para lavar, mas que talvez toda a família aparecesse na entrada do ano. Ainda não havia nada decidido, mas ela falaria com George quando ele chegasse.

Kathy desligou e olhou em torno sem saber ao certo por onde começar. O sentimento de depressão que a assaltara na véspera ainda não a abandonara, e sentia medo de ficar só na cozinha e também de descer para a lavanderia no porão. Depois do episódio do leão de cerâmica, evitava até entrar na sala de estar. Por fim, acabou subindo para ficar junto das crianças. Com elas, pensou, não se sentiria tão só e amedrontada.

Deu uma espiada em Missy e nos dois meninos que estavam em seus respectivos quartos e decidiu deitar-se um pouco. Estava cochilando em seu quarto fazia uns quinze minutos, quando começou a ouvir ruídos que vinham do quarto de costura do outro lado do corredor. Parecia que alguém estava abrindo e fechando uma das janelas.

Levantou-se e andou até a porta do quarto de costura, que permanecia fechada. Missy estava em seu quarto e Kathy podia ouvir os passos dos meninos correndo no andar de cima.

Apurou os ouvidos. Por trás da porta fechada o barulho continuava. Arregalou os olhos, mas não ousou abrir a porta. Dando meia volta, refugiou-se em sua cama e cobriu a cabeça com as cobertas.

Em Syosset alguém esperava por George. Era um fiscal da Fazenda que queria examinar os livros da firma e suas últimas

declarações de renda. George chamou o seu contador. O fiscal entendeu-se com o empregado e prometeu voltar a 7 de janeiro. Depois que o homem saiu, George concentrou-se nas tarefas prioritárias: retirar quinhentos dólares da conta da companhia e transferi-los para a sua conta pessoal, verificar as plantas dos últimos trabalhos de topografia, planejar a execução dos poucos serviços que haviam sido solicitados em sua ausência e, finalmente, investigar os antecedentes da sua propriedade e os detalhes dos crimes ali cometidos.

Ovando seus assalariados perguntavam o motivo de sua prolongada ausência, George disse-lhes que estivera doente. Sabia que estava mentindo, mas não encontrara nenhuma outra justificativa. Por volta de uma hora, terminou suas tarefas no escritório de Syosset, mas tinha mais uma coisa a fazer antes de voltar a Amityville.

O maior jornal de Long Island, em termos de anunciantes e tiragem é o Newsday. George deduziu que o ponto de partida mais lógico para descobrir detalhes da tragédia dos DeFeos seria a agência do jornal em Garden City.

No departamento de microfilmes, um funcionário procurou nos arquivos as datas do crime e do julgamento de Ronnie. George conhecia apenas alguns pormenores do massacre, mas lembrava-se de que Ronnie fora julgado em Riverhead, Long Island, no outono de 1975.

George colocou os microfilmes no visor até chegar à edição de 14 de novembro de 1974. Seus olhos deram logo com a fotografia de Ronnie DeFeo no momento de sua prisão, na manhã seguinte à descoberta dos cadáveres de seus familiares na casa 112 da Avenida Oceânica. O rosto barbado do rapaz de vinte e quatro anos que o encarava no visor podia ser o seu! George ia ler a reportagem, quando percebeu que aquele era o rosto que vira por instantes no porão, estampado na parede da despensa!

Os primeiros parágrafos contavam como Ronnie entrara num bar perto de sua casa. pedindo ajuda, pois matara seus pais e seus irmãos. Na companhia de dois amigos, Ronald DeFeo voltara para o número 112 onde foram encontrados os corpos sem vida de Ronald DeFeo, pai, de 43 anos, de Louise, sua esposa de 42 anos. de Allison (13 anos), de Dawn (18 anos), de Mark (11 anos) e de John (9 anos). Todos em suas camas. todos baleados pelas costas.

A reportagem prosseguia revelando que, por ocasião da prisão de Ronnie na manhã seguinte, a polícia de Amityville declarara que o motivo do crime fora um seguro de duzentos mil dólares e um cofre cheio de dinheiro oculto num armário do quarto do casal.

O último parágrafo revelava que, quando a promotoria julgasse adequado, o julgamento

efetuar-se-ia na Suprema Corte Estadual em Riverhead.

George inseriu outro:. rolo de microfilmes no aparelho, contendo relatório diário do-julgamento de sete semanas, que se estendera de setembro a novembro. Os relatórios incluíam acusações de brutalidade contra a Polícia, que teria forçado a confissão de Ronnie DeFeo. O advogado William Weber levara ao banco das testemunhas vários psiquiatras numa tentativa de provar a insanidade do réu. Entretanto, o júri considerou-o mentalmente são e culpado dos assassinatos. Thomas Salk, o juiz da Suprema Corte Estadual, classificou os crimes de hediondos e execráveis e condenou o réu a seis penas consecutivas de sessenta anos.

George deixou a redação do jornal pensando no relatório do médico legista, que situava os crimes por volta das 3:15 da madrugada - a hora exata em que ele vinha acordando todas as noites desde a mudança! Ele teria de contar isso a Kathy.

Ele também gostaria de saber se os DeFeos tinham utilizado o quarto vermelho do porão como esconderijo para o dinheiro. Ao voltar para Amityville, estava tão absorto em seus pensamentos que nem notou que uma roda da esquerda oscilava.

Quando parou num sinal vermelho na estrada 110, outro carro freou ao seu lado. O motorista inclinou-se para ele e baixou o vidro da direita. Buzinando para chamar sua atenção, o vizinho de George gritou que a sua roda dianteira ia cair!

George saltou do carro e examinou a roda. Todos os parafusos estavam frouxos, virando à simples pressão de seus dedos. Mesmo com as janelas fechadas ele ouvira um ruidozinho suspeito mas, imerso em seus pensamentos, não lhe passara pela cabeça que pudesse vir do próprio carro.

Que diabo estava acontecendo? Primeiro caíra o amortecedor e agora aquilo. Alguém teria sabotado propositadamente a caminhonete? Ele ou Kathy podiam ter morrido se a roda caísse a alta velocidade.

George ficou ainda mais furioso e frustrado quando procurou uma chave na mala do carro. A ferramenta desaparecera! Teria de apertar os parafusos à mão até chegar a um posto de gasolina. A essa altura já seria tarde demais para continuar as averiguações sobre o passado da casa da Avenida Oceânica.

Na terça-feira, o Padre Mancuso não conseguia mais ignorar as manchas vermelhas nas palmas de suas mãos, nem a dor martirizante que sentia ao tocá-las. Apesar de o médico ter-lhe aplicado injeções de antibiótico, não conseguira evitar uma recaída da gripe. A febre mantinha-se alta e suas dores pareciam ter se multiplicado uma centena de vezes.

Na véspera, o padre ainda acreditava que a vermelhidão em suas palmas era apenas mais uma manifestação da doença. Porém quando a estranha coloração e a extrema sensibilidade intensificaram-se, e tornara-se doloroso utilizar as mãos, o sacerdote começou a ficar bem mais preocupado.

No dia seguinte, George obteve na Sociedade Histórica de Amityville algumas informações interessantes sobre o local onde fora construída a sua casa. Aparentemente,

os índios Shinnecock haviam utilizado os terrenos à margem do rio Amityville como isolamento para doentes, loucos e moribundos. Esses infelizes ficavam ali presos até morrerem de inanição ou em conseqüência das intempéries. Entretanto, segundo os arquivos, os Shinnecocks não enterravam seus mortos naquelas terras porque acreditavam estarem infestadas de demônios.

Não se sabia por quantos séculos esse costume subsistira entre os índios, e no final do século XVII os colonizadores brancos tinham expulsado os primitivos americanos da área. Até hoje os Shinnecocks ainda possuem terras, imóveis e negócios na ponta leste de Long Island.

Um dos mais célebres fundadores de Amityville fora um tal de John Catchum, ou Ketcham, que tinha sido expulso de Salem, Massachusetts, por atos de bruxaria. John fixara-se a uns cento e cinqüenta metros do local onde George vivia atualmente, continuando seus cultos diabólicos. A lenda também afirmava que ele fora enterrado no canto nordeste da propriedade.

Na Secretaria da Fazenda da cidade, George descobriu que a casa n9 112 da Avenida Oceânica fora construída em 1928 por um tal Sr. Monaghan, tendo pertencido a várias famílias, até que em 1965 os DeFeos tinham-na comprado aos Rileys. Mas apesar de tudo que lera nos últimos dois dias, George nada descobrira que esclarecesse quem construíra o quarto vermelho e com que intuito. Entre as melhorias feitas na casa, não constava nada que de longe parecesse o acréscimo do quarto do porão.

Na antevéspera do ano-novo os Lutzes recolheram-se cedo. George examinara o quarto de costura a pedido de Kathy, como fizera na noite anterior, ao voltar do NewMay. Nas duas vezes encontrara as janelas fechadas e trancadas.

Pouco antes haviam conversado sobre as descobertas de George acerca da história da propriedade.

- George - perguntara Kathy nervosa - você acha que a casa é mal-assombrada?

- Nada disso - ele respondera, - Não acredito em fantasmas. Além disso, tenho certeza de que tudo que tem acontecido aqui tem uma explicação lógica e científica.

- Pois eu não tenho tanta certeza. E quanto ao leão?

- O que é que há com o leão? - perguntou ele.

Kathy correu os olhos pela cozinha onde estavam sentados.

- E aquilo que eu senti duas vezes aqui na cozinha, George? Eu sei que alguém me tocou.

George levantou-se, espreguiçando-se.

- Ora, vamos, querida, acho que foi só sua imaginação - disse, pegando a mão dela. - Isso também já me aconteceu. Eu também achei que meu pai colocou a mão no meu

ombro lá no escritório - George puxou Kathy pela mão. - Podia jurar que ele estava lá em pé ao meu lado. Isso acontece com muita gente. Acho que é o que chamam de clarividência, ou coisa semelhante.

Abraçados, os dois deixaram a cozinha. Ao passar pela sala de estar a caminho da escada, Kathy deteve-se. Ela podia ver o leão na escuridão.

- George, acho que devíamos continuar com a nossa meditação. Vamos recomeçar amanhã, está bem?

- Você acha que assim talvez possamos encontrar uma explicação lógica para tudo que aconteceu? - perguntou ele puxando-a escada acima.

Preparando-se para dormir, o Padre Mancuso não encontrara nenhuma explicação lógica ou científica para o que estava acontecendo. Acabara de rezar ante o altar do seu quarto, em sua aflição, As palmas de suas mãos tinham começado a sangrar.

DOZE

31 DE DEZEMBRO - O ano de 1976 estava prestes a começar. O último dia do ano velho amanheceu sob uma forte nevasca, e para muitos aquilo era um sinal de que o novo teria um início claro e limpo.

O estado de espírito dos Lutzes, entretanto, era bem diferente. George dormira mal, apesar de ter tido bastante atividade nos dois dias anteriores. Durante a noite acordara, olhara o relógio e verificara com surpresa que eram duas e trinta, e não três e quinze como julgara.

George tornara a acordar às 4:30, vira que estava começando a nevar e tentara dormir outra vez sob as cobertas quentes. Mas, sem conseguir encontrar uma posição confortável, começou a virar de um lado para o outro. Sua inquietação acabou por incomodar Kathy que, dormindo, virou-se para o lado de George, empurrando-o para a beirada da cama. Não podendo conciliar o sono, George começou a sonhar acordado, imaginando que na casa havia esconderijos secretos cheios de dinheiro que ele descobriria, assim resolvendo todos os seus problemas financeiros.

Estava começando a sentir-se esmagado sob a pressão de suas dívidas, tanto as da casa quanto as da firma, e muito em breve o pagamento mensal dos seus empregados iria aumentar os seus débitos. Todo o dinheiro que ele e Kathy tinham economizado evaporara-se com a compra da casa, o pagamento de velhas contas de combustível, e a quitação dos débitos dos barcos e da motocicleta. E agora com aquele último golpe - a investigação dos seus livros e declarações de renda - não era de admirar que desejasse uma solução mágica para as suas dificuldades.

Ele bem que gostaria de encontrar o dinheiro de Jimmy. Aqueles mil e quinhentos dólares seriam a salvação. Ficou olhando a neve que caía. Lera nos jornais que o Sr. DeFeo fora um homem rico, com uma bela conta bancária e um ótimo emprego, trabalhando para o sogro numa grande concessionária de automóveis.

Esquadrinhara o armário do seu quarto e descobrira o esconderijo secreto dos DeFeos sob o umbral da porta. A polícia encontrara-o por ocasião da prisão de Ronnie, e agora estava vazio, apenas um buraco inútil no chão. Gostaria de saber se os DeFeos guardavam seu dinheiro em outros lugares da casa também... por exemplo, no abrigo de barcos! George sentou-se na cama. Talvez sua compulsão de ir até lá todas as noites tivesse algum significado! Será que alguma coisa estaria empurrando-o para lá? Estaria o morto de alguma forma querendo que ele encontrasse a sua fortuna? George sabia que era loucura até mesmo considerar tal idéia. Mas por que outro motivo ele estaria sendo empurrado para o abrigo de barcos, noite após noite?

Às seis e meia finalmente desistiu de dormir e, levantando-se, esgueirou-se silenciosamente até a escada, desceu e foi para a cozinha preparar o seu café.

Ainda estava escuro lá fora, mas podia ver a neve amontoando-se junto à porta da cozinha. Havia uma luz acesa no andar térreo da casa vizinha. Talvez seu dono também tivesse problemas financeiros e não conseguisse dormir, pensou George.

Não pretendia ir ao escritório naquele dia. Era véspera de ano-novo e os empregados iam sair cedo. Tomou o seu café pensando em passar uma revista no abrigo de barcos e no porão à procura de pistas. Foi quando começou a achar a casa gelada.

O termostato mantinha automaticamente a temperatura mais baixa entre meia-noite e seis da manhã. Mas já eram quase sete horas e o aquecimento parecia estar desligado. Indo para a sala de estar, George acendeu a lareira com papel e gravetos, mas antes que a lenha entrasse em combustão, notou que as paredes de tijolos estavam negras da fuligem provocada pelo uso quase constante.

Pouco depois das oito, Kathy desceu com Missy. A garotinha tinha acordado a mãe com gritos deliciados:

- Mamãe, venha ver a neve, que bonita! Quero ir lá fora brincar com o meu trenó hoje.

Kathy preparou o desjejum da filha, mas não quis comer nada. Tomou apenas uma xícara de café e acendeu um cigarro. George também só quis mais uma xícara de café e teve de ir apanhá-la na cozinha, pois Kathy, sem vontade de entrar na sala de estar, queixou-se de uma forte dor de cabeça. Ela estava com medo do leão de cerâmica e pretendia livrar-se dele antes do final do dia. Era verdade, porém, que estava com uma enxaqueca.

Às nove, o fogo da lareira crepitando forte já aqueceria a sala. Às dez, a neve continuava caindo, e Kathy gritou para George que o rádio da cozinha avisara que à noite o rio Amityville estaria congelado.

Com relutância, George deixou sua poltrona junto à lareira e, enfiando as botas e a japona, foi até o abrigo de barcos. Não tinha dinheiro suficiente para tirar a lancha de cruzeiro de dentro da água durante o inverno, e se o rio congelasse, a pressão do gelo poderia estourar o casco. Mas estava preparado para a emergência.

A mãe de George dera-lhe seu compressor de tinta, e ele abrira uma série de furos na mangueira de plástico. Mergulhando a mangueira ao lado do casco do barco e ligando o compressor, manteria a água em movimento, impedindo-a de congelar-se.

A manhã inteira o Padre Mancuso mal tirara os olhos das mãos. Suas palmas, que tinham começado a sangrar na noite anterior, haviam secado, mas as feias pústulas vermelhas continuavam lá.

A febre mantinha-se nos 39 graus. Quando o pároco fora vê-lo bem cedo, o sacerdote prometera permanecer na cama o resto do dia. Não se referira, entretanto, ao estado de suas mãos, conservando-as nos bolsos do roupão durante toda a visita.

Agora pensava nos estigmas, feridas semelhantes às chagas de Cristo Crucificado que

apareciam no corpo de pessoas santas. Contemplando as mãos feridas, a cólera invadiu-o. Estava preparado para qualquer doação de si mesmo exigida por Deus, mas se era necessário que sofresse, pensou, ao menos que seu sofrimento fosse proveitoso para a humanidade. Com todo o seu treinamento, experiência, devoção e competência como juiz e psicoterapeuta, era frustrador ficar inutilizado por causa de algo tão inconseqüente quanto uma casa em Amityville!

Com a cólera, as dores das mãos intensificaram-se. O padre resolveu rezar pedindo alívio. Ao orar, esqueceu-se um pouco de seus infortúnios. O entorpecimento dos dedos crispados diminuiu e lentamente ele esticou os dedos e olhou as pústulas. Então, com um suspiro, ajoelhou-se diante do seu altar particular e agradeceu a Deus.

À tarde, Danny e Chris ameaçaram fugir de casa pela segunda vez. A primeira fora quando ainda moravam na casa de George, em Deer Park. Ele ordenara que não saíssem do quarto durante uma semana, porque tinham adquirido o hábito de pregar pequenas mentiras. Os dois, revoltando-se contra a sua autoridade, tinham-se recusado a obedecer às suas ordens e ameaçado fugir de casa se ele também os proibisse de ver televisão. A essa altura, George retrucara que poderiam ir embora se não estivessem gostando do jeito que ele dirigia a casa.

Os dois garotos, aceitando o desafio, enrolaram todos os seus pertences - brinquedos, discos, roupas e revistas - em camas de campanha e arrastaram as pesadas trouxas para a calçada. Quando já estavam no meio da quadra, ofegantes sob o pesado fardo, um vizinho deteve-os e convenceu-os a voltar. Por algum tempo os dois tinham refreado suas mentiras infantis, mas agora pareciam estar cedendo outra vez à tentação.

Ao ouvir os sons de uma discussão, Kathy subira ao terceiro andar e encontrara os dois engalfinhados em cima de uma das camas. Chris sentara-se sobre Danny e preparava-se para aplicar um soco no rosto do irmão mais velho. Missy, sentada na outra cama, com um largo sorriso no rostinho infantil, batia palmas excitada.

Kathy separou os dois brigões.

- O que é que vocês pensam que estão fazendo? - gritou - O que é que há com vocês? Ficaram malucos?

- Danny não queria arrumar o quarto como você mandou - acudiu Missy.

Kathy encarou o filho com expressão severa: - Não queria, é, rapazinho? Não está vendo essa bagunça toda?

O quarto estava uma mixórdia. Por toda a parte brinquedos misturados com roupas usadas. Dos tubos destampados de um jogo de tintas a óleo escorriam os pigmentos sobre o tapete. Brinquedos novos ganhos no Natal jaziam quebrados e abandonados nos cantos do quarto. Kathy sacudiu a cabeça.

- Não sei o que vou fazer com vocês. Compramos essa linda casa para que pudessem ter um quarto só para suas brincadeiras e olhem só o que vocês fizeram!

Danny livrou-se das mãos da mãe.

- Nós não queremos ficar naquele quarto horroroso!

- É isso mesmo! - acudiu Chris. - E nós não gostamos daqui. Não tem ninguém para brincar com a gente!

Kathy e os meninos discutiram por mais uns cinco minutos, até que, num desafio, Danny ameaçou fugir de casa. Em resposta, Kathy prometeu-lhes uma boa surra.

- Vocês vão ver quem é que manda aqui nessa casa!

À hora do jantar, os ânimos já tinham esfriado. Os meninos estavam quietinhos, embora a atmosfera continuasse tensa. George dissera a Kathy que preferia passar a entrada do ano novo em casa, para não ter de enfrentar os bêbados na estrada ao voltar da casa da mãe dela. Eles não tinham feito planos para reunir-se aos amigos e estava frio demais para irem a um cinema.

Depois do jantar, Kathy convenceu George a levar o leão de cerâmica para o quarto de costura. Encontraram novamente algumas moscas pousadas na vidraça que dava para o rio, e George, irritado matou-as com um jornal, antes de sair e fechar a porta.

Por volta das dez, Missy adormeceu no chão da sala de estar, depois de ter feito Kathy prometer que a acordaria à meia-noite para que pudesse tocar a sua cornetinha. Danny e Chris ainda estavam acordados brincando junto à árvore de Natal e vendo televisão. George entretinha-se com a lareira. Kathy, sentada à sua frente, tentava sair de sua depressão interessando-se por um filme antigo que passava na TV.

Com o passar das horas, as mãos do padre tinham tornado a piorar. As pústulas estavam se espalhando, aparecendo agora nas costas das mãos. Era-lhe insuportável a idéia de passar a noite toda com medo e com dores. Quando o médico veio vê-lo, o sacerdote estendeu-lhe as mãos de repente, palmas para cima, e disse:

- Olhe!

Delicadamente, o médico examinou as pústulas.

- Frank, eu não sou dermatologista, mas acho que isso pode ser muita coisa, desde uma manifestação alérgica a um ataque de angústia. Alguma coisa o está preocupando?

O sacerdote afastou-se lentamente e ficou olhando a neve que caía lá fora.

- Acho que sim. Alguma coisa... - o sacerdote tornou a olhar para o médico - ... ou alguém.

O médico deu ao Padre Mancuso alguns comprimidos de antibiótico e, assegurando-lhe que de manhã estaria melhor, saiu para ir a uma festa.

Na televisão, Guy Lombardo saudou o ano-novo no baile do Waldorf-Astoria. Os

Lutzes viram o baile, mas não chegaram a acompanhar a contagem regressiva com que o locutor despediu-se dos últimos dez segundos de 1975.

Danny e Chris tinham subido para dormir uma meia hora antes, os olhos vermelhos da fumaça da lareira e de tanto ver televisão. Kathy levara Missy para a cama e tornara a descer, sentando-se em frente a George.

Era exatamente zero hora e um minuto. Kathy tinha os olhos pregados na lareira, hipnotizada pelas labaredas. Alguma coisa materializava-se entre as chamas - delineando-se em branco contra o fundo negro de fuligem - cada vez mais nítida, mais precisa.

Kathy tentou abrir a boca para dizer qualquer coisa ao marido, mas não conseguiu. Não pôde nem desviar a vista do demônio com chifres e capuz branco em ponta. A figura crescia cada vez mais próxima. Kathy viu que a metade do rosto era apenas um buraco negro, como se tivesse sido destruída por um disparo de fuzil â queima-roupa, e soltou um grito de pavor.

- O que foi? - perguntou George erguendo os olhos.

Kathy pôde apenas apontar para a lareira. George seguiu a direção do seu olhar e também viu o vulto branco que se desfez entre as chamas contra o fundo negro de fuligem.

TREZE

1 ° DE JANEIRO DE 1976 - George e Kathy deitaram-se afinal à uma da madrugada. Dormiram durante um tempo que lhes pareceu de apenas uns cinco minutos, quando foram acordados por violentas rajadas de vento que atravessavam o quarto.

George pulou da cama e correu para fechar as janelas. Kathy recolheu os cobertores do chão e jogou-se sobre a cama outra vez. O despertar abrupto deixara-os sem fôlego e, apesar de a porta do quarto ter-se fechado com um estrondo, ainda ouviam o clamor da ventania no hall do segundo andar.

George abriu a porta num repelão e foi atingido por outra rajada gelada. Acendendo a luz do hall, viu assombrado que as portas dos quartos de costura e vestir estavam escancaradas, e a ventania rugia livre através das janelas abertas. Apenas a porta do quarto de Missy continuava fechada.

George correu primeiro ao quarto de vestir, lutando contra o vento, e conseguiu abaixar as vidraças. Em seguida correu para o quarto de costura e, com lágrimas nos olhos devido ao frio cortante, fechou uma das janelas. sem conseguir contudo baixar a vidraça que dava para o rio. Desesperado, golpeou furiosamente a esquadria até que a janela desemperrou e desceu.

Ficou ali parado, tremendo de frio em seu pijama, tentando recuperar o fôlego. A ventania não mais atravessava a casa, mas ele podia ouvi-la, furiosa, lá fora. Correu os olhos pelo quarto e então lembrou-se de Kathy.

- Querida, você está bem? - perguntou bem alto.

Ao correr para o hall atrás do marido, Kathy vira as outras portas abertas e só o quarto de Missy fechado. Com o coração aos pulos, correra para abrir a porta da filha e acendera a luz.

O quarto de Missy estava aquecido, quase excessivamente. As janelas continuavam descidas e trancadas e a menininha dormia em sua cama.

Mas alguma coisa movia-se no quarto. Era a cadeirinha de Missy que, junto à janela, balançava para a frente e para trás. Nesse instante Kathy ouvira a voz de George:

- Querida, você está bem?

George entrou no quarto de Missy. O calor atingiu-o como se tivesse se aproximado de uma fogueira. Num só olhar, abrangeu a situação: a menina dormindo em segurança, sua mulher em pé ao lado da cama com uma expressão de horror e incredulidade, a cadeira de' balanço movendo-se sozinha.

Ele deu um passo em direção à cadeirinha e o- movimento cessou imediatamente. Deteve-se como paralisado e fez um sinal para Kathy.

- Leve-a para baixo! Depressa!

Kathy não discutiu. Pegou a menina no colo com cobertores e tudo e saiu correndo. George seguiu-a e bateu a porta sem se dar ao trabalho de apagar a luz.

Kathy desceu as escadas com cuidado, encontrando o vestíbulo gelado. Enquanto isso, George subiu correndo ao terceiro andar, onde Danny e Chris dormiam.

Quando ele desceu alguns minutos depois, Kathy estava sentada na sala de estar escura com a menina adormecida nos braços. George apertou o interruptor e o lustre lançou estranhas sombras pelos cantos. Kathy virou-se para ele com uma interrogação no olhar.

- Eles estão bem - tranqüilizou-a o marido. - Os dois estão dormindo. Está bem frio lá em cima, mas eles estão bem.

Kathy respirou fundo e o ar quente dos seus pulmões condensou-se no ar gelado.

Com gestos rápidos, George correu a acender a lareira. Tinha os dedos entorpecidos, e súbito percebeu que estava descalço e vestia apenas o pijama. Afinal, pôs fogo em alguns jornais e abanou as chamas com as mãos até que os gravetos se incendiaram. Ali agachado, ouvindo a ventania rugir lá fora. perguntou de repente a Kathy:

- Que horas são?

Foi a única coisa que lhe ocorreu no momento, diria George mais tarde, lembrando-se ainda da expressão de Kathy ao ouvir sua pergunta. Por alguns instantes ela olhou-o sem responder. Afinal começou:

- Devem ser umas... - mas antes que pudesse concluir a frase explodiu em lágrimas. o copo todo tremendo incontrolavelmente. Sempre ninando Missy, exclamou soluçando: - Oh, George, eu estou apavorada!

George dirigiu-se para ela e, ajoelhando-se diante de sua poltrona, envolveu nos braços a esposa e a filha.

- Eu estou aqui - sussurrou - eu estou aqui. Ninguém vai fazer algum mal nem a você nem à menina.

Os três ficaram assim muito tempo. Lentamente as chamas altearam-se, brilhantes, aquecendo a sala. Pareceu a George que a ventania serenava lá fora. Foi quando ouviu a caldeira ligar automaticamente no porão - eram seis horas da manhã do primeiro dia do novo-ano.

Por volta das nove horas, a temperatura da casa da Avenida Oceânica já atingira os vinte e quatro graus centígrados controlados pelo termostato. George decidiu examinar todas

as janelas da casa, do térreo ao terceiro andar. Não encontrou nenhum indício visível de que alguém tivesse forçado os ferrolhos do segundo andar, e continuou perplexo, sem saber como acontecera uma coisa tão estranha.

Rememorando o episódio, George afirma que na ocasião nem ele nem Kathy puderam atinar com qualquer explicação para o comportamento das janelas naquela noite, a não ser que, por algum fenômeno da natureza, a fúria das rajadas tivesse erguido os vidros. Entretanto, não podem conceber por que o mesmo não sucedeu às outras janelas da casa.

Súbito, George sentiu que precisava ir ao escritório. Era feriado, não ia encontrar ninguém lá, mas por algum motivo tinha de ir verificar as operações de sua firma. William H. Parry e Cia. abrigava em sua folha de pagamento quatro equipes de engenheiros e topógrafos. A companhia fornecera os projetos do maior conjunto imobiliário, da cidade de Nova York e para as Torres de Glen Oaks, Long Island, e também executara um planejamento para a renovação de quarenta quarteirões em Jamaica Oucens. Além desses trabalhos, tinha em seu currículo inúmeros serviços menores para companhias imobiliárias. A distribuição das tarefas diárias era um trabalho complexo, e nas últimas semanas George deixara-a a cargo de um dos desenhistas um profissional de larga experiência, que já trabalhara para seu pai e para seu avô.

A partir do ano anterior, depois que a mãe lhe passara o controle total da companhia, George vinha se ocupando principalmente da parte financeira, apresentando as faturas dos seus serviços às companhias municipais e privadas que recorriam à sua firma. Tanto a folha de pagamento como as despesas tinham crescido desde a morte do seu pai. Pesava-lhe também a dívida contraída com a compra de seis veículos e equipamento de topografia. Percebeu que negligenciara suas funções: era tempo de assumir sua cota de responsabilidades.

Às dez da manhã, o Padre Mancuso também já acordara. Dormira mal e levantara-se várias vezes durante a noite para banhar as mãos numa solução anti-séptica recomendada pelo médico. Às sete deixara a cama, apesar da gripe, e de sentir-se melhor deitado.

A medicação aliviara parcialmente a dor e a comichão das mãos, mas a febre continuava alta. Tentando esquecer um pouco as suas mazelas, o padre começou a folhear algumas revistas de medicina, procurando artigos sobre psicoterapia. Em três horas de leitura, encontrara mais de uma dúzia de novidades interessantes nesse campo. Foi quando notou uma nódoa vermelha na capa da última revista que folheara.

O sacerdote virou as palmas das mãos para cima. Estavam sujas de sangue. As pústulas estavam sangrando.

Ao meio-dia, George encontrava-se em Syosset, às voltas com sua máquina de calcular. Acabara ele descobrir que o dinheiro que entrava não cobria os gastos diários. Ultimamente, as retiradas eram muito maiores do que os depósitos, e sentiu que teria de reduzir tanto o pessoal do escritório quanto os técnicos.

A perspectiva de ter de privar homens do seu sustento era lhe detestável, principalmente porque sabia que eles teriam dificuldades para encontrar outros empregos na indústria de construção, que se achava em retração. Porém a medida era necessária, e George perguntou-se por onde começar. Não dedicou, entretanto, muito tempo ao problema, porque havia outros assuntos pendentes. Antes que a semana bancária terminasse, no dia seguinte - uma sexta-feira - teria de transferir fundos de uma das contas da firma para outra, para cobrir cheques entregues a fornecedores.

Imerso nessas preocupações, George não viu as horas passarem. Pela primeira vez desde o dia 18 de dezembro, não estava pensando em si mesmo, nem na casa da Avenida Oceânica.

Mas sua esposa estava. A mente de Kathy concentrava-se nos problemas que vinham tendo desde a mudança. Ainda não dissera isso abertamente a George, porém estava convencida de que alguns dos acontecimentos das duas últimas semanas tinham sido obra de forças exteriores. Tinha certeza de que ele iria julgar tolas suas conclusões e, envergonhada, nada dissera ao marido sobre o seu susto com o leão de cerâmica.

Agora ela achava ter percebido antes de George que o quebra-cabeças tomava forma, uma peça aqui, outra ali. Pensou na mãe, mas rapidamente pôs a idéia de lado. Joan Conners era muito religiosa e iria insistir para que Kathy falasse imediatamente com o seu velho vigário.

Kathy ainda não estava preparada para ingressar num mundo de fantasmas e demônios, queria primeiro discutir o assunto num plano mais abstrato. Entretanto, no íntimo, sabia perfeitamente onde o assunto iria parar.

Kathy foi para a cozinha e discou o número da única pessoa que entenderia suas preocupações - o Padre Mancuso.

A ligação completou-se e ela ouviu o primeiro toque da campainha na outra extremidade do fio. Enquanto aguardava o segundo toque, percebeu de repente que a cozinha fora invadida por um perfume adocicado. Sua pele arrepiou-se e em suspenso ela esperou o contato familiar.

O telefone do Padre Mancuso tocou outra vez, mas Kathy não chegou a ouvir. Desligando o aparelho, saiu correndo da cozinha.

Na casa paroquial, ao banhar suas mãos na solução medicinal, o sacerdote notou que as pústulas tinham parado de sangrar. Secava as mãos com uma toalha quando o telefone tocou na sala. Atendeu logo depois do segundo toque.

Assim que disse "Alô?", a ligação foi cortada. Olhou o aparelho e murmurou:

- O que quereriam comigo? - Nisso lembrou-se de George Lutz e sacudiu a cabeça. - Ah, não, não vou entrar nessa outra vez! - e recolocando o fone no lugar voltou ao banheiro.

Examinou as pústulas. Nojentas, pensou, e perguntou erguendo os olhos para a sua

imagem no espelho:

- Quando é que isso irá acabar?

A gripe abatera-o. Tinha olheiras fundas e uma palidez doentia. Apalpou a barba com hesitação. Precisava apará-la, mas suas mãos não tinham a firmeza necessária para segurar uma tesoura.

O sacerdote diz que, olhando o seu rosto no espelho, começou subitamente a lembrar dos seus estudos de demonologia. Sabia que o campo era vasto, e abrangia o estudo de vários fenômenos ocultos. Nunca apreciara a matéria, nem mesmo no tempo de seminário, em que fora obrigado a estudá-la e nunca se esforçara para conhecê-la a fundo.

Era amigo de sacerdotes que conheciam bem demonologia, mas nunca conversara com um exorcista. Todo sacerdote está teoricamente habilitado a exorcizar demônios ou maus espíritos, mas a Igreja Católica prefere que essas perigosas cerimônias sejam atribuição somente daqueles religiosos que se especializaram no assunto.

Contemplando sua imagem no espelho do banheiro, o Padre Mancuso não encontrou solução para o seu dilema, e concluiu que chegara a hora de confiar suas preocupações ao seu superior eclesiástico.

A nevada matutina tornara perigoso o tráfego nas estradas. Com o correr do dia, a temperatura desceu ainda mais em Long Island e os carros começaram a atolar na neve ou a derrapar no gelo. Mas, quando George voltou para casa, a neve parara de cair e ele chegou a Amityville em segurança.

A entrada da garagem do número 112 estava coberta de neve fresca e George viu que teria de limpar uma faixa a pá para guardar o carro. Amanhã faço isso, pensou, e deixou o veículo estacionado na rua que fora limpa há pouco pela limpeza urbana.

Danny e Chris tinham brincado na neve e largado seus trenós junto à porta da cozinha. Ao entrar, ele viu pegadas infantis desenhadas em neve derretida atravessando a cozinha na direção da escada. Kathy devia estar lá em cima, pensou, e quando visse a lameira que os meninos tinham feito em sua casa limpa, ia haver o diabo.

George encontrou a esposa no quarto do casal, deitada na cama, lendo para Missy um dos livros de histórias que a menina ganhara no Natal. Missy batia palmas encantada.

- Olá, pessoal! - saudou-as, e as duas ergueram os olhos.

- É o papai! - exclamaram elas em coro e, pulando da cama, abraçaram George com alegria.

Pela primeira vez em muito tempo, a família Lutz teve um jantar alegre. Sem que Kathy soubesse, advertidos por George. Danny e Chris tinham descido e discretamente desfeito os rastros de sua entrada descuidada. Sentando-se à mesa com as faces vermelhas do exercício ao ar livre, os dois comeram com grande apetite os

hambúrgueres e as batatas fritas que a mãe preparara especialmente para eles.

Missy fez a família sorrir com sua tagarelice inconseqüente e com a maneira ardilosa com que se apoderava das batatas dos irmãos. quando estes se distraíam. Quando surpreendida em flagrante, a menina virava-se para o acusador e desarmava-o com seu sorriso banguela.

Kathy sentia-se mais segura com a presença de George. Seus receios tinham-se acalmado momentaneamente e ela evitava pensar no sopro de perfume que a envolvera naquela tarde. Talvez eu esteia ficando paranóica com essa história, disse a si mesma correndo os olhos em torno. A atmosfera alegre certamente não propiciava a visita de fantasmas.

Quanto a George, relegou seus deprimentes problemas de trabalho a um canto mais esquecido do cérebro. Sentia-se como uma lagarta em seu casulo. Que bom seria se a vida fosse sempre assim naquela casa nova da Avenida Oceânica! O que quer que ~o mundo exterior lhes reservasse, os Lutzes seriam capazes de enfrentar, com um tal abrigo. George e Kathy dividiram entre si um rosbife. Depois, acendendo um cigarro, George foi para a sala de estar com os meninos.

George trouxera Harry para dentro para alimentá-lo, e deixara-o ficar mais um pouco para brincar com os meninos em frente à lareira. Os Lutzes tinham jantado cedo e assim pouco passava das oito quando os meninos começaram a cabecear e a bocejar.

Enquanto os . meninos subiam para a cama seguidos por Missy e Kathy, George levou Harry para fora, afundando-se na neve acumulada entre a casa e o canil. Logo que George o prendeu na corrente, Harry esgueirou-se para dentro de sua casinha de cachorro, deu várias voltas em torno de si mesmo e por fim aninhou-se com um suspiro. Sob as vistas de George, os olhos do animal fecharam-se e ele adormeceu instantaneamente.

- Assim já é demais - disse George. - Sábado vou levá-lo ao veterinário.

Depois que Missy adormeceu, Kathy voltou à sala. George fez sua costumeira vistoria da casa, verificando com cuidado todas as portas e janelas. Já examinara a garagem e o abrigo de barcos ao levar Harry para o cercado.

- Vamos ver o que acontece essa noite - disse a Kathy ao voltar. - Não há nem um pingo de vento.

Por volta das dez, tanto George como Kathy já estavam com sono. O fogo ia morrendo na lareira, mas o calor irritava-lhes a vista. Kathy esperou que George abafasse as últimas brasas e derramou água nas achas que ainda ardiam. Depois apagou o lustre e procurou a mão do marido na escuridão. Foi quando ela gritou.

Por cima do ombro de George, Kathy viu dois olhinhos vermelhos encarando-a do lado de fora da vidraça!

Com o grito da mulher, George rodou nos calcanhares e também viu os olhos

arregalados dirigidos para ele. George deu um pulo na direção do interruptor e os olhos desapareceram na luz refletida no vidro.

- Ei! - gritou George precipitando-se para a porta. As janelas da sala de estar abriam para a frente do terreno. George não gastou mais de dois segundos para chegar até lá, mas não viu ninguém nas janelas.

- Kathy, apanhe a minha lanterna! - gritou, e forçou a vista para ver se vislumbrava alguma coisa nos fundos da casa.

Kathy trouxe-lhe a lanterna e um agasalho e os dois revistaram a neve sob a janela onde tinham visto o par de olhos. Nisso o feixe amarelado de luz revelou uma linha de pegadas que iam até o canto da casa.

As pegadas não eram de homem, nem de mulher. Tinham sido impressas por cascos fendidos - como os de um porco gigantesco.

QUATORZE

2 DE JANEIRO - Quando George saiu de casa de manhã, as marcas dos cascos fendidos ainda eram visíveis na neve congelada. As pegadas do animal passavam pelo canil de Harry e iam terminar na frente da garagem. Atônito, George viu que a porta desta quase fora arrancada das ombreiras metálicas.

O próprio George fechara e trancara a pesada porta de contrapeso. Arrancá-la das ombreiras, além de ser uma façanha ruidosa, exigiria força descomunal.

George ficou parado na neve olhando para as pegadas e a porta arruinada. Seus pensamentos recuaram até a madrugada em que encontrara a porta da frente escancarada e a noite em que vira um porco na janela de Missy. Ao esgueirar-se por baixo da porta para entrar na garagem, lembra-se de ter dito:

- Mas que diabo está acontecendo aqui?

Acendendo a luz, olhou em torno. Tudo estava no lugar: a motocicleta, as bicicletas das crianças, o cortador de grama elétrico que pertencera aos DeFeos, o cortador velho movido a gasolina que trouxera de Deer Park, a mobília do jardim, as ferramentas, as latas de óleo e de tinta. O piso de concreto da garagem estava coberto por uma fina camada de neve que entrara por baixo da porta parcialmente aberta. Era óbvio que a porta fora arrebentada já há algumas horas.

- Há alguém aí? - gritou George, e o assobio do vento lá fora foi a única resposta.

Ao seguir para o escritório, sentia mais raiva do que medo. (qualquer receio que o desconhecido pudesse lhe inspirar dissolvera-se ante a idéia do prejuízo material. Não sabia se a companhia de seguros pagaria o conserto da porta, e uma despesa extra de uns duzentos ou trezentos dólares era o de que menos precisava no momento.

George não sabe como conseguiu levar o Ford sem incidentes até Syosset através das estradas cobertas de gelo e neve. Sua frustração por não conseguir entender tanto azar impediu que se preocupasse com sua segurança. No escritório, rapidamente absorveu-se nos problemas mais urgentes e durante algumas horas afastou dos pensamentos a casa 112 da Avenida Oceânica.

Antes de sair de casa, George falara a Kathy sobre a porta quebrada e as pegadas na neve. Ela tentara telefonar para a mãe, mas ninguém atendera, e lembrara-se então que Joan sempre fazia suas compras na sexta de manhã para evitar os engarrafamentos dos sábados no supermercado. Com a intenção de mudar os lençóis de todas as camas e passar o aspirador nos tapetes dos quartos, Kathy subiu, a mente voltada para os detalhes de uma boa faxina. Sabia que se não se mantivesse ocupada até George voltar, iria se descontrolar.

Ela acabara de colocar fronhas limpas nos travesseiros do seu quarto e afofava-os, quando alguém enlaçou-a por trás. Imobilizando-se, perguntou instintivamente:

- É Danny?

A pressão em torno de sua cintura aumentou, mais vigorosa do que o abraço feminino que experimentara na cozinha. Kathy sentiu que um homem a segurava, e debateu-se, mas a pressão se intensificou.

- Solte-me, por favor - gemeu.

As mãos largaram subitamente sua cintura e pegaram seus ombros. Lentamente estava sendo virada de frente para a presença invisível.

Em seu terror, Kathy tomou consciência de um odor muito forte de perfume barato. Nisso, um outro par de mãos agarrou seus pulsos. Mais tarde ela diria que percebeu que se travava uma luta pela posse do seu corpo, e de alguma forma estava encurralada entre duas forças poderosas. A fuga era impossível, e achou que ia morrer. A pressão sobre o seu corpo tornou-se insuportável, e ela desmaiou.

Quando recuperou a consciência, Kathy viu que estava caída sobre a cama, a cabeça quase tocando o chão. Danny entrara no quarto em resposta ao seu chamado, e ela sentiu que as presenças tinham sumido. Devia ter desmaiado apenas por alguns segundos.

- Chame o papai no escritório, Danny! Depressa!

Dali a poucos minutos o menino voltou.

- O homem que atendeu o telefone disse que papai acabou de sair lá de Syosset. Acha que ele veio para casa.

George só chegou em casa no início da tarde. Ao entrar em Amityville, tomou a estrada Merrick e parou no A Poção das Bruxas, para tomar uma cerveja.

O bar estava aquecido mas vazio, o toca-discos e a televisão desligados. Quando George entrou, o garçom ergueu a vista e reconheceu-o.

- Olá! Que bom vê-lo outra vez!

George cumprimentou-o e aproximou-se do balcão.

- Uma cerveja - pediu. O garçom encheu o copo. Era um rapaz de menos de trinta anos que, pela barriga roliça, gostava de experimentar a cerveja que vendia. George tomou um longo gole, esvaziando o copo pela metade antes de pousá-lo sobre o balcão de madeira escura.

- Diga-me uma coisa - disse George soltando um arroto - você conheceu os DeFeos?

Recomeçando a lavar os copos, o jovem fez um gesto de assentimento.

- Sim, eu os conheci. Por quê?

- Estou morando na casa que foi deles e...

- Eu sei -. interrompeu o garçom. George ergueu os olhos surpreso. - A primeira vez que o senhor veio aqui falou que se mudara para o número 112 da Avenida Oceânica. É a casa dos DeFeos.

George virou o resto do copo.

- Eles costumavam vir aqui?

O garçom enxugou as mãos na toalha.

- Só o Ronnie. As vezes ele trazia a irmã menor, a Dawn. Bela garota - o garçom pegou o copo vazio de George. - Sabe, você é muito parecido com o Ronnie, a barba e tudo mais. Mas acho que deve ser mais velho do que ele.

- Ele alguma vez falou sobre a casa?

O garçom colocou outro copo de cerveja na frente de George.

- A casa?

- É, ele nunca comentou qualquer coisa de anormal a respeito da casa? Qualquer coisa esquisita? - perguntou George, e bebeu um gole.

- Você acha que há algo de errado com aquela casa? Agora, depois do crime?

- Não, não - protestou George sacudindo a cabeça. - Eu queria saber se ele disse qualquer coisa sobre isso . .. antes daquela noite.

O garçom correu os olhos em volta como se quisesse assegurar-se de que estavam sozinhos. Depois inclinando-se para George, disse:

- Para mim ele nunca falou nada... mas você quer saber de uma coisa? Eu estive lá uma vez. Eles deram uma festa e o pai de Ronnie me contratou para servir as bebidas.

George tomou outro gole de cerveja.

- E o que é que você achou lá da casa?

O garçom abriu os braços gordos.

- É imensa; um casarão. Mas não vi muita coisa, fiquei todo o tempo no porão. Eles serviram uísque e cerveja a rodo; era aniversário de casamento deles - o garçom olhou

em torno outra vez: - Você sabia que existe um quarto secreto naquele porão?

George fingiu ignorância.

- Verdade? Onde?

- Ah... - fez o garçom - dê uma espiada no fundo da despensa e terá uma surpresa e tanto.

George debruçou-se sobre o balcão.

- Que tipo de surpresa?

- Um quarto secreto. Dei com ele na noite que passei no porão. Lá não tem um armário forrado de compensado junto da escada? Pois bem, um barrilete de chope rolou e bateu na parede de compensado e sabe o que aconteceu? A parede cedeu como nesses filmes antigos com quartos secretos.

- E como é esse tal quarto? - perguntou George.

- Bem, como eu ia dizendo, a parede se abriu e dei com aquele vão escuro. A luz do armário estava queimada e acendi um, fósforo. E sabe o que eu vi? Um lugar sinistro, todo pintado de vermelho!

- Você está inventando essa história - protestou George

O garçom colocou a mão direita sobre o coração.

- Em nome de Deus, é a pura verdade, homem. Você vai ver.

George terminou o segundo copo e colocou um dólar sobre o balcão.

- Pode contar que vou dar uma espiada. Isso é pela cerveja - e juntando outra nota, acrescentou: - E isso é para você.

- Ei, muito obrigado, camarada! - o garçom ergueu os olhos para George: - Quer saber de uma coisa esquisita? Eu tive muitos pesadelos sobre aquele quarto.

- Pesadelos? Que tipo de pesadelo?

- Bem, às vezes, eu sonhava que tinha gente lá dentro, não sei quem era... matando porcos e cachorros e usando o sangue deles numa cerimônia qualquer.

- Cachorros e porcos?

- Isso mesmo - assentiu o garçom com uma careta de repugnância. - Acho que fiquei impressionado com aquelas paredes vermelhas, sei lá.

Ao chegar em casa com as novidades, George encontrou Kathy também ansiosa para

contar o episódio do quarto. Depois de ouvi-la, ele repetiu o que o garçom dissera sobre o quartinho do porão. Finalmente os Lutzes compreendiam que os acontecimentos estavam escapando ao seu controle.

- Por favor, telefone ao Padre Mancuso - implorou Kathy. - Peça-lhe para voltar aqui.

O superior do Padre Mancuso, preocupado com a saúde dele, fora visitá-lo. O sacerdote disse ao bispo que se sentia bem melhor naquela manhã. Os dois decidiram examinar alguns assuntos pendentes e a maior parte da papelada atrasada foi satisfatoriamente despachada. A secretária do bispo iria se incumbir do serviço de datilografia. O Padre Mancuso acompanhou o seu superior até a entrada da casa paroquial e voltou aos seus aposentos. O telefone estava tocando.

Ele ainda estava usando as leves luvas cirúrgicas de algodão que encontrara numa gaveta. Dissera ao bispo que as calçara por causa do frio, mas seu verdadeiro propósito era ocultar aspecto repugnante das pústulas. O telefone tocou cinco vezes antes que ele atendesse.

- Alô? Aqui é o Padre Mancuso.

A voz do seu interlocutor soou clara e forte:

- Padre, aqui é o George.

O sacerdote hesitou, incrédulo. Parecia que George estava ali na sala, ao seu lado. Por fim, gaguejou:

- George?

- George Lutz, o marido de Kathy.

- Ah, como vai?

Na cozinha da Avenida Oceânica, George tapou o bocal e sussurrou para Kathy:

- O que é que há com ele? Parece que não se lembra mais de mim.

O padre lembrava-se perfeitamente bem, mas ainda estava atônito diante daquela ligação tão nítida e perfeita.

- Desculpe,. George, não quis ser indelicado. Fiquei surpreso ao ouvir tão bem a sua voz depois de todas as dificuldades que venho tendo para falar com você.

- É, o senhor tem razão - replicou George. O padre esperou que ele continuasse, mas não ouvindo mais nada, perguntou:

- Alô? George, você está aí?

- Estou, padre. E Kathy está aqui do meu lado - acrescentou olhando para a esposa. -

Nós gostaríamos que o senhor voltasse aqui para benzer novamente 'a casa.

O Padre Mancuso pensou no que lhe acontecera da primeira vez que benzera a casa dos Lutzes e olhou para as mãos enluvadas.

- Padre, o senhor pode vir até aqui?

O padre hesitou. Não queria voltar lá, mas não podia dizer isso abertamente a George.

- Bem, George - respondeu afinal - no momento não posso. Tive uma recaída de gripe e o médico não quer que eu saia nesse tempo frio.

- Bem - retrucou o outro - então quando é que o senhor vai poder sair?

O padre começou a procurar uma desculpa.

- Mas por que é que você quer que eu benza outra vez a sua casa? Isso não é coisa que se faça assim a toda hora, sabe.

George estava ficando desesperado.

- Olhe, nós estamos lhe devendo um jantar. Venha que Kathy vai preparar um rosbife maravilhoso. E o senhor pode passar a noite aqui ...

- Ah, isso não será possível, George...

- Nós vamos enchê-lo tanto de uísque que não vai conseguir dirigir.

O padre mal pôde acreditar em seus ouvidos. Aquilo não era brincadeira que se fizesse com um sacerdote.

- Escute aqui, rapaz...

- Padre, nós estamos numa grande enrascada. Precisamos da sua ajuda.

A cólera do padre evaporou-se.

- O que é que há?

- Estão acontecendo muitas coisas aqui em casa que não compreendemos. Temos visto...

Fortes estalidos interromperam a voz de George.

- George, o que foi que você disse? Eu não ouvi.

A conversa dos dois homens estava encerrada. Agora só se ouviam estática e um zumbido irritante. Os dois compreenderam que era inútil insistir e desligaram seus telefones.

George virou-se para Kathy e correu os olhos pela cozinha.

- Começou tudo outra vez. Cortaram a ligação.

O Padre Mancuso largou o aparelho, pois suas mãos tinham começado outra vez a doer.

- Que Deus me perdoe - disse em voz alta - mas George vai ter de procurar ajuda em outro lugar. Não volto àquela casa de maneira alguma!

QUINZE

2 A 3 DE JANEIRO - Desapontados por não terem conseguido convencer o Padre Mancuso a voltar à sua casa, George e Kathy examinaram outras possibilidades de auxílio. Ambos achavam que agora, depois de já estarem morando há algum tempo na casa, não seria delicado pedir ao pároco local para benzê-la. Além disso, este fora confessor dos DeFeos e George lembrava-se de ter lido nos jornais que se tratava de um homem idoso, que considerara ridícula a idéia de Ronnie ter ouvido vozes incentivando-o ao crime. Pelo jeito ele não acreditava em fenômenos ocultos.

À certa altura, George pensou na hipótese de vandalismo. Seria possível que alguém estivesse tentando amedrontá-los para que abandonassem a casa, recorrendo a atos destrutivos para afugentá-los? Kathy, entretanto, era de outra opinião. Será que George achava que ela apenas imaginara ter sido tocada por entes invisíveis? Pois ela não acreditava que fosse apenas imaginação.

Acaso ele poderia explicar a horrível figura desenhada a fogo nos tijolos da lareira? Não, de certo ele irão podia. Eles não tinham visto as pegadas de um porco na neve? Tinham. Ele estava disposto a admitir a existência naquela casa de forças poderosas capazes de molestarem a família? Sim, ele estava. Então o que iam fazer? Ao se deitar aquela noite, George disse a Kathy que decidira ir ao Departamento de Polícia no dia seguinte.

Na madrugada de 2 de janeiro, George acordou novamente sentindo a compulsão de ir ao abrigo de barcos e encontrou Harry profundamente adormecido em sua casinha de cachorro. Na manhã seguinte, levou o animal ao hospital veterinário de Deer Park e pediu que o examinassem com cuidado. Pagou trinta e cinco dólares para descobrir que Harry gozava de boa saúde e não parecia ter sido narcotizado ou envenenado. O veterinário sugeriu que a lassidão do animal talvez fosse conseqüência de alguma alteração em sua dieta.

Na manhã de 2 de janeiro, o Padre Mancuso tornou a benzer a casa dos Lutzes. A cerimônia não teve lugar em Amityville, mas na Igreja do Sagrado Coração em North Merrick, onde o sacerdote rezou uma missa votiva - uma missa com uma intenção especial, à escolha do celebrante.

O padre removera as luvas. Ajoelhando-se diante do altar, abriu o missal e começou:

- Eu sou o Salvador de todos os homens, disse o Senhor. Quaisquer que sejam os seus sofrimentos, atenderei a suas preces e serei sempre o seu Senhor.

Persignando-se, leu em voz alta o intróito da missa:

- Deus, nosso Pai, nossa força na adversidade, nossa saúde na fraqueza, nosso conforto

na amargura, tende piedade do Vosso povo.

O Padre Mancuso ergueu os olhos para o vulto na cruz.

- Assim como nos destes o castigo que merecemos, dai-nos também uma nova vida e esperança, agora e sempre, amém.

Fechou o missal, mas continuou com os olhos fixos em Jesus.

- Senhor, olhai com bondade os Lutzes e seus sofrimentos e pela morte que o Vosso Filho sofreu por nós, afastai deles Vossa cólera e o castigo que merecem por seus pecados. Rogamos por Cristo, Nosso Senhor, amém.

Ao abrir a porta do seu apartamento, de volta da missa votiva, o Padre Mancuso foi atingido pelo cheiro nauseabundo de excremento humano. Em ânsias de vômito, conseguiu abrir todas as janelas. O ar gelado entrou causando um alívio momentâneo, mas logo o fedor contaminou outra vez o ambiente. O sacerdote correu ao banheiro para ver se a privada estava por acaso entupida. Porém tudo parecia em perfeita ordem - a não ser quando tentava respirar!

Sabia da existência de uma fossa sanitária sob o gramado, defronte à casa paroquial, e de poços secos atrás do pátio de estacionamento. Com a ajuda do zelador, certificou-se de que não caíra nenhum animal dentro dos poços e que a fossa funcionava normalmente. Também não acharam nenhum vazamento nos esgotos.

Por fim o fedor começou a se espalhar por todo o prédio. Outros sacerdotes deixaram seus quartos e reuniram-se na entrada da escola, no outro lado do pátio. Transtornado com o incidente, o pároco sugeriu que todos queimassem incenso para ver se expulsavam o cheiro ofensivo.

Até aquele momento, o padre não atribuíra a origem do odor ao seu próprio apartamento, mas depois de acender incenso em seus aposentos, ao voltar para o prédio da escola, atinou que fora lá que o fedor começara e na certa enquanto ele rezava a missa especial pelos Lutzes! E o padre fez uma terrível associação de idéias. A voz incorpórea que lhe ordenara "Saia!" na casa da Avenida Oceânica conseguira chegar até a casa paroquial para, de uma outra forma, repetir-lhe a mesma mensagem.

E logo uma outra idéia assomou à mente do padre. Olhando para o seu apartamento da janela da escola, lembrou-se de uma de suas lições, de demonologia: o cheiro de excremento humano estava sempre associado ao aparecimento do Diabo!

À tarde, em companhia de George, o sargento detetive Pat Camaroto, da Polícia de Amityville, fez uma vistoria na porta arrebentada, viu os rastros de um animal na neve congelada, e depois entrou, sendo apresentado a Kathy e às crianças. Ela repetiu a história dos seus encontros fantasmagóricos e levou-o à sala de estar para que visse a figura gravada pelo fogo nos tijolos da lareira.

Mesmo depois de terem mostrado o quarto vermelho do porão, George e Kathy sentiram o ceticismo de Camaroto. O policial ouviu hipóteses de George quanto à finalidade do

quarto secreto, que este acreditava ter sido construído por Ronnie DeFeo, mas depois perguntou ao casal se tinham fatos concretos que justificassem seus receios.

- Não posso agir baseado em impressões, em coisas que vocês pensam ter visto ou ouvido. Talvez devessem chamar um padre. Isso me parece mais um caso para um religioso do que para a polícia.

O sargento Pat Camaroto deixou a casa dos Lutzes sabendo que em nada havia ajudado o jovem casal. Mas na verdade pouco podia fazer por eles, a não ser mandar um carro patrulha passar por lá de vez em quando. Não adiantaria nada apavorá-los ainda mais, disse a si mesmo ao ligar o motor do seu carro. Por que piorar as coisas dizendo-lhe que sentira fortes vibrações, "um arrepio na espinha", no momento em que entrara no número 112 da Avenida Oceânica?

Ao pôr-do-sol, continuava forte o fedor na casa paroquial do Sagrado Coração. A densa fumaça resultante do incenso irritara os olhos e os pulmões de todos os residentes. Os sacerdotes que tinham permanecido no prédio não sabiam se sentiam náuseas por causa da fumaça ou do mau cheiro inicial.

O Padre Mancuso deixara suas janelas bem abertas na esperança de que o ar frio acabasse por expulsar o odor repugnante dos seus aposentos. Mas sua tentativa falhara. Entrando, o ar frio apenas bloqueara a saída da fumaça e do fedor. O sacerdote teve vontade de contar aos companheiros o motivo do fenômeno, mas manteve a boca fechada e orou para que aquela última humilhação chegasse logo a um termo.

Logo depois que o sargento Camaroto saiu, George notou que o compressor do abrigo de barcos parara de funcionar. Provavelmente o circuito ficara sobrecarregado e o fusível queimara. Isso significava que ele teria de descer ao porão e examinar a caixa de fusíveis.

Sabia que ela ficava junto à escada, e desceu com fusíveis sobressalentes. Com rapidez descobriu o que estava queimado e substituiu-o, e imediatamente o ruído característico do compressor chegou-lhe aos ouvidos. Ainda esperou para ver se o fusível ia tornar a queimar, mas depois de alguns momentos deu-se por satisfeito e dirigiu-se para a escada. Ia em meio à subida quando notou o cheiro. Não era o óleo combustível.

Trouxera a lanterna, mas as luzes do porão continuavam acesas; daquele ponto da escada, via quase todo o porão. Aspirou fundo e achou que o mau cheiro provinha da área junto ao armário embutido que ocultava o quarto secreto.

Tornou a descer e aproximou-se com cautela da despensa. Junto das prateleiras que escondiam a entrada do quarto vermelho, o odor era mais forte. Apertando o nariz, forçou o lambri e correu o facho de luz da lanterna pelas paredes escarlates.

Um bafo nauseabundo de excremento humano impregnava o espaço confinado. Enojado, George sentiu o estômago revoltar-se. Apenas teve tempo para fechar a porta de compensado, impedindo a saída do ar repugnante e vomitou, sujando as roupas e o chão.

O Padre Mancuso já era amigo há vários anos do pároco do Sagrado Coração, desde a época em que fora designado para a paróquia. Essa amizade consolidara-se enquanto o padre firmava sua reputação na diocese, e os dois religiosos tornaram-se bons companheiros. O pároco contava mais vinte anos do que os quarenta e dois do sacerdote, mas não havia entre eles conflitos de gerações.

Na noite de 3 de janeiro, entretanto, tudo isso mudou. Deprimido pelo implacável e repugnante odor que impregnava sua casa paroquial, o pároco virou-se contra o Padre Mancuso, danificando irreparavelmente a amizade dos dois.

O Padre Mancuso fora ao gabinete do pároco apanhar os relatórios que mandara datilografar. Nisso, o pároco entrou com mais três sacerdotes. Tinham acabado de jantar, e a refeição não fora nada agradável, pois o fedor impregnara-lhes as roupas. O pároco olhou irritado para o Padre Mancuso e explodiu:

- Não sei por que o bispo o indica para todos esses casos! Eu sou muito melhor juiz do que você! Eu tenho uma experiência muito maior!

O Padre Mancuso ficou atordoado, mal podendo acreditar em seus ouvidos. Ora, o homem está com inveja de mim, pensou,

- Bem, isso é verdade. Mas o senhor nunca fez restrições ao meu trabalho antes - respondeu ele gentilmente.

Com rum gesto, o pároco encerrou o assunto. Os outros sacerdotes olhavam-no espantados. Ele nunca falara antes daquela forma, especialmente a um amigo íntimo. Mas as palavras seguintes do pároco aumentaram a sua surpresa.

- Olhem só para esse grande psicoterapeuta! - exclamou, . as faces rubras de cólera. - Juiz! Médico! Não acha que está exagerando, não?

O que acontecera com ele? O Padre Mancuso olhou para os outros sacerdotes, que desviaram a vista, constrangidos por terem presenciado o desabafo. Então o padre replicou:

- Acho que esse problema do mau cheiro o fez perder a serenidade, meu amigo. Seria melhor conversarmos noutra ocasião - e levantou-se com intenção de deixar a sala.

- Ah, nada disso, reverendíssimo - protestou o pároco adiantando-se e bloqueando a saída. - Vamos deixar tudo bem às claras. Assim os rapazes vão ver que grande impostor você é!

- Deixe disso, pároco - acudiu o mais jovem dos três outros sacerdotes interpondo-se entre os dois antagonistas. - O Padre Mancuso tem razão. Estamos todos transtornados com esse cheiro repugnante. Faríamos melhor se concentrássemos nossos esforços para nos livrar do problema, em vez de criar outros.

O súbito e inesperado ataque desconcertou o pároco, que recuou, mas continuou a fitar com ódio o Padre Mancuso. Aquele olhar, estava agora o Padre Mancuso convencido,

provinha de alguém ou de alguma coisa que estava dentro do pároco. Algo apoderara-se momentaneamente do homem para, depois de conspurcar a casa paroquial com odor de excremento, lançar mais peçonha sobre o Padre Mancuso.

Finalmente George conseguira limpar-se após a desastrosa descida ao porão, e tomava café na cozinha em companhia de Kathy. Eram mais de onze horas da noite e os dois estavam cansados, exauridos pela tensão crescente causada pelos repetidos incidentes. Só a cozinha parecia-lhes relativamente segura, e os dois relutavam em ir para a cama.

- Escute - disse George - aqui está ficando gelado. Pelo menos vamos para a sala de estar,, está mais quente lá.

Levantou-se, mas Kathy continuou sentada e perguntou:

- O que é que nós vamos fazer? As coisas estão piorando. Tenho muito medo que algo aconteça às crianças - e erguendo os olhos para o marido, acrescentou: - Só Deus sabe o que vai acontecer agora.

- Escute, não deixe as crianças irem ao porão até que eu coloque um ventilador lá. Depois vou fechar a porta do quarto vermelho com tijolos e vamos esquecer a sua existência - George pegou Kathy pelo braço e puxou-a. - E vou falar também com o Eric lá do escritório. Ele disse que a namorada é especialista em investigar casas mal-assombradas.

- Casas mal-assombradas? - interrompeu-o Kathy. Então você acha que essa casa é mal-assombrada, é? E por quem?

Ao chegar ao vestíbulo, ela deteve-se e acrescentou:

- Acaba de me ocorrer uma coisa, George. Será que a nossa meditação transcendental tem algo a ver com isso tudo?

George sacudiu a cabeça numa negativa.

- Não, de maneira alguma. O que eu sei é que temos de conseguir ajuda em algum lugar. Pode muito bem ser...

Na porta da sala de estar o grito de Kathy abafou o resto da frase de George. Ele olhou para onde ela apontava. O leão de cerâmica que George levara para o quarto de costura estava sobre a mesa ao lado da poltrona de Kathy, os dentes arreganhados ameaçadoramente para o casal!

DEZESSEIS

4 A 5 DE JANEIRO - George pegou o leão e jogou-o na lata de lixo do lado de fora da casa. Depois levou muito tempo para acalmar Kathy, pois não podia explicar como a peça de cerâmica voltara para a sala de estar. Afirmando que alguma coisa existente naquela casa era responsável por aquilo, Kathy insistia em não ficar ali nem mais um minuto.

George admitiu que também ficara inquieto com o súbito reaparecimento do leão. Mas não podia concordar em fugir dali sem luta.

- Mas como podemos lutar contra o que não vemos? - retrucou Kathy. - Essa... essa coisa pode fazer o que bem entender!

- Não, querida - retrucou George - você não vai conseguir me convencer que grande parte de tudo isso não passa de imaginação nossa. Eu simplesmente não acredito em fantasmas! De jeito algum!

Afinal ele convenceu Kathy a subir para o quarto com a promessa de que se não conseguissem auxílio no dia seguinte, sairiam da casa por algum tempo.

Os dois estavam exauridos. Kathy adormeceu de pura exaustão e George ficou cochilando, acordando de vez em quando, estremunhado para aguçar os ouvidos, querendo captar ruídos estranhos. Mais tarde diria que não tinha idéia de quanto tempo passara quando começou a ouvir os sons de uma banda marcial.

Por alguns momentos acompanhou mentalmente o ritmo dos tambores, antes de perceber que ouvia um dobrado. Lançou um olhar para Kathy, que continuava em sono profundo, respirando com regularidade.

George correu para o hall. A cadência de pés em marcha recrudescera. Devia haver pelo menos uns cinqüenta músicos marchando no andar térreo, pensou; mas no instante em que chegou ao pé da escada e acendeu as luzes, os sons cessaram.

George imobilizou-se, só os olhos correndo de um lado para outro, tentando interceptar qualquer sinal de movimento. Não havia absolutamente ninguém lá embaixo. Era como se tivesse entrado numa câmara de eco. Depois do barulho atordoante, o súbito silêncio deu-lhe arrepios.

Nisso, George ouviu uma respiração pesada e julgou que havia alguém atrás dele. Girou nos calcanhares, mas não vendo ninguém, percebeu que escutava Kathy ressonar lá em cima.

Impelido pelo medo de tê-la deixado sozinha, George subiu os degraus dois a dois e,

correndo para o quarto, acendeu a luz. Lá estava Kathy, flutuando a meio metro acima da cama e deslizando lentamente na direção das janelas!

- Kathy! - berrou George e, pulando sobre a cama, agarrou a mulher. O corpo dela, duro como uma tábua, parou de mover-se. A princípio uma resistência opôs-se aos esforços de George, mas de repente cessou. e ele e Kathy caíram pesadamente no chão ao lado da cama. A queda acordou Kathy.

Ao se ver no chão, Kathy ficou sem fala alguns momentos.

- Onde estou? - perguntou ela afinal. - O que aconteceu?

George ajudou-a a levantar-se. Ela mal conseguiu manter-se em pé, e George tentou tranqüiliza-la:

- Não foi nada. Você sonhou e caiu da cama. Foi só.

Kathy estava por demais aturdida para fazer mais perguntas. Exclamou apenas:

- Que coisa! - e deitou-se obedientemente outra vez, caindo logo no sono.

George apagou a luz do quarto, mas não voltou para o lado da mulher. Sentando-se numa poltrona junto às janelas, ficou acordado até o dia clarear, velando por Kathy.

O Padre Mancuso também via o nascer do sol - na casa de sua mãe, em Queens, para onde fora logo após sua desinteligência com o pároco. Não que receasse uma continuação da rixa, mas fora-lhe impossível dormir no apartamento malcheiroso e cheio de fumaça. Além disso, agora estava convicto de ser o alvo do fenômeno demoníaco, acreditando que o fedor se dissolveria se se afastasse por uns tempos da casa paroquial.

Dormira pouco e acordara antes do amanhecer. Suas mãos coçavam e ele tirou as luvas brancas para examiná-las. Ainda bem que o pároco não vira suas chagas, pois certamente aproveitaria o pretexto para denegri-lo ainda mais.

No céu, delicadas nuvenzinhas brancas moviam-se com rapidez. Com a temperatura mantendo-se abaixo de 10 graus centígrados, aquilo era sinal de mais neve. O Padre Mancuso afastou-se da janela e olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Eram sete horas da manhã.

Embaixo das cobertas estava quentinho e gostoso. Sonolento, ouviu a mãe mexendo nas panelas e de repente voltou a ter dez anos, à espera que ela o chamasse para ir à escola. Esquecendo-se dos sofrimentos, dores e humilhações ainda recentes, adormeceu tranqüilamente em sua velha cama de menino.

Às dez da manhã, Kathy ainda dormia profundamente. Preocupado com o estado da mulher após a aterradora experiência noturna, George decidiu não esperar mais. Precisava falar outra vez com o Padre Mancuso.

Danny e Chris disseram ao pai que o rádio avisara que as escolas de Amityville não abririam naquele dia, devido a problemas de aquecimento. Os meninos estavam desapontados, pois aquele seria o seu primeiro dia de aula na nova escola após as férias de Natal, e ansiavam pela chance de fazer novos amigos.

George, entretanto, ficou aliviado por não ter de levá-los à escola, que ficava do outro lado da cidade, não querendo deixar a mulher e Missy sozinhas em casa. Depois de preparar o desjejum das crianças, mandou-as brincar em seus quartos e subiu para ver Kathy.

O rosto dela estava pálido e abatido, com linhas fundas em torno da boca. Não quis acordá-la, e desceu outra vez. Ao ver que já eram onze horas, resolveu telefonar para o padre.

Ninguém atendeu; discou para a portaria da casa paroquial e disseram-lhe que o padre fora visitar a mãe. Não, não podiam lhe dar o telefone, mas transmitiriam seu recado.

George ficou sentado na cozinha o resto da manhã, esperando o telefonema do sacerdote. Pensou que tinha sido um tolo em vangloriar-se de que não acreditava em fantasmas. Kathy é quem tinha razão - como é que ele poderia lutar contra algo capaz de fazer alguém flutuar no ar, duro como uma tábua? George Lutz, ex-marinheiro, admitiu que estava com medo.

Kathy desceu as escadas no instante em que o telefone tocou. Era do escritório de George, queriam saber quando ele iria aparecer. O fiscal da Fazenda devia estar chegando, e não sabiam como George iria solucionar o problema. George hesitou, mas afinal disse ao guarda-livros que protelasse a vistoria até a semana seguinte. Quanto a ele, não iria ao escritório porque Kathy não se sentia bem e estavam esperando o médico.

Kathy sentou-se à mesa da cozinha e franziu a testa.

- Que médico? - perguntou baixinho ao marido. George sacudiu a cabeça numa negativa e encerrou a conversa dizendo que telefonaria mais tarde.

- O pessoal lá no escritório deve estar chateado comigo; terei de ir até lá amanhã.

Kathy bocejou e encolheu os ombros, tentando livrar-se do torpor que a invadira.

- Deus meu! - exclamou. - Veja só as horas! Por que me deixou dormir tanto? As crianças já comeram? Os meninos foram à escola?

George respondeu por partes, erguendo inicialmente o polegar:

- Primeiro, há várias semanas você não dormia tão bem, e eu deixei-a descansar. Segundo - ergueu o indicador - Sim, elas já comeram - e acrescentando mais um dedo, finalizou: - Não houve aula hoje, os meninos estão lá em cima brincando com a Missy.

Que bom, pensou, ela não se lembra do que aconteceu essa noite. E eu é que não vou

lhe contar.

- Estava tentando falar com o Padre Mancuso; parece que ele foi à casa da mãe, mas vão lhe dar o meu recado.

A mãe do Padre Mancuso não perturbou seu necessário descanso até quase às três da tarde. Sua febre descera, sentia a cabeça mais leve e ainda mais satisfeito ficou ao telefonar para a casa paroquial. O sacerdote que o atendeu informou que a terrível catinga desaparecera e todos já tinham retornado aos seus quartos e gabinetes. Ah, e George Lutz telefonara para ele.

É mesmo, pensou o Padre Mancuso, eu ia falar com ele mas esqueci completamente. E discou o número de George.

Ao primeiro toque da campainha, George atendeu.

- George? Aqui é o Padre Mancuso.

- Padre, que bom que o senhor telefonou. Precisamos muito falar com o senhor. Será que pode vir até aqui agora?

- Mas eu tornei a benzer a sua casa - respondeu o padre. - Rezei uma missa em sua intenção ontem. E por falar nisso, notou alguma...

- Não era só para benzer a casa - interrompeu George. - Agora já é bem mais do que isso. Ouça...

Durante os minutos seguintes George relatou os estranhos incidentes que haviam presenciado na casa da Avenida Oceânica desde a mudança. Pedindo a Kathy que subisse a pretexto de apanhar um maço de cigarros, contou ao padre o episódio noturno de levitação.

- É por isso tudo que precisamos do senhor, padre concluiu George - Estou com medo do que possa acontecer a Kathy e às crianças!

Durante toda a narrativa de George o padre permanecera em silêncio. Julgara ter sido o único a sofrer ataques demoníacos, mas agora via envergonhado que estivera fugindo do inevitável. Se eu não aceitar as responsabilidades do meu sacerdócio, pensou, então, por Deus ... o pároco tinha razão! Sou mesmo uma fraude!

O padre respirou fundo e disse:

- Está certo, George, vou tentar ir até aí para ...

George não ouviu o resto da frase. Súbito ouviu gemidos altos seguidos por fortes estalidos que quase lhe estouraram os tímpanos.

- Padre! Não estou ouvindo!

Mas novos gemidos foram a única resposta que obteve.

Na outra extremidade da linha, o Padre Mancuso teve a impressão de que alguém lhe dera uma bofetada na face. Largando o telefone, levou as mãos ao rosto e começou a chorar.

- Estou com medo de voltar lá! - olhou para as palmas doloridas e escondeu nelas o rosto. - Oh, meu Deus! Ajude-me.

George sabia que era inútil esperar que o Padre Mancuso telefonasse outra vez. Mesmo que isso acontecesse, sabia que os impediriam de falar sobre a casa. Mas restava-lhe uma esperança. Ouvira o padre dizer que iria até lá, só não sabia quando. Teria apenas de esperar.

O Padre Mancuso chegou à casa paroquial pouco depois das oito da noite. Às dez, estava sentado diante do telefone. O cheiro de fezes desaparecera como tinham lhe dito, mas o odor acre de incenso ainda permanecia no ar. Aquilo era tolerável. O que não era tolerável era sua própria relutância em ir até os Lutzes. Nem mesmo a idéia de que as crianças estavam expostas a ataques demoníacos conseguia encorajá-lo a enfrentar os perigos que a casa 112 da Avenida Oceânica poderia lhe reservar.

Per fim o padre pegou o telefone e discou para a administração da diocese, em Rockville Centre. Pediu para falar com o administrador e recebeu instruções para comparecer na manhã seguinte. Então resolveu se deitar. Descansara bastante na casa da mãe, mas sentia-se exausto outra vez. Antes de vestir o pijama, foi ao banheiro e tirou as luvas brancas. A solução medicinal aliviara as dores e queria repetir a aplicação.

Ao tirar as luvas, arregalou os olhos, perplexo. Virando as palmas para cima, examinou-as com cuidado: as pústulas tinham secado e as manchas desaparecido. Suas mãos estavam curadas!

Kathy não voltou ao normal o dia inteiro e ficou sentada na sala de estar junto à lareira. George deu comida às crianças e por fim mandou-as deitar. Os meninos não reclamaram da hora; já que teriam de levantar cedo para ir à escola. Evidentemente, o problema do aquecimento fora resolvido, pois a rádio local anunciara que as escolas reabririam no dia seguinte.

George até ajudara Missy a tomar banho e lera-lhe uma história antes que ela o deixasse apagar a luz. Suas palavras de despedida quando ele fechara a porta foram:

- Boa noite, papai. Boa noite, Jodie.

Ao ver que já eram quase onze horas, George compreendeu que o Padre Mancuso não viria mais aquela noite. Kathy estivera quase cochilando na poltrona durante a última hora, embalada pelo calor do fogo. Por fim, ela anunciou que ia dormir.

George olhou para a esposa. Ela não falara uma única vez em deixar a casa. Era como se os assustadores incidentes não tivessem acontecido, e ela estivesse apenas com sono após um dia cansativo. Os dois subiram as escadas juntos.

Kathy murmurou que estava com sono demais e ia deixar o banho para a manhã seguinte. e adormeceu no instante em que sua cabeça tocou o travesseiro. George ficou sentado algum tempo na beira da cama acompanhando a respiração pesada da esposa, e depois desceu para ver como estava 1-larry. O cão dormia em seu cercado, o prato de alimento intacto.

George ia se abaixar para sacudir o animal quando os sons de uma marcha militar feriram seus ouvidos. Correu para dentro. Na sala de estar, tambores e cornetas atacavam um dobrado, enquanto uma multidão marchava em cadência.

Ele atravessou o vestíbulo correndo, mas no instante em que chegou à porta da sala a música cessou. O aposento estava vazio. George olhou em torno, encolerizado.

- Seus filhos da puta, onde estão vocês?

Arfando, percebeu então que a sala estava diferente. Todas as peças do mobiliário tinham sido arrastadas contra a parede, e o tapete enrolado como para dar lugar a um grupo de dançarinos - ou a uma banda militar!

DEZESSETE

6 DE JANEIRO - Sua história é muito interessante, Frank, mas se eu não conhecesse seu passado profissional, eu diria que você não está muito bom da cabeça por acreditar nessas coisas.

O Padre Ryan, da administração da diocese, levantou-se de sua mesa e dirigiu-se à nova máquina de café do outro lado da sala.

O Padre Mancuso não quis acompanhá-lo, e Ryan encheu uma xícara para si e outra para o Padre Nuncio, o outro administrador.

Sentando-se à sua mesa, o Padre Ryan tomou um gole de café e verificou suas notas.

- Em seu trabalho como psicoterapeuta, quantas vezes você já ouviu histórias semelhantes a essa? Centenas, aposto.

O Padre Ryan era um homem de grande estatura. Media tipicamente irlandês. O sacerdote era bem conhecido na diocese cerca de 1,95m e uma basta cabeleira branca coroava seu rosto

por sua franqueza no trato com os demais clérigos, fossem eles jovens sacerdotes ou o próprio bispo.

O Padre Nuncio, por outro lado, era seu extremo oposto. Baixo, pesado, cabelos negros, jovem para os seus quarenta e dois anos que se contrapunha aos sessenta e muitos do Padre Ryan, e com uma maneira grave que complementava perfeitamente a personalidade mais doce do outro.

Os dois ouviram o Padre Mancuso repetir a narrativa de George Lutz e acrescentar suas próprias e humilhantes experiências, inclusive a última ocorrência da casa paroquial. Eles ficaram impressionados com o receio do Padre Mancuso de que os fenômenos tivessem origem demoníaca.

O Padre Ryan ergueu os olhos do relatório e dirigiu-lhe ao aflito sacerdote:

- Antes de oferecer quaisquer sugestões, Frank, acho que devia lembrá-lo de alguns pontos básicos.

Fez sinal para que o Padre Nuncio tomasse a palavra. O seu companheiro pousou a xícara de café.

- Você parece acreditar que o que está acontecendo na casa dos Lutzes é de origem demoníaca, que o lugar está possuído pelo demônio. Bem, para começar, devo

assegurar-lhe que lugares e objetos nunca são "possuídos", só gente - enfiando a mão no bolso, tirou vários charutos, ofereceu-os aos outros dois, que recusaram, e acendeu um. Tirando uma baforada, continuou: - Segundo o ponto de vista tradicional da Igreja, o demônio age de várias formas. Ele experimenta os homens com tentações, empurrando-os para o pecado, criando conflitos psicológicos com os quais você certamente está familiarizado.

- Certamente - anuiu o Padre Mancuso. - Como o Padre Ryan já lembrou, como psicoterapeuta e como sacerdote já ouvi inúmeras confidências.

O Padre Ryan tomou a palavra:

- Nas chamadas atividades extraordinárias do Diabo, em geral os objetos materiais que cercam as pessoas são afetados... talvez seja esse o problema que você está enfrentando. Damos a isso o nome de infestação.

- Obsessão - acudiu o Padre Nuncio - é quando as pessoas são afetadas, seja interna ou externamente. E, finalmente, quando o indivíduo perde temporariamente o uso de suas faculdades e o Diabo age através dele, temos a possessão.

O Padre Mancuso chegara à sede da diocese constrangido, sem saber ao certo como apresentar o seu problema, mas descontraíra-se diante do real interesse dos dois administradores.

Agora, sob sua orientação esclarecida, sentia aumentar a esperança de livrar-se daquele mal.

- Na investigação de uma possível interferência demoníaca - ajuntou o Padre Ryan - devemos considerar cinco possibilidades: fraude ou impostura, causas naturais, causas parapsicológicas, influências demoníacas e finalmente milagre. Este não me parece um caso de impostura. George e Kathleen Lutz aparentemente são indivíduos normais e equilibrados. Achamos que é também o seu caso. As possibilidades ficam portanto reduzidas a influências psicológicas, parapsicológicas ou demoníacas.

- Estamos excluindo a hipótese de milagre - interveio o Padre Nuncio - porque Deus certamente não se envolveria em tolices e trivialidades.

- É verdade - anuiu o Padre Ryan. - Entretanto a explicação poderia incluir alucinação e auto-sugestão, como nos contatos invisíveis que Kathy experimentou e a músic amarcial ouvida por George. Mas tomemos a linha psicológica.

"Para os parapsicólogos, tais como o Dr. Rhine da Duke University, de Durham, Carolina do Norte, sua ciência abrange quatro fenômenos principais. Os três primeiros podem ser reunidos sob o termo 'percepção extra-sensorial': telepatia, clarividência e presciência, e poderiam explicar as visões de George e a captação de informações que parecem coincidir com fatos conhecidos da tragédia. O quarto fenômeno parapsicológico é a psicocinésia, a movimentação de objetos sem causa aparente. Poderia ser o caso do leão de cerâmica, se é que ele realmente se moveu" - ressalvou o Padre Ryan.

O Padre Nuncio levantou-se para encher novamente a sua xícara.

- Sugerimos que aconselhe os Lutzes a recorrer a uma organização de investigação como a do Dr. Rhine. Eles examinariam a casa, efetuariam testes meticulosos e temos certeza de que chegariam a uma conclusão que não a da influência demoníaca.

- E quanto a mim? - perguntou o Padre Mancuso? O que devo fazer?

O Padre Ryan pigarreou e olhou com bondade o sacerdote.

- Você não deve voltar àquela casa. Telefone aos Lutzes e transmita-lhes nossa sugestão. Mas em nenhuma circunstância volte lá.

- Pensei que achassem tolice minha acreditar em tais coisas - protestou o Padre Mancuso.

- É verdade - replicou o Padre Ryan - mas você está tão transtornado com esse caso que o melhor que tem a fazer é afastar-se dos Lutzes e da casa da Avenida Oceânica.

Depois do desjejum. Kathy levou os meninos à sua nova escola e foi visitar a mãe com Missy. Sozinho em casa, George desceu ao porão com dois ventiladores, pensando em expulsar o mau cheiro, mas ao chegar embaixo não sentiu mais vestígios do fedor nauseabundo que o fizera vomitar na véspera. Respirou fundo, mas nada sentiu, nem mesmo quando se aproximou do quarto secreto. Empurrando o lambri, George correu a lanterna pelas paredes vermelhas.

- Droga! Esse fedor não pode ter sumido assim sem mais nem menos! Tem de haver um respiradouro aqui em algum lugar.

George estava procurando alguma abertura de ventilação, quando o Padre Mancuso discou o seu número. Depois do encontro com os administradores, o sacerdote voltara aos seus aposentos em North Merrick com a intenção de transmitir a George a sugestão dos seus superiores. Esperou que o aparelho tocasse dez vezes antes de desligar e resolveu tentar outra vez mais tarde.

George estava em casa, mas não ouviu o telefone tocar. A porta do porão estava aberta e em gral a campainha do telefone era audível em toda a casa.

George não conseguiu encontrar nenhuma abertura por onde o ar malcheiroso pudesse ter escapado, mas descobriu algo interessante junto aos degraus da entrada da casa: uma tampa de concreto vedava uma abertura circular, e ao afastar o cascalho que se acumulara em sua orla, George fez com que uma pedrinha caísse acidentalmente por uma fresta e ouviu-a pouco depois cair na água lá embaixo. Acendeu a lanterna e o facho de luz revelou um buraco negro e profundo.

- Um poço!! - Aquilo não constava nas plantas. Devia ser anterior à construção da casa.

Ao entrar, olhou o relógio da cozinha. Estranho, pensou, já é quase meio-dia e o padre

ainda não deu notícias. É melhor eu telefonar.

Ligou para o sacerdote, que atendeu ao primeiro toque, e disse ao surpreso Georee que acabara de telefonar para lá e que ninguém atendera. George perguntou quando o padre iria vê-]os e soube então da visita matinal a Rockville Centre.

O Padre Mancuso contou a sua conversa com os administradores da diocese e a recomendação deles para que procurassem uma organização capaz de efetuar uma investigação científica da casa. O sacerdote deu a George o endereço de um Instituto de Pesquisas Psíquicas da Carolina do Norte e sugeriu que o procurasse imediatamente. George concordou, mas insistiu para que o sacerdote fosse à sua casa.

Só muitos meses depois de ter abandonado com a sua família a casa 112 da Avenida Oceânica, é que George soube dos padecimentos do sacerdote após a bênção da casa e de suas subseqüentes aflições e humilhações. Assim, quando o Padre Mancuso recusou-se outra vez a ir à sua casa, George ficou confuso e retorquiu que precisava muito dele e não de um caçador de fantasmas lá de onde o diabo perdera as botas. Também gostaria de saber quem pagaria por aquela brincadeira. Mas por fim, antes de desligar, prometeu chamar os parapsicólogos e depois informar o Padre Mancuso dos resultados da investigação.

Continuava aborrecido quando telefonou para a casa da sogra para falar com Kathy. Transmitiu-lhe a sugestão do padre, afirmando que não iria se dar àquele trabalho. Mas Kathy achou válida a recomendação, e aconselhou George a seguir a orientação da Igreja.

Afinal George cedeu, e disse que iria ao escritório e escreveria uma carta para o pessoal da Duke University. O que não disse foi que pretendia falar com Eric, o rapaz da firma cuja namorada era médium.

Falando com George, o Padre Mancuso tirara um enorme peso dos ombros. Só pelo fato de ter sido capaz de compartilhar seus problemas com outros, sentia a cabeça mais leve, pela primeira vez nas últimas semanas. A responsabilidade que estivera carregando sozinho fora-lhe retirada por seus superiores.

Concentrou-se no preparo de sua agenda para a semana seguinte. Levou várias horas para programar suas sessões de aconselhamento e terapia. Na hora do jantar, pediu um prato chinês num restaurante da vizinhança, e comeu com apetite, lendo as fichas dos seus clientes.

George foi para o escritório e escreveu uma carta para os parapsicólogos, utilizando os nomes dos chefes da diocese como recomendação. Na verdade, não esperava resposta pronta ao seu pedido de investigação, e assim, colou no envelope um selo comum. em vez de um selo aéreo. Depois, telefonou para Francine, a garota de Eric.

Ela mostrou-se extremamente interessada em seu relato. Decerto que poderia entrar em contato com o que quer que fosse que estivesse infernando sua vida e a de Kathy. Prometeu ir com o namorado à casa dos Lutzes no dia seguinte.

Nisso, a jovem disse algo que fez um arrepio percorrer a espinha de George: sugeriu que ele procurasse no terreno um poço velho que devia estar abandonado e fechado. George não admitiu que já o encontrara e apenas perguntou por que aquilo era importante.

A resposta dela chocou-o:

- Acho que esses seus espíritos podem estar saindo de um poço, mesmo que esteja tampado. Se existe um poço sob a sua casa, aposto que há uma passagem direta para dentro. Mesmo que seja apenas uma fendazinha, é o suficiente para eles subirem quando desejarem.

George agradeceu, desligou e fez uma ligação interurbana para o Instituto de Pesquisas Psíquicas em Durham. Falou-lhes sobre a carta que acabara de enviar e eles prometeram que mandariam um investigador o mais breve possível, tendo George concordado em pagar as despesas da viagem.

O Padre Mancuso recebeu outro telefonema naquela noite, já depois das onze horas. Para sua surpresa, era o sacerdote que o ajudara quando seu carro enguiçara na auto-estrada Van Wyck.

Os dois clérigos relembraram os angustiantes acontecimentos daquela noite e o Padre Mancuso perguntou ao amigo se tivera mais aborrecimentos depois que os limpadores de pára-brisa haviam enlouquecido.

- Não - respondeu o padre. - Isto é, não até alguns minutos atrás.

O coração do Padre Mancuso começou a bater mais depressa.

- Franú - continuou o amigo - acabo de receber um telefonema muito esquisito. Não sei quem era, mas me disseram: "Diga ao padre para não voltar aqui".

- De quem é que estavam falando?

- Eu perguntei: "A que padre você se refere?", e a voz respondeu apenas: "O padre que você ajudou"

- O padre que você ajudou?

- Isso mesmo. Fiquei pensando depois que ele desligou, e não me lembrei de ninguém, a não ser você. Será que estava se referindo a você, Frank?

- O homem não se identificou?

- Não. Disse apenas: "O padre sabe quem eu sou."

- Qual era mesmo o recado?

- Ele disse: "Diga ao padre para não voltar aqui, ou morrerá."

DEZOITO

6 A 7 DE JANEIRO - Ao voltar da casa de sua mãe à tarde, Kathy passou pela escola de Amityville para apanhar os meninos. Danny e Chris estavam ansiosos para falar dos professores, colegas e brincadeiras do recreio. A neve do pátio fora retirada e os alunos tinham podido brincar fora. Com inveja dos irmãos, e aborrecida por ter de ficar em casa, Missy perguntou com insistência como eram as meninas do primário.

Às seis e meia toda a família jantou. George disse a Kathy que seguira a sugestão do Padre Mancuso e que também falara com a moça que conversava com os espíritos. Kathy gostou de saber que o marido telefonara ao instituto em vez de ficar esperando uma resposta à sua carta, mas não lhe agradou a idéia de uma estranha vir à sua casa falar com os fantasmas, especialmente uma mulher jovem como Francine.

Depois do jantar. Kathy declarou que queria ficar na casa da mãe até sentir que a casa oferecia segurança, mas George lembrou que a temperatura lá fora estava a menos 12 graus e que o rádio previra neve pela manhã. Mesmo East Babylon ficando a poucos quilômetros de distância, achava difícil que Kathy pudesse trazer os meninos para a escola de manhã.

Danny e Chris interromperam o diálogo para dizer que preferiam ficar em casa: tinham deveres para fazer e além do mais a avó não os deixaria ver televisão depois das oito. Por fim Kathy cedeu, mas não se sentia tranqüila tendo de passar outra noite naquela casa, e disse a George que não iria conseguir pregar os olhos.

Harry estava na cozinha e ganhara todos os pedaços de carne que sobraram da refeição. George achou melhor o cão passar aquela noite dentro de casa. Fora, o frio era cortante, e ainda iria piorar se começasse a nevar. Harry não comera a sua habitual ração desidratada e George pensou que a carne fresca o deixaria mais alerta.

Enquanto os meninos faziam seus deveres. Missy levou o cão para brincar em seu quarto. Entretanto, Harry não quis ficar lá. Nervoso, começou a ganir, especialmente depois que Missy o apresentou a seu amigo invisível, Jodie. Por fim a menina teve de fechar a porta para impedir que o cão saísse; Harry arrastou-se para baixo da cama e lá ficou até que Chris desceu para buscá-lo. Então esgueirou-se para fora do quarto com o rabo entre as pernas, subiu correndo as escadas e ficou no terceiro andar o resto da noite.

A meia-noite, o casal subiu. Kathy apagou instantaneamente como nas duas noites anteriores, caindo em sono profundo, a respiração pesada. George, porém, deitado de costas para Kathy, ficou acordado, os ouvidos alertas à espera da banda. O seu relógio de pulso marcava uma hora quando viu flocos de neve caindo do lado de fora da vidraça. Começara a ventar e os flocos rodopiavam, quando julgou ouvir o motor de um barco no rio Amityville, mas as janelas do seu quarto não davam para o rio e ele não se

animou a sair da cama quente para ir olhar do quarto de Missy, ou do quarto de costura. Além disso, o rio estava congelado, pensou George, e atribuiu os sons às manhas do vento.

As duas horas, começou a bocejar. Seus olhos estavam ficando pesados e o corpo doído de permanecer numa única posição. Pouco antes dera uma espiada em Kathy. Ela continuava de barriga para cima, a boca aberta.

De repente, sentiu vontade de levantar e ir a A Poção das Bruxas tomar um chope. Sabia que havia latas de cerveja na geladeira, mas estava convencido de que não lhe saciariam a sede.

Tinha de ir tomar um chope no bar, não importava que fossem duas da manhã ou que estivesse gelado lá fora. Virou-se para acordar Kathy e avisá-la que iria sair um pouco.

Na escuridão, percebeu que Kathy não estava na cama. Ela levitava novamente, a quase meio metro acima da cama, deslizando na direção da janela.

Instintivamente, George estendeu a mão e agarrou-a pelos cabelos, puxando-a para si. Kathy caiu na cama e acordou.

George acendeu a lâmpada da cabeceira e seu queixo caiu de espanto. Estava olhando para uma velha de uns noventa anos, a cabeleira branca desgrenhada, o rosto encarquilhado cortado por feios sulcos, saliva escorrendo da boca desdentada.

George ficou tão horrorizado que quase saiu correndo. Do fundo das órbitas, os olhos de Kathy olhavam-no numa interrogação. Ele estremeceu. E Kathy, pensou, essa velha é a minha mulher! O que é que eu ia fazendo?!

Kathy sentiu o horror na expressão do marido. Meu Deus, o que é que ele está vendo? Pulando da cama, correu para o banheiro e acendeu a luz do espelho. Ao ver o próprio rosto, soltou um grito.

A macróbia que George vira desaparecera. Seus cabelos desfeitos eram novamente louros. Não mais babava, nem estava encarquilhada, mas sulcos profundos retalhavam o seu rosto.

George seguira Kathy até o banheiro e olhou também o espelho. Viu que a anciã sumira, mas que as faces da mulher continuavam cortadas por feios sulcos negros.

- O que aconteceu com o meu rosto? - gritou Kathy.

Virou-se para o marido; George passou a ponta dos dedos nos lábios da esposa. Estavam secos, ardendo em febre. Gentilmente ele correu os dedos pelos sulcos profundos. Havia três em cada face, descendo dos olhos até a linha do queixo.

- Eu não sei, minha querida - sussurrou.

Pegando uma toalha junto à pia, esfregou o rosto de Kathy, tentando apagar as linhas.

Kathy virou-se e olhou outra vez para o espelho. Um rosto aterrorizado encarou-a. Passando os dedos pelas faces, começou a chorar.

O desespero de Kathy comoveu profundamente George. Segurando-a pelos ombros, exclamou:

- Vou telefonar agora mesmo para o Padre Mancuso!

Kathy sacudiu a cabeça.

- Não, não devemos envolvê-lo nisso - disse para a imagem de George refletida no espelho. - Algo me diz que ele sofreria retaliações. É melhor irmos ver como estão as crianças acrescentou calmamente.

As crianças estavam bem, mas George e Kathy não conseguiram dormir outra vez naquela noite. Ficaram no quarto, as luzes apagadas, olhando a neve cair. De quando em quando Kathy passava as mãos no rosto para ver se os sulcos continuavam lá. Por fim, começou a amanhecer. Parara de nevar e havia luz suficiente para George divisar o rosto de Kathy quando ela tocou o seu ombro.

- George, olhe para mim.

Na poltrona onde sentara junto à janela, George virou-se e olhou para a esposa. À luz fraca da madrugada, viu que os sulcos do rosto dela tinham desaparecido. Erguendo a mão, ele acariciou sua face. A pele estava macia outra vez, sem qualquer vestígio das cicatrizes desfiguradoras!

- Elas sumiram, querida - sorriu ele gentilmente. Está tudo bem.

Apesar do que Kathy dissera à noite, de manhã George telefonou para o Padre Mancuso, que já ia saindo para a missa.

Contou-lhe que telefonara para o instituto da Carolina do Norte e um tal Jerry Solfvin prometera mandar um investigador imediatamente. Em seguida descreveu o episódio da noite anterior. O padre ficou consternado ao saber da segunda levitação e das alterações do rosto de Kathy.

- George - falou com veemência - estou muito preocupado com o que possa vir a acontecer. Saiam dessa casa por uns tempos!

George afirmou ao padre que estava mesmo pensando em seguir o seu conselho, mas primeiro queria ver o que a médium Francine podia fazer.

- Médium? - espantou-se o Padre Mancuso. - De que é que você está falando, George? Não há nada de científico nisso.

- Mas ela disse que pode falar com os espíritos - protestou George. - Sabe o que essa moça me disse ontem, padre? Ela disse que devia haver um poço debaixo da minha casa. E ela tinha razão! Eu encontrei o poço junto da entrada, e ela nunca tinha estado

aqui!

O Padre Mancuso encolerizou-se.

- Escute - quase berrou no telefone - você está se metendo em coisas perigosas. Não sei o que está acontecendo na sua casa, mas é melhor você sair daí!

- E abandonar todas as nossas coisas?

- Isso mesmo, saiam daí por uns tempos - insistiu o padre. - Eu vou falar outra vez com os meus superiores e verei se eles podem mandar alguém, talvez um outro sacerdote.

George ficou em silêncio. Tentara várias vezes convencer o padre a voltar à sua casa, sem resultado. Os seus superiores tinham apenas sugerido que George recorresse a uma organização qualquer. Agora finalmente ele encontrara alguém que parecia disposto a ajudá-los. Por que deveria abandonar tudo e sair da casa assim sem mais nem menos?

- Eu vou falar com Kathy - disse George afinal. Obrigado.

Ia desligando quando o padre acrescentou:

- George, há mais uma coisa. Se não estou enganado, você e Kathy andaram praticando meditação transcendental, não é verdade?

- Sim, é isso mesmo.

- Assim continuam? - perguntou o sacerdote.

- Bem, desde a mudança não tivemos mais tempo respondeu George. - Por quê?

- Se curiosidade; ainda bem que vocês interromperam as meditações. Poderiam estar tornando-os mais suscetíveis.

Logo depois de falar com George, o Padre Mancuso telefonou para a sede da diocese em Rockville Centre. Infelizmente, os Padres Ryan e Nuncio não estavam, e o secretário apenas pôde prometer que telefonariam no dia seguinte. O sacerdote estava muito ansioso, e rezou para que as coisas não continuassem a se deteriorar até que a Igreja pudesse concentrar suas forças para combater o mal que se apoderara da casa 112 da Avenida Oceânica.

Compadecido dos sofrimentos dos Lutzes, esqueceu os próprios problemas. Mas dali a poucos minutos foi forçado a lembrar que também estava na mira da implacável força desconhecida. Começou a tremer com calafrios. Seu estômago revoltou-se e os olhos começaram a lacrimejar; espirrou e viu sangue no lenço. A advertência do Padre Ryan veio-lhe à mente: "Não se envolva mais!". Infelizmente era muito tarde. Tinha todos os sintomas de outro ataque de gripe.

A noite, Eric, o jovem engenheiro que trabalhava na firma de George, chegou à sua casa com a namorada Francine. George fez entrar imediatamente o jovem casal, levando-os

para se aquecerem junto à lareira.

O par trouxe consigo uma atmosfera alegre que há muito faltava na casa. George e Kathy deixaram-se contagiar, e logo os quatro tagarelavam como velhos amigos. Mas sob a cordialidade de George havia um sentimento de urgência. Queria que Francine examinasse a casa.

Tentou desviar a conversa para experiências mediúnicas, mas Francine tomou-lhe a frente. De repente ela levantou-se do sofá e fez um sinal a George.

- Passe a sua mão aqui, devagar - ela pediu. George abaixou-se e fez o que ela pedira.

- Está sentindo o ar frio? - perguntou Francine.

- Um pouco - respondeu George.

- Ela estava sentada aqui. Agora saiu. Passe a mão no sofá. Veja, aqui.

George pôs a mão junto a uma almofada.

- É verdade. Está meio morno.

A moça dirigiu-se à cozinha, mas hesitou ao aproximar-se da mesa de canto.

- Há um casal de velhos aí. São espíritos perdidos. Estão sentindo o perfume?

Kathy arregalou os olhos e olhou depressa para George. Este deu de ombros.

- É evidente que essas pessoas devem ter morado aqui antigamente - continuou Francine - mas morreram. Mas acho que não morreram aqui - virando-se para George, acrescentou: - Eu gostaria de ir ao porão, está certo?

Ao falar com Francine ao telefone, George dissera que estavam acontecendo coisas misteriosas em sua casa, mas não descrevera os fenômenos, nem suas experiências ou as de Kathy. Não mencionara os contatos na cozinha, nem o cheiro de perfume sentido por Kathy. De qualquer maneira, Francine dissera que preferia tirar suas próprias conclusões após visitar a casa e "falar com os espíritos que a habitam".

Agora Francine estava descendo a escada do porão.

- Essa casa foi construída sobre um cemitério ou coisa semelhante - declarou e, apontando para a área dos armários embutidos, perguntou: - Aquela parte é nova?

- Acho que não - respondeu George. - Que eu saiba, tudo foi construído na mesma época.

Francine deteve-se em frente à despensa.

- Há gente enterrada bem aqui. Há qualquer coisa em cima deles. Sinto um cheiro

estranho. Isso não devia estar assim abafado.

Apontou diretamente para o lambri de compensado que escondia o quarto secreto.

- Está notando a friagem? - suas mãos moviam-se sobre a madeira. - Alguém foi assassinado aqui ou está enterrado aqui embaixo. Mas acho que isso aqui é novo, foi construído depois em cima do túmulo dessa pessoa.

Kathy teve vontade de sair correndo dali. O marido notou o seu mal-estar e pegou-lhe a mão. Francine resolveu o problema dizendo:

- Eu não gosto nada daqui. Acho melhor subirmos agora - e, sem esperar resposta, virou-se e dirigiu-se para a escada.

Ao subirem ao segundo andar, Eric acompanhou-as. Francine parou no vestíbulo, apoiando-se no corrimão.

- Olhem, quando cheguei aqui em cima senti uma vertigem. E uma pressão no peito aqui do lado direito.

- Está sentindo dor? - perguntou Kathy.

Francine fez um gesto de assentimento.

- Foi uma dor leve e ligeira. Desapareceu depressa aproximando-se da porta fechada do quarto de costura, declarou:

- Vocês têm tido problemas aqui.

Os dois assentiram e George abriu a porta quase esperando encontrar moscas no quarto, mas não viu nenhuma. Francine e ele entraram. Kathy e Eric esperaram na porta.

De repente, Francine pareceu entrar em transe. Da sua boca saiu erma voz diferente, mais baixa, mais masculina do que a sua:

- Eu queria lhes dar um conselho; muita gente ao conhecer os espíritos que os cercam, descobre que os apreciam e não desejam que desapareçam. Mas nesse caso sinto que essa casa devia ser expurgada ou exorcizada.

A voz que vinha de Francine começou a parecer familiar aos ouvidos de George. Não conseguia identificá-la, mas tinha certeza de que já a ouvira antes.

- A filhinha e os filhos de alguém... Vejo manchas de sangue... Alguém feriu-se gravemente aqui... Alguém tentou matá-los ou coisa parecida...

Francine saiu do transe e virou-se para George e Kathy.

- Eu gostaria de ir embora agora. A ocasião não está propícia para falar com os espíritos. Sinto que devo ir. Eu nasci com um véu veneziano, sabem.

George não sabia o que era aquilo, mas ela prometeu voltar dali a um ou dois dias, e explicou:

- Quando as vibrações forem mais favoráveis.

Quase em seguida o casal saiu.

De volta à sala de estar, George e Kathy ficaram em silêncio durante muito tempo. Por fim, Kathy perguntou:

- O que é que você achou?

- Eu não sei - respondeu George - eu simplesmente não sei. Tudo o que ela disse se encaixa. Preciso refletir um pouco - concluiu, levantando-se para apagar o fogo da lareira.

Kathy subiu para ver como estavam as crianças. Harry dormia outra vez com os meninos, pois estava frio demais até mesmo para um cão habituado às intempéries. George vistoriou todas as portas e janelas como de costume, e então apagou as luzes do andar térreo.

Começou a subir as escadas, mas estacou antes de chegar ao fim. A balaustrada à sua frente fora arrancada da base!

No mesmo instante, lembrou de quem era a voz que saíra dos lábios de Francine. Era do Padre Mancuso!

DEZENOVE

8 DE JANEIRO - Na quinta-feira, Jimmy e sua nova esposa, Carey, voltaram da lua-de-mel nas Bermudas. Jimmy telefonou para a irmã da casa da mãe e disse que apareceria mais tarde. Uma de suas primeiras perguntas foi se tinham achado os mil e quinhentos dólares, ficando muito desapontado ao saber que não aparecera nem sinal do envelope.

George levara toda a manhã recolocando os balaústres quebrados da escada em suas bases. Ao descerem para o café, os meninos quiseram ajudá-lo, mas George livrou-se deles dizendo que teriam de ir comprar sapatos novos com a mãe.

Ninguém - nem Danny, nem Chris, nem Missy, nem Kathy - ninguém ouvira a balaustrada ser arrancada à noite. O agente dos últimos danos causados à casa permanecia em mistério. George e Kathy tinham as suas idéias, mas não as expressaram diante das crianças.

Por fim Kathy controlou-se e, levou a prole para a caminhonete. George aproveitou a oportunidade e telefonou para Eric. Ainda alcançou-o em casa e perguntou se Francine dissera mais alguma coisa depois de sair de sua casa. Foi com preocupação que soube que a garota ficara muito impressionada com o que sentira, e dissera a Eric que não queria mais voltar lá, as presenças eram demasiado fortes para ela. Receava que se tentasse falar com o que quer que habitava a casa dos Lutzes, seria fisicamente atacada.

- Eric - perguntou George - que história é essa de véu veneziano que ela mencionou antes de sair?

- Pelo que Francine me disse - respondeu Eric - parece ser uma membrana que envolve alguns bebês ao nascerem; uma película fina como um véu delicado que lhes cobre a cabeça. Francine diz que tais pessoas são abençoadas com um alto grau de clarividência.

George desligou e ficou sentado na cozinha mais de uma hora tentando pensar em uma forma de conseguir ajuda antes que fosse tarde demais.

Nisso, o telefone tocou. Era George Kekoris, um investigador do Instituto de Pesquisas Psíquicas da Carolina do Norte, que disse ter recebido instruções para entrar em contato com George a respeito dos testes científicos que deveriam ser realizados na casa da Avenida Oceânica. Kekoris não podia passar lá naquele dia pois estava telefonando de Búfalo, mas tentaria chegar na manhã seguinte.

Após falar com Kekoris. George sentiu-se como um prisioneiro cuja execução tivesse sido adiada na última hora. Para pass2r o tempo até a. checada de Kathy, resolveu tirar os enfeites da árvore de Natal. Delicadamente colocou os frágeis ornamentos em folhas de jornal para que Kathy os guardasse depois nas caixas, tomando especial cuidado com a bela galáxia de ouro e prata de sua tataravó.

Durante a manhã e a tarde daquela quinta-feira, o Padre Mancuso tratou de sua recaída de gripe. Resignara-se aos seus novos padecimentos. tomando-os como nova manifestação do poder e do desagrado da força maligna, que provocara durante a bênção da casa da Avenida Oceânica.

Dessa vez não recebeu nenhuma visita solícita do pároco, apesar de ele ter sido informado de sua doença. Permaneceu em seu apartamento deitado, tomando os medicamentos que o médico receitara em suas visitas anteriores. Sua febre subiu aos quarenta, o estômago doía continuamente, e passou o dia entre calafrios e ataques de suor. Felizmente as pústulas das mãos não tornaram a aparecer, um sinal que o padre interpretou como se daquela vez sua punção por ter se envolvido outra vez com os Lutzes tivesse sido menos severa.

Não tentara falar outra vez com a administração da diocese. Sentia que seus padecimentos se abrandariam se afastasse o pensamento da situação dos Lutzes, e assim esperou que o Padre Ryan ou o Padre Nuncio o procurasse. A certa altura da tarde, na verdade, chegou a desejar que os administradores ignorassem seu pedido de audiência. Passou o tempo lendo o breviário.

Às quatro horas, Kathy voltou das compras. Como os Lutzes ainda estavam com o carro de Timmy, os recém-casados só podiam se locomover com a ajuda de terceiros. Kathy ofereceu-se para ir buscar o irmão e a cunhada.

George vetou sua ida. As estradas estavam cheias de gelo, e o carro de Jimmy tinha um sistema de mudança de marchas que Kathy ainda não manejava com desembaraço. O próprio George foi apanhar os cunhados e em uma hora estava de volta a Amityville.

Encantada por tornar a ver Jimmy e Carey, Kathy passou algumas horas distraída ouvindo o relato detalhado dos dias que o casal passara nas Bermudas. Os recém-casados tinham trazido uma pilha de instantâneos Polaroid que exibiam com todas as explicações necessárias. "Não nos resta um centavo", disse Jimmy, "mas temos recordações para toda uma vida". Naturalmente, tinham trazido alguns presentes para as crianças e isso manteve Danny, Chris e Missy entretidos grande parte da noite.

Sem querer estragar a reunião com a narrativa de suas estranhas experiências, George e Kathy compartilharam a animação do outro casal. Por fim, Kathy e sua nova cunhada subiram para mudar os lençóis da cama de Kathy. Jimmy e Carey iam passar a noite no quarto de Missy e a menininha dormiria num velho sofá do quarto de vestir.

Jimmy contou a George que pretendia se mudar da casa da mãe. Queria alugar um apartamento que ficasse a meio caminho entre a casa da mãe e a casa dos sogros, que também moravam em East Babylon. Assim satisfaria às duas famílias ao mesmo tempo.

Todos recolheram-se razoavelmente cedo. Antes de deitar, George e Jimmy verificaram se tudo estava em ordem, dentro e fora de casa. George mostrou a Jimmy a porta arrebentada da garagem, mas não deu nenhuma explicação, fora sugerir que o dano talvez fosse conseqüência de alguma estranha ventania. Jimmy, que já fora privado do seu dinheiro por uma entidade desconhecida, suspeitou de alguma coisa, mas não fez

comentários e acompanhou George numa vistoria ao abrigo de barcos.

Voltando à casa, os dois correram todas as portas e janelas até certificarem-se de que estava tudo trancado. Eram quase onze horas quando os casais se desejaram boa noite.

Eram 3:15 quando Carey acordou aos gritos. George sabe a hora com precisão, porque acordara há pouco e acabara de olhar o relógio de pulso.

- Oh, meu Deus, ela também, não! - murmurou consigo mesmo e, pulando da cama, correu para o quarto de Missy e acendeu a luz. O jovem casal estava sentado na cama, Jimmy abraçando a esposa que soluçava.

- O que foi? - perguntou George. - O que aconteceu?

Carey apontou para os pés da cama de Missy.

- Alguma coisa estava sentada ali... e tocou o meu pé!

George aproximou-se do local que Carey indicara e apalpou a cama. A coberta estava quente como se alguém tivesse se sentado ali.

- Eu acordei e vi um menininho - disse Carey. - Parecia muito mal! Estava tentando pedir que eu o ajudasse! exclamou ela chorando histericamente. Jimmy embalou a esposa gentilmente.

- Vamos, Carey - disse com ternura - você provavelmente estava sonhando ...

- Não, Jimmy! - protestou Carey. - Não foi um sonho! Eu vi! Ele falou comigo!

- O que foi que o menino disse, Carey? - perguntou George.

Os ombros de Carey ainda tremiam, mas gradualmente ela levantou a cabeça. George ouviu um ruído atrás de si e sentiu que alguém lhe tocava o ombro. Ele soltou um grito e virou a cabeça. Era Kathy. Seus olhos estavam embaçados como se também ela tivesse chorado.

- Kathy! - exclamou Carey.

- O que foi que o menininho disse? - insistiu Kathy.

- Ele me perguntou onde Missy e Jodie estavam.

A menção do nome da filha, Kathy saiu correndo para o quarto de vestir. A menina dormia com um dos pés fora das cobertas. Kathy ergueu o cobertor e cobriu a filha. Depois curvou-se e beijou a testa de Missy. Nisso, George entrou.

- Missy está bem?

Kathy fez um gesto de assentimento.

Quinze minutos depois Carey adormeceu, mais calma. Jimmy ainda estava nervoso, mas o sono venceu-o também.

George e Kathy haviam fechado a porta do quarto do casal e voltado ao seu próprio dormitório. Kathy dirigiu-se diretamente ao armário e apanhou o crucifixo que estava pendurado lá dentro.

- George, vamos benzer a casa sozinhos.

Começaram pelo terceiro andar, no quarto de brinquedos. No lúgubre silêncio da madrugada, no quarto frio, George ergueu o crucifixo e Kathy recitou o Padre Nosso. Eles não entraram no quarto dos meninos. Kathy achou que poderiam esperar até o dia seguinte para benzer aquele quarto e os em que Missy, Jimmy e Carey dormiam.

Em seguida benzeram o próprio quarto e o quarto de costura. Advertindo a esposa para que tomasse cuidado com o corrimão recém-consertado, George desceu para o térreo sempre brandindo o crucifixo como um sacerdote durante uma procissão.

Quando acabaram a "bênção" da cozinha e da sala de estar, já começava a clarear lá fora. Mesmo sem acender as luzes, podiam distinguir os móveis. George contornou-os com passos marciais enquanto Kathy começava a rezar: "Padre Nosso que estais no céu, santificado seja o ... "

Um zumbido forte interrompeu-os. Kathy calou-se e olhou em torno. George deteve-se e olhou para o teto. O zumbido avolumou-se transformando-se numa babel de vozes que os envolveu, atordoando-os.

Por fim, Kathy tapou os ouvidos com as mãos para amortecer o alarido, mas George ouviu claramente as vozes ordenarem em coro:

- Parem!

VINTE

8 A 9 DE JANEIRO - O Padre Mancuso sentia-se fraco demais para assistir à missa na igreja e. ficou em seu apartamento, rezando em seu altar particular. Logo depois da missa, o Padre Nuncio telefonou-lhe da sede da diocese, dizendo que o Padre Ryan e ele poderiam recebê-lo.

Explicando que a saúde o impedia de ir a Rockville Centre, o sacerdote perguntou se poderia falar sobre o caso Lutz pelo telefone. O Padre Nuncio anuiu e o Padre Mancuso relatou os últimos incidentes ocorridos na Avenida Oceânica. Sem hesitar, o administrador concordou em que seria aconselhável os Lutzes deixarem a casa por uns tempos, mas novamente exortou o colega a não voltar a Amityville e a aconselhar os Lutzes apenas por telefone.

Em Amityville, os Lutzes ainda estavam abalados com a manifestação do coro invisível na noite anterior. Kathy passara o resto da noite acordada, sentada no quarto de dormir. George guardara o crucifixo na parede do armário e ficara de mãos dadas com Kathy, sussurrando palavras confortadoras para suavizar o medo que deles se apoderara. Às oito horas, Kathy levantara-se e acordara as crianças. Às oito e meia Jimmy e Carey desceram já vestidos para o café.

Após falar com o Padre Nuncio, o Padre Mancuso telefonou para George para transmitir-lhe a recomendação do administrador. A campainha tocou várias vezes e ele ia desligar, quando George atendeu. O padre, que já pensava ter o aparelho recomeçado suas lúgubres brincadeiras, surpreendeu-se ao ouvir a voz do amigo.

George disse que acabara de despedir-se do cunhado e narrou o resultado da improvisada bênção da véspera. Consternado, o padre instou para que George seguisse o conselho do administrador e saísse imediatamente daquela casa.

- E outra coisa, George - acrescentou - não torne a fazer isso. Invocar o nome de Deus como você fez apenas enraivece o que quer que se apoderou de sua casa. Deixe isso para um sacerdote, que é o intermediário direto entre o Senhor e o Diabo...

- O Diabo? - interrompeu George. - Padre, o que foi que o senhor disse?

O clérigo teve vontade de morder a própria língua pelo lapso involuntário. Os seus administradores tinham se restringido a um enfoque científico do caso Lutz e somente após um longo período de investigações a Igreja poderia admitir influências demoníacas. Ele não tivera a intenção de exprimir os seus receios particulares.

- Não posso afirmar coisa alguma - emendou o Padre Mancuso. - É por isso que lhe imploro que deixem essa casa até que sejam determinadas as causas dos seus problemas, sejam elas científicas ou...

- Ou o quê? - perguntou George.

- O perigo pode ser maior do que qualquer um de nós imagina - replicou o Padre Mancuso. - Olhe, George, acontecem muitas coisas que não podemos explicar. Admito que parece haver uma força maligna em sua casa. Admito também que esses incidentes possam estar sendo causados por algo mais do que simples imaginação - fez uma pausa e perguntou: - George, está me ouvindo?

- Estou, padre. Pode continuar.

- Pois é isso. Por favor, saia dessa casa. Deixe as coisas esfriarem um pouco. Com vocês fora, então talvez possamos examinar o caso de forma mais racional. Vou contar aos administradores da diocese o que aconteceu ontem à noite e talvez eles possam mandar alguém logo.

Um grito de Kathy interrompeu a conversa.

- Eu falo depois! - berrou George e largou o fone no gancho. Em sua sala o sacerdote perguntou-se que ato sobrenatural estaria se desenrolando na casa 112 da Avenida Oceânica.

George subiu as escadas correndo até o terceiro andar. Ao chegar ao hall viu que Kathy gritava com Danny, Chris e Missy. O motivo era evidente. Do teto ao chão as paredes estavam cobertas de nódoas de uma substância gelatinosa verde que escorria até o chão formando poças brilhantes e viscosas.

- Quem foi que fez isso? - esbravejava Kathy. - Digam logo ou vou fazer vocês em pedacinhos.

- Não fomos nós, mamãe - as três crianças protestaram em coro esquivando-se dos tapas que ela distribuía desatinadamente.

- Não foi a gente - gritou Danny. - Quando nós subimos já estava assim!

George interpós-se entre a esposa e as crianças.

- Espere um pouco, querida. Talvez não tenham sido eles. Deixe-me dar uma olhada nisso.

Ele aproximou-se da parede e, passando o dedo numa das manchas, examinou e cheirou a substância, experimentando-a com a ponta da língua.

- Tem cara de gelatina, mas não tem gosto de nada.

Kathy recuperava a calma depois da explosão:

- Será que é tinta?

George fez um gesto negativo e experimentou a consistência da substância com a ponta dos dedos.

- Não sei o que é, mas não há dúvida de que fez uma tremenda porcaria - disse, olhando para o teto. - Não parece estar vindo lá de cima ...

Nisso calou-se e olhou em torno de si como se dando conta de repente de onde estava. Lembrou-se da conversa que tivera há poucos minutos com o Padre Mancuso e a palavra "Diabo" quase lhe escapou dos lábios.

- O que foi que você disse, George? - perguntou Kathy. - Eu não ouvi...

Ele olhou para a mulher e as crianças.

- Não foi nada. Foi só uma idéia que eu tive... respondeu, começando a empurrar os meninos na direção da escada. - Escutem, estou com fome. Vamos até a cozinha comer qualquer coisa. Mais tarde eu subo com os meninos para limpar essa mixórdia, está bem, pessoal?

Jimmy e Carey tinham chegado há pouco a East Babylon. Carey estava aliviada por se ver longe da casa da Avenida Oceânica, mesmo isto significando a volta à casa da sogra.

- Aquela casa me dá arrepios, Jimmy - ela disse ao descer do carro. - Eu sei que vi aquele menininho ontem à noite, não importa o que vocês digam.

Jimmy deu uma palmada no traseiro da esposa.

- Ora, esqueça isso, querida. Foi só um sonho. Eu sei que você não acredita nessas coisas.

Carey esquivou-se e olhou em volta para ver se algum vizinho tinha visto. Mas quando já ia entrando em casa, Jimmy segurou-a pelo braço.

- Escute, Carey, quero que me faça um favor. Não fale no que aconteceu na frente de mamãe. Ela impressiona-se muito com coisas desse tipo e vai logo querer chamar um padre para benzer a casa.

Carey não se deixou convencer.

- E aquele dinheiro que você perdeu lá? Não vai me dizer que também foi um sonho, não é?

O Padre Mancuso passou o resto da tarde perguntando-se por que George não tornara a telefonar depois do grito de Kathy. A uma certa hora, pensou em pedir ao sargento Gionfriddo da polícia de Amityville que verificasse se estava tudo bem na casa dos Lutzes. Mas o aparecimento inesperado de um policial poderia alarmá-los mais ainda. Oh, meu Deus, pensou ele, espero que não tenha acontecido nada. Por fim o sacerdote pegou o telefone e discou o número de George.

Ninguém atendeu, pois a família inteira estava no abrigo de barcos onde o ruído do compressor impedia-os de ouvir a campainha. George, Danny e Chris derramavam a geléia verde na água gelada junto ao barco. O compressor revolvia a substância, misturando-a com a água, e lançava-a sob o gelo.

Enquanto no estreito passadiço de madeira os meninos viravam os baldes, Kathy limpava o que respingava no chão e Missy segurava Harry para impedi-lo de atrapalhar a operação. George trabalhava em silêncio, tentando não transmitir seus receios a Kathy e às crianças. Sua mulher ainda suspeitava que os filhos eram responsáveis pela sujeira, e não associara o lodo verde nos outros misteriosos episódios.

George estava tão absorto em seus pensamentos, que se esqueceu de telefonar outra vez para o Padre Mancuso. À noite, junto à lareira, Kathy declarou que queria ir para a casa da mãe, mas quando acrescentou que não ia esperar pelo dia seguinte, George ficou transtornado.

- Eu não vou merda nenhuma! - gritou ele pulando da cadeira, o rosto congestionado de raiva. As pressões que vinham se acumulando no seu íntimo tinham chegado finalmente ao ponto de explosão. - Tudo que nós possuímos nessa droga de mundo está enterrado aqui nessa maldita casa! - trovejou. - Tenho muita coisa investida aqui para largar tudo assim sem mais nem menos!

As crianças, que ainda estavam acordadas, correram apavoradas para junto da mãe. Até Kathy assustara-se diante daquele George desconhecido. Seu aspecto era o de um homem possesso.

Completamente lívido, ele dirigiu-se ao pé da escada e gritou alto, de forma a ser ouvido em todos os cantos da casa:

- Seus filhos da puta, saiam da minha casa! - e subindo correndo até o terceiro andar, entrou no quarto de brinquedos e escancarou todas as janelas: - Saiam! Saiam, em nome de Deus!

Em seguida, correu ao quarto dos meninos, e depois ao segundo andar, sempre repetindo o ritual, escancarando as janelas e berrando:

- Saiam em nome de Deus!

Algumas janelas resistiram aos seus esforços, e George golpeou furiosamente as esquadrias até as desemperrar. O ar frio do exterior invadiu os quartos e logo a casa inteira estava gelada.

Afinal ele terminou. Ao chegar ao térreo, sua raiva evaporara-se. Exausto e ofegante, parou no meio da sala, abrindo e fechando os punhos.

Enquanto George desincumbia-se desse desesperado ritual, Kathy permanecera paralisada junto à lareira ao lado das crianças. Ao vê-lo entrar, os quatro aproximaram-se lentamente, e George abriu os braços e envolveu a sua apavorada família.

A cena tivera uma quinta testemunha, bem humana. O sargento Al Gionfriddo, o policial que o Padre Mancuso pensara em chamar, estava terminando sua ronda antes de deixar o trabalho às nove horas. Ao passar pela Avenida Oceânica, deparara com um estranho espetáculo. Em pleno inverno um louco estava escancarando todas as janelas do número 112, aos berros. O sargento pisou no freio e estacionou na esquina de South Ireland com a Avenida Oceânica, bem em frente à casa dos Lutzes, e apagou as luzes. Algo o impedia de descer e tocar a campainha. Não queria realmente saber por que o proprietário estava se comportando como um lunático. Gionfriddo ficou esperando e viu depois quando uma mulher subiu e fechou as janelas.

Deve ser a senhora Lutz, pensou. Parece estar tudo em ordem agora. Vou manter meu nariz longe disso. Com um suspiro, o sargento ligou o motor do carro e, com as luzes apagadas, deu lentamente marcha à ré pela South Ireland até a primeira paralela à Avenida Oceânica. Só então acendeu os faróis e dobrou à esquerda.

Ao fim de uma hora, a casa da Avenida Oceânica estava novamente aquecida. O calor dos radiadores sobrepujou afinal o ar gelado e mais uma vez o termostato atingiu os vinte e quatro graus. Os meninos cochilavam em frente à lareira e Kathy embalava a filha adormecida. Às dez horas, Kathy subiu ao quarto das crianças e achou que Danny e Chris já podiam se deitar.

Desde a sua explosão, George permanecera calado com os olhos fixos nas achas incandescentes. Kathy respeitara o seu silêncio compreendendo que o marido tentava encontrar uma solução à sua própria maneira. Depois de deitar as crianças, aproximou-se dele e gentilmente tentou convencê-lo a subir.

George ergueu para Kathy um rosto onde se mesclavam perplexidade e raiva. Seus olhos estavam úmidos. Aparentemente estivera chorando de frustração. Pobrezinho, pensou ela, bem que ele merecia um descanso. Mas, com um gesto negativo, ele declinou o convite para subir.

- Vá você - disse baixinho. - Daqui a pouco eu subo - acrescentou voltando os olhos para as labaredas.

Deixando acesa a lâmpada da mesa de cabeceira de George, Kathy despiu-se e meteu-se na cama. Lá fora, o vento uivava. O zumbido monótono relaxou-a lentamente e em poucos minutos começou a cochilar.

De repente, ela sentou-se na cama num repelão e olhou para o travesseiro de George. Continuava vazio. Devagar, virou a cabeça e olhou para trás. Ao ver sua imagem refletida no grande espelho da cabeceira, sentiu vontade de apanhar o crucifixo do armário.

Tão forte, foi o impulso que ela se levantou, mas ao ver seu rosto no espelho, estacou. Sua imagem parecia ter adquirido uma vida própria e sussurrava-lhe: "Não faça isso! Você vai nos destruir a todos!"

Quando George subiu, encontrou a esposa adormecida. Ajustou suas cobertas e, abrindo

a gaveta da mesa de cabeceira, apanhou a Bíblia de Kathy. Depois, apagou a luz e silenciosamente tornou a descer.

Voltando à sua poltrona da sala de estar, George abriu a Bíblia no Livro do Gênesis. Logo encontrou uns versículos que o fizeram refletir. Em voz. alta, leu: "Então o senhor disse à serpente: Portanto fizeste isto, maldita serás, mais que toda a besta e mais do que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida".

George estremeceu. A serpente é o demônio, pensou. Nisso, sentiu um bafo quente no rosto e recuou violentamente a cabeça. As chamas da lareira atiravam-se contra ele!

Levantou-se num pulo e recuou. O fogo que estivera quase se apagando, reanimara-se outra vez, poderoso, e as labaredas tomavam toda a lareira. Ele podia lhes sentir o calor abrasante.

Então, um dedo gelado espetou suas costas. Virou-se. Não viu ninguém, mas uma corrente de ar frio descia, quase palpável, pelas escadas e invadia o vestíbulo em forma de fino nevoeiro.

Agarrando a Bíblia, ele subiu correndo as escadas e parou na porta do seu quarto. O aposento estava aquecido, mas ele sentiu novo cutucão dos dedos gelados.

Correndo para o quarto de Missy, escancarou a porta. As janelas estavam abertas e a temperatura do quarto descera abaixo de zero.

Arrancando a menina da cama, saiu dali correndo. O corpinho frágil e gelado tremia. George levou-a para sua cama e colocou-a sob os cobertores. Kathy acordou.

- Aqueça-a! - berrou George. - Ela está morrendo de frio!

Sem hesitar, Kathy cobriu a menina com o próprio corpo. George subiu correndo ao terceiro andar.

No quarto de Chris e Danny as janelas também estavam completamente escancaradas. Cobertos até a cabeça, os meninos dormiam. George pegou-os no colo e desceu pesadamente as escadas.

Os meninos batiam os dentes de frio: George colocou-os na cama do casal e, metendo-se também sob os cobertores, aqueceu-os com o calor do seu corpo.

Os cinco membros da família Lutz estavam deitados numa única cama, os corpinhos das crianças aquecendo-se lentamente enquanto os pais esfregavam seus pés e suas mãos. Foi preciso quase uma meia hora para que a temperatura delas voltasse ao normal. Só então George percebeu que ainda segurava a Bíblia. Sabendo que fora mais do que avisado, jogou-a no chão.

VINTE E UM

10 DE JANEIRO - Na manhã de sábado, Joan, a mãe de Kathy, recebeu um telefonema desesperado da filha:

- Mãe, estou precisando de você!

Quando a Sra. Conners tentou saber o que acontecera, Kathy disse que não podia explicar. Só a mãe vendo. Pegando um táxi, ela seguiu para Amityville.

George abriu a porta para a sogra e conduziu-a imediatamente ao quarto do casal. Depois desceu e instou para que as crianças terminassem a refeição matinal. Desusadamente bem comportadas, elas obedeceram sem protestar, e a julgar pelos seus apetites, era evidente que já tinham se recuperado da enregelante experiência da noite anterior.

George subiu para reunir-se às duas mulheres e encontrou a sogra examinando Kathy que se encontrava deitada. Com as pontas dos dedos a Sra. Conners acompanhou as feias estrias vermelhas que, começando logo acima dos pêlos pubianos de Kathy, estendiam-se até a base dos seus seios. Os sulcos vermelhos davam a impressão que ela fora queimada com um ferro em brasa.

- Ai! - exclamou a Sra. Conners com uma careta, retirando abruptamente a mão da barriga de Kathy. - Eu me queimei!

- Eu disse para você ter cuidado, mamãe! - retrucou Kathy. - Aconteceu o mesmo a George!

A mãe de Kathy olhou para o genro, que fez um gesto de assentimento.

- Tentei passar uma pomada nas queimaduras, mas de nada adiantou - disse ele. - Só podemos tocá-la de luvas.

- Você já chamou o médico?

- Não, mamãe - respondeu Kathy.

- Ela não queria que eu chamasse um médico - acudiu George. - Só queria a senhora.

- Isso dói, Kathy?

Kathy começou a chorar, atemorizada. George respondeu por ela.

- Parece que não. Só se tocar.

A mãe de Kathy estendeu a mão e acariciou os cabelos da filha.

Minha pobre menina! Não se preocupe; eu estou aqui. Tudo vai se arranjar - e, curvando-se, beijou o rosto molhado de lágrimas de Kathy. Depois fechou o roupão da filha, cobrindo com cuidado o corpo flagelado, e levantando-se, declarou: Vou chamar o Dr. Aiello.

- Não! - protestou Kathy lançando um olhar desesperado para o marido. - George!

George deteve a sogra com um gesto.

- O que é que a senhora vai dizer a ele?

Confusa, a mãe de Kathy retorquiu:

- Ora, não está vendo que ela está com a frente do corpo toda queimada?

- Mas como vai explicar isso a ele? - insistiu George. - Nós não sabemos corno isso aconteceu. Ela acordou assim. Ele vai achar que somos malucos!

George hesitava. Se contasse à sogra mais detalhes dos acontecimentos daquela noite, teria de revelar a cadeia dos fenômenos demoníacos que vinham presenciando. Sabendo dos fortes elos que ligavam a Sra. Conners à Igreja, tinha certeza de que ela insistiria para que Kathy e as crianças deixassem aquela casa até que pudesse falar com o seu confessor. George conhecia-o e sabia que era muito parecido com o velho pároco da igreja de São Martinho de Amityville: interessado apenas em seus deveres pastorais. Na verdade, George teria acolhido um sacerdote com satisfação, mas não o de East Babylon. Além disso, ele esperava a qualquer momento ter notícias de George Kekoris, o investigador de fenômenos psíquicos.

- Deixe-a descansar um pouco, mãe - disse ele afinal. - Parece-me que as marcas já não estão tão fortes quanto antes. Talvez desapareçam logo - acrescentou, lembrando-se dos sulcos do rosto de Kathy.

- Ele tem razão, mamãe - disse Kathy temendo envolver a mãe mais profundamente. - Vou ficar deitada mais um pouco. Você pode ficar comigo?

A mãe de Kathy olhou para George. Aqui há qualquer coisa que vocês não me contaram, pensou ela. Gostaria de dizer a Kathy que jamais gostara daquela casa, toda vez que lá entrava, sentia-se mal. O número 112 da Avenida Oceânica simplesmente não lhe inspirava confiança. Lembrando-se mais tarde desse episódio, a Sra. Conners iria compreender o porquê.

Deixando as duas mulheres no quarto, George desceu para a cozinha. Danny, Chris e Missy tinham acabado de comer e até tirado a mesa do café. Quando entrou, os três lançaram-lhe olhares interrogativos:

- A mamãe está bem - tranqüilizou-os George. - A vovó vai ficar com ela.

Segurando os ombros de Missy, virou a criança na direção da porta.

- Vamos, pessoal. Vamos dar uma saída. Precisamos fazer umas compras no supermercado, e também quero passar na biblioteca.

Depois que George e as crianças saíram, a mãe de Kathy deixou-a só por alguns minutos e desceu à cozinha para telefonar para Jimmy. Seu filho devia estar querendo saber por que motivo ela correra tão cedo à casa do genro. Jimmy oferecera-se para levá-la a Amityville, mas ela desencorajara-o dizendo que poderia precisar dele para alguma coisa mais tarde.

Joan Conners disse a Jimmy que Kathy tinha apenas cólicas, e que ela telefonaria na hora que quisesse voltar. Sem lhe dar crédito, Jimmy retrucou que iria até lá com Carey. Joan berrou que ele não deveria ir, em hipótese nenhuma, quanto mais levar Carey. Ela não queria que a nora espalhasse a história de que seus cunhados não regulavam muito bem.

Em sua cama, Kathy ouviu a mãe gritar com o irmão no telefone. Suspirando, abriu o roupão mais uma vez para olhar as marcas das queimaduras. Os vergões continuavam lá, mas ela teve a impressão de que estavam mais tênues. Encostou o dedo numa das marcas sob o seio direito. Desta vez não teve de retirar apressadamente a mão. Sua sensação agora era a de quem mergulhara o dedo em água bem quente. Tornou a suspirar.

Ia fechar o roupão, quando sentiu outros olhos fixos em sua nudez. Sentiu uma presença atrás de si, mas não teve forças para virar a cabeça com o horrível pressentimento de que veria algo horripilante no espelho da cabeceira. Paralisada de medo, sentiu-se incapaz até de erguer os braços para fechar o roupão, e ficou lá, o corpo exposto, os olhos apertados, os músculos todos contraídos à espera do contato desconhecido.

- Kathy! O que está fazendo? Você vai morrer de pneumonia!

Era a mãe que voltara da cozinha.

Mesmo depois que os vergões vermelhos desapareceram completamente, a Sra. Conners não quis deixar Kathy. Quando George voltou com as crianças, ela insistiu para que toda a família deixasse aquela casa. Ele podia ficar, se quisesse, mas Kathy e as crianças não deviam mais permanecer ali.

A essa altura Kathy dormia, e depois da última provação, George não a quis acordar.

- Deixe-a dormir mais um pouco, mãe - disse ele. Depois nós resolveremos isso.

A sogra anuiu com relutância, fazendo-o prometer que telefonaria no instante em que Kathy acordasse.

- Se você não telefonar, eu volto aqui! - ela ameaçou. As quatro horas a Sra. Conners chamou um táxi e seguiu para East Babylon.

George obtivera um cartão de sócio temporário da biblioteca de Amityville e trouxera para ler em casa um livro sobre bruxas e demônios. Quando a sogra saiu, acomodou-se na sala de estar e sozinho mergulhou num mundo de feitiçarias e fenômenos demoníacos.

Eram mais de oito horas da noite quando George terminou ie ler o livro. A tarde a mãe de Kathy preparara espaguete com almôndegas e George esquentara o prato para o jantar. Danny, Chris e Missy comeram, enquanto ele continuava a leitura. Da última vez que subira para ver Kathy, ela virara-se na cama e ele julgara que logo ela acordaria do seu tão necessário repouso. Agora ele estava na cozinha e as três crianças viam televisão na sala de estar.

Durante a leitura, tomara algumas notas, e agora relia suas anotações. Organizara uma lista com nomes de demônios que até então desconhecia, palavras estranhas que soaram de uma forma bizarra a seus ouvidos. A certa altura resolveu falar com o Padre Mancuso.

Foi com surpresa que o padre soube que os Lutzes continuavam na Avenida Oceânica.

- Pensei que vocês iam sair daí como os meus superiores recomendaram.

- Eu sei, padre, eu sei - respondeu George. - Mas agora acho que sei como acabar com o problema. - Estive lendo um livro sobre bruxarias e atos demoníacos - acrescentou apanhando o livro na mesa.

Deus do céu, pensou o Padre Mancuso, estou lidando com uma criança, com um inocente. A casa deste homem pode explodir a qualquer momento sobre ele e sua família e ele vem me falar de bruxarias...

- Esse livro ensina um ritual para conjurar os demônios - prosseguiu George. - A gente diz o nome deles três vezes, está tudo aqui bem direitinho: Iscaron, Madeste ... esses são nomes de demônios, padre ...

- Eu conheço-os muito bem! - explodiu o Padre Mancuso.

- Tem também o Iabo e o Er... Erselaide. Puxa, que nome! Parece que esse tem qualquer coisa a ver com o vodu ... E ainda tem o Eslender. ..

- George! - o padre protestou. - Pelo amor de Deus! Não torne a invocar esses nomes! Nem agora nem nunca!

- Mas por quê, padre? - objetou George. - Está tudo explicado aqui no livro. Qual é o problema?

A ligação interrompeu-se. George ouviu um gemido fantasmagórico, um estalido forte e depois mais nada. Teria o Padre Mancuso desligado o telefone, perguntou-se. E o que teria acontecido ao tal Kekoris?

- Era a minha mãe?

George virou-se e viu Kathy em pé na porta. Ela penteara os cabelos e vestira calças compridas e uma suéter. Tinha o rosto corado.

George fez um gesto negativo e perguntou:

- Como está se sentindo, querida? Dormiu bem?

Kathy ergueu o suéter mostrando a barriga.

- Sumiu tudo - disse ela esfregando o estômago. Desapareceram. Onde estão as crianças? - perguntou sentando-se à mesa.

- Estão vendo televisão - respondeu George pegando a mão da mulher. - Quer falar com a sua mãe agora?

Kathy assentiu. Sentia-se estranhamente descontraída, quase sensual. Desde que tivera a intuição de que alguém contemplava o seu corpo, uma profunda letargia apoderara-se dela como se tivesse experimentado uma completa satisfação sexual. A sensação prolongara-se sono adentro, ela pensou, em sonhos em que ela fazia amor com alguém que não era George ...

Kathy discou o número da mãe, enquanto George dirigia-se à sala de estar. Um trovão reboou ao longe. Olhando para a janela, George viu os primeiros pingos de chuva riscarem os vidros. Um relâmpago cortou a escuridão e alguns momentos depois ouviu um novo ribombar de trovão. Ele divisou a silhueta das árvores curvando-se ao vento.

Kathy entrou na sala.

- Minha mãe disse que lá está chovendo a cântaros. Ela acha que devemos ir na caminhonete, em vez de Jimmy vir nos buscar.

A chuva caía forte agora, lavando as vidraças e as paredes da casa.

- Pelo barulho da chuva acho que ninguém vai mais a lugar nenhum - replicou George.

Kathy lembrou-se de que ao sair do seu quarto deixara as janelas erguidas uns dois dedos para arejar a ambiente. Mesmo por uma fresta pequena poderia entrar água com aquela tempestade.

- Danny, corra até o meu quarto e feche as vidraças, está certo?

George fora correndo ao canil buscar Harry. Apesar das vergastadas de chuva gelada que o golpeavam, sentiu que a onda fria começava a abrandar. A chuva ia remover o acúmulo de neve suja, mas morar tão perto do rio podia ter seus problemas. Um aguaceiro forte poderia engrossar o curso e fazer o rio transbordar.

George entrou em casa com Harry, o animal sacudindo-se, agradecido, bem a tempo de

ouvir Danny lá em cima soltar um grito de dor. Kathy subiu as escadas correndo na frente de George e foi encontrar o menino no quarto do casal, os dedos da mão direita presos embaixo da esquadria. Com a mão esquerda Danny tentava erguer a vidraça.

George empurrou Kathy e correu para a criança, que berrava tentando libertar os dedos. George tentou erguer a janela de guilhotina, mas a esquadria não cedeu um milímetro. Ele golpeou o caixilho, mas em vez de desemperrar a janela, a vibração apenas causou mais dor a Danny. Fora de si, George começou a praguejar, gritando obscenidades para os seus inimigos invisíveis.

Súbito a janela soltou-se por si só e subiu alguns centímetros liberando a mão de Danny. O menino agarrou os dedos com a outra mão e correu para a mãe chorando histericamente.

Kathy tomou a mão ferida, mas o menino não queria largá-la e Kathy teve de gritar:

- Deixe-me ver isso, Danny! Largue os dedos!

Virando o rosto para o lado, o menino estendeu a mão. Ao ver o aspecto dos seus dedos - completamente achatados, fora o polegar - Kathy gritou. Ainda mais assustado pelo grito angustiado da mãe, Danny escondeu instintivamente a mão.

George explodiu. Correndo como um louco de um quarto para o outro aos berros, ele desafiou quem quer que estivesse atormentando sua família a aparecer e enfrentá-lo. A tempestade que rugia lá fora não era maior do que a que se desenrolava no número 112 da Avenida Oceânica, com Kathy correndo aos gritos atrás do marido, exortando-o a chamar um médico para atender o menino.

A fúria de George abateu-se logo. Subitamente ele compreendeu que o menino estava ferido e precisava de assistência médica. Correndo para o telefone da cozinha, tentou chamar o clínico da família de Kathy, John Aiello. Mas o telefone estava mudo. Mais tarde souberam que a tempestade derrubara um poste, isolando com maior eficácia a casa dos Lutzes.

- Vou ter de levar Danny ao hospital - berrou George. - Vista um casaco nele.

O Hospital Brunswick em Amityville fica na Broadway, a menos de um quilômetro e meio da casa dos Lutzes. Mas, devido ao fortíssimo vendaval que castigava a costa sul de Long Island, George levou uns quinze minutos para chegar até lá.

O residente de plantão ficou atônito com o estado dos dedos de Danny, achatados desde a base da cutícula até a segunda articulação. Porém, embora eles parecessem irremediavelmente esmagados, nem os ossos nem as cartilagens estavam quebrados. O médico enfaixou-o com cuidado e deu a Danny comprimidos de aspirina infantil, sugerindo que voltassem para casa. Não havia mais nada a fazer.

A essa altura o menino estava mais assustado com o aspecto dos seus dedos do que propriamente com a dor. No caminho de volta, manteve a mão contra o peito, gemendo e soluçando. Eles levaram outros vinte minutos para chegar em casa e George precisou

lutar contra o vento para tornar a fechar a porta de entrada.

Kathy deitara Chris e Missy na cama do casal e esperava por George na sala de estar. Pegando o seu primogênito ao colo, ela embalou-o até que o menino, exaurido pelo pânico e pela dor, adormeceu de tanto chorar.

George carregou o menino para cima. Tirando apenas os seus sapatos, deitou-o sob os cobertores ao lado dos irmãos. Depois sentou-se com Kathy junto às janelas e ficaram olhando a chuva lavar as vidraças.

O casal passou o resto da noite em pequenos cochilos. Não podiam deixar a casa - seria impossível tentar ir para a casa da mãe de Kathy ou qualquer estro lugar - mas estavam alertas aos perigos que pudessem ameaçar sua integridade ou a das crianças. Quase ao amanhecer, os dois adormeceram.

Às seis e meia George acordou com a chuva molhando o seu rosto. Por um instante julgou que estava ao ar livre, mas não, continuava na poltrona junto à janela. Num pulo, viu que as janelas do quarto estavam escancaradas, algumas mesmo pendendo das ombreiras. Foi então que ouviu o vento uivando nos fundos da casa e saiu correndo.

Todos os quartos em que entrou estavam em condições idênticas - as vidraças partidas, as portas do segundo e do terceiro andar arrebentadas e escancaradas - e ele tinha fechado e trancado tudo! E durante esse pandemônio, todos os membros da família Lutz tinham continuado a dormir, sem ouvir nada!

VINTE E DOIS

11 DE JANEIRO - Fazia vinte e cinco dias que os Lutzes moravam na casa 112 da Avenida Oceânica, mas aquele domingo foi um dos piores.

De manhã tinham descoberto que a chuva inclemente e a ventania da noite anterior haviam transformado a casa num caos. A água manchara as paredes, as cortinas, a mobília e os tapetes, do térreo ao terceiro andar. Dez janelas tinham vidros quebrados e em várias os trincos retorcidos impossibilitavam uma vedação completa. As fechaduras das portas do quarto de costura e do quarto de brinquedos tinham sido quase arrancadas e inutilizadas. Se a família nutria planos de sair dali e procurar um abrigo mais seguro, o projeto teria de ser protelado até poderem deixar a casa bem fechada e em ordem.

Na cozinha, parte dos armários estava encharcada e empenada, e a pintura de quase todos estragara. Kathy ainda não dera atenção a tais problemas, já tinha as mãos cheias tentando livrar-se da água lamacenta que cobria o piso de ladrilhos vinílicos. Esperava poder secar o chão antes que os ladrilhos começassem a se desprender.

Danny e Chris iam de quarto em quarto com dois grandes rolos de toalhas de papel esfregando as paredes. Carregavam a escadinha da cozinha para aumentar o alcance de seus pequenos braços. Atrás dos dois ia Missy com um grande saco de plástico recolhendo as toalhas molhadas que os garotos largavam no chão.

George retirou dos trilhos todas as cortinas da casa. Algumas podiam ser lavadas à máquina, essas ele levou para o porão As que precisavam ser limpas a seco, ele estendeu na sala, o local menos atingido pelo temporal.

Toda a família manteve-se estranhamente silenciosa enquanto trabalhava para limpar a casa. O último desastre apenas intensificara sua determinação de morar na Avenida Oceânica. Ninguém dava expressão a esse sentimento, mas George, Kathy, Danny, Chris e Missy Lutz estavam agora dispostos a enfrentar qualquer inimigo, natural ou sobrenatural.

Até Harry dava demonstração de força. O malamute mestiço corria de um lado para o outro em seu canil, na lama, a cauda erguida, os dentes arreganhados. Os rosnados e latidos que escapavam do seu peito vigoroso eram indícios de que o animal estava pronto a fazer em pedaços qualquer pessoa ou coisa desconhecida. Volta e meia Harry interrompia a sua ronda, olhava para o abrigo de barcos e emitia um uivo selvagem que provocava arrepios em todos os moradores da Avenida Oceânica.

Terminando de lidar com as cortinas ensopadas, George concentrou-se nas janelas. Primeiro cortou pedaços de um plástico grosso para tapar os vidros quebrados e prendeu-os nos caixilhos com fita gomada branca. O resultado não era nenhuma maravilha, mas o plástico pelo menos impedia a entrada da garoa intermitente.

A previsão de George na véspera estava certa. A temperatura elevara-se com a tempestade e agora estava acima de zero grau. As árvores e os arbustos da Avenida Oceânica tinham sofrido muitos danos e de suas janelas George podia ver que a South Ireland também tinha sua quota de galhos partidos. Entretanto, notou que os vizinhos não tinham vidraças quebradas nem quaisquer prejuízos exteriores. Só eu, pensou George. É de amargar!

Os trincos das portas e janelas constituíam um problema mais difícil. George não possuía as ferramentas necessárias para reparar os danos e usou um alicate para desentortar o que lhe foi possível. Depois pregou as ferragens nas esquadrias com pregos fortes e desafiou seus inimigos invisíveis:

- Quero ver vocês arrancarem isso, seus filhos da puta!

Em seguida removeu as fechaduras do quarto de costura e do quarto de brinquedos e foi buscar no sótão umas tábuas de pinho. As portas abriam para fora e George fechou-as com as tábuas, pregando-as diagonalmente nos alisares. O que quer que estivesse se ocultando nos dois quartos misteriosos já não tinha como sair.

Por fim George Kekoris telefonou dizendo que gostaria de passar a noite na casa da Avenida Oceânica. Só havia um problema: como ele não trouxera consigo nenhum equipamento, sua visita seria informal. Teria de tirar conclusões sem os rigorosos controles necessários a uma avaliação científica.

George replicou que isso não tinha importância; ele apenas queria uma confirmação de que todos os incidentes bizarros que a família presenciara não tinham sido apenas o produto de suas fantasias. Kekoris perguntou se a casa já fora visitada por algum "sensitivo", mas George desconhecia a significação do termo. O investigador retrucou que explicaria melhor ao chegar lá.

Antes que George desligasse, Kekoris perguntou se havia um cachorro na casa. Ao saber da existência de Harry, o cão de guarda adestrado, disse que os animais eram muito sensíveis aos fenômenos psíquicos. George ficou novamente intrigado, mas pelo menos tinha agora uma certeza de que iam receber auxílio.

As três da tarde, o Padre Ryan deixou Rockville Centre. Estava preocupado com a saúde mental do Padre Mancuso devido ao caso Lutz e, na qualidade de administrador da diocese, achou que era tempo de fazer uma visita à paróquia do Sagrado Coração em North Merrick.

Foi encontrar o Padre Mancuso recuperando-se do seu terceiro ataque de gripe em três semanas. O Padre Ryan disse-lhe que conhecia bem sua reputação como advogado, mas já teria o colega pensado na possibilidade de seus problemas de saúde serem psicossomáticos? Não estaria seu estado emocional provocando seus padecimentos físicos?

O Padre Mancuso protestou. Acreditava que poderosas forças malignas eram responsáveis por sua debilitação e estava disposto a submeter-se a um exame

psiquiátrico por um profissional da escolha do administrador.

Sem mais exigir que o Padre Mancuso mantivesse distância da Avenida Oceânica, 112, o Padre Ryan declarou que a decisão teria de ser dele.

Surpreso e assustado, o Padre Mancuso compreendeu que estava sendo testado. Se aceitasse responsabilizar-se pelo caso Lutz, teria a aprovação do administrador; caso contrário, este também compreenderia. Mas não pretendia se envolver a esse ponto. As provações e angústias dos Lutzes comoviam-no profundamente, e em sã consciência ele não desculpava o próprio medo. A verdade, porém, é que estava apavorado.

Por fim, disse que antes de tomar qualquer decisão, gostaria de conversar com o bispo. Percebendo a sua ansiedade, o Padre Ryan prometeu entrar em contacto com o seu superior naquele mesmo dia. À noite, telefonaria.

Por volta das seis horas, a mãe de Kathy telefonou querendo saber se iriam passar a noite em sua casa em East Babylon. Kathy declinou o convite. A casa continuava em desordem depois da tempestade e ela tinha muito o que fazer na manhã seguinte. Além disso, Danny e Chris teriam de ir à escola, já tinham faltado muitos dias.

A Sra. Conners concordou com relutância, mas fez Kathy prometer que telefonaria se acontecesse algo de extraordinário. Ela mandaria Jimmy ir até lá imediatamente. Após desligar, Kathy disse a George que não sabia se tomara a decisão certa.

- Nós vamos agüentar firme - ele retrucou. - Antes de você levar as crianças para a cama, vou correr a casa com o Harry. Kekoris disse que os cães são muito sensíveis a esse tipo de coisa.

- Você tem certeza de que não os vai enfurecer outra vez? - perguntou Kathy. - Você sabe o que aconteceu quando desfilamos com o crucifixo.

- Não, não, Kathy. Isso é diferente. Só quero ver se o Harry ouve ou fareja alguma coisa.

- E se ele farejar? O que é que você vai fazer?

Ainda com a agressividade aguçada, o cão tinha de ser mantido preso. Harry era um animal vigoroso e George precisava usar a força para não ser arrastado.

- Pega Harry! - incitou-o George tirando a guia do animal e seguindo para o porão. Harry começou a farejar. Embaixo, deu a volta ao porão, fuçando e arranhando o piso junto às paredes. Ao se aproximar do armário embutido que ocultava o quarto vermelho, o cão meteu o rabo entre as pernas e, baixando os quartos traseiros, começou a choramingar, olhando para George.

- O que é, Harry? Está farejando alguma coisa?

Os gemidos do cão tornaram-se angustiados e ele começou a recuar, sempre agachado. Por fim latiu e, levantando-se, subiu correndo as escadas. Em cima, tremendo todo,

esperou que George lhe abrisse a porta.

- O que aconteceu? - perguntou Kathy.

- Harry teve medo de chegar perto do esconderijo disse George e, sem tornar a colocar a guia no cachorro, fez com que corresse a cozinha, a sala de estar, a sala de jantar, e a varanda envidraçada. O cão animou-se e todo lampeiro farejou todo o andar térreo. Porém, quando George tentou levá-lo para cima, Harry estacou no primeiro degrau da escada.

- Vamos - ordenou George. - O que é que há com você?

O cão colocou uma pata no segundo degrau, mas ficou nisso.

Eu faço ele subir - ofereceu-se Danny. - Ele sempre vem atrás de mim - disse o menino adiantando-se e acenando para que o cachorro o seguisse.

- Não, Danny, você fica aqui embaixo - disse George. - Eu levo o Harry.

Abaixando-se, George puxou a coleira do animal. Harry moveu-se, a princípio com relutância e depois com mais animação.

O cão entrou sem problemas no quarto de casal e no quarto de vestir, mas ao aproximar-se do quarto de Missy, hesitou. George segurou-o pelos quartos e empurrou-o, mas o animal recusou-se a entrar, fazendo o mesmo na frente da porta fechada com tábuas do quarto de costura. Ganindo baixinho, Harry esgueirou-se por trás de George.

- Ora, Harry, não há ninguém aí dentro! Que bicho te mordeu? - protestou o dono.

Assim que entrou no quarto dos meninos no terceiro andar, Harry pulou em cima da cama de Chris. George enxotou-o e o animal correu para as escadas passando pelo quarto de brinquedos sem um olhar sequer. George não conseguiu detê-lo.

Quando o marido chegou embaixo, bem depois do cão, Kathy perguntou:

- O que aconteceu?

- Não aconteceu nada, coisíssima alguma.

O próprio bispo telefonara para o Padre Mancuso e sugerira que se este estivesse suficientemente bem para viajar, fosse à diocese de Rockville Centre na manhã seguinte.

O Padre Mancuso respondera que eram apenas quinze minutos de carro e sua temperatura estava normal. Embora a meteorologia previsse ventos fortes, não deveria esfriar. Afirmou ao seu superior que tinha toda a intenção de comparecer à entrevista.

Na casa dos Lutzes, mais um dia chegava ao fim. Toda a família estava de novo reunida no quarto do casal: as três crianças deitadas na cama e George e Kathy em poltronas

junto às vidraças quebradas. O quarto parecia exageradamente aquecido e os olhos de todos tinham começado a arder. George pensava que era de cansaço. Um por um, eles adormeceram. Primeiro Missy, depois Danny, depois Chris, Kathy e por último George. Ao fim de dez minutos todos dormiam profundamente.

Dali a pouco George foi rudemente despertado pela mulher e pelas crianças que, diante de sua poltrona, tinham os olhos cheios de lágrimas.

- O que foi? - murmurou sonolento.

- Você estava gritando, George! - disse Kathy. - Nós não conseguíamos acordá-lo!

- É papai, você fez a mamãe chorar! - exclamou Missy.

Meio adormecido, sentindo-se como se tivesse sido narcotizado, George estava tonto.

- Eu machuquei você, Kathy?

- Oh, não, querido! - ela protestou. - Você nem me tocou!

- O que foi que aconteceu, então?

- Você estava gritando: "Estão me partindo ao meio!", e nós não conseguíamos acordá-lo!

VINTE E TRÊS

12 DE JANEIRO - George não estava entendendo. Por que Kathy dizia que ele gritara "Estão me partindo ao meio"? Ele sabia perfeitamente bem que o que dissera fora "Estou me descolando!".

Agora ele se lembrava de que estava sentado na poltrona quando de repente sentira uma força poderosa levantar a poltrona e virá-la lentamente para o outro lado. Incapaz de mover-se, George vira o vulto encapuzado com o rosto estourado que aparecera pela primeira vez na lareira da sala. A cabeça horrivelmente desfigurada que o olhava com uma expressão feroz tornou-se mais nítida.

- Meu Deus, me ajude! - gritara George e vira então o seu próprio rosto aberto ao meio emergir do capuz. - Estou me descolando! - ele gritara então.

Ainda atordoado, começou a discutir com as crianças.

- Eu sei muito bem o que eu disse - ele resmungou. - Vocês não vão querer saber mais do que eu!

As crianças recuaram. Ele ainda está dormindo, pensou Kathy. Deve ter tido um pesadelo.

- Você tem razão, George. Você não disse nada disso - acalmou-o Kathy encostando a cabeça do marido no seio.

- Papai! - interrompeu Missy. - Vamos até o meu quarto. Jodie disse que quer falar com você.

A ansiedade que transparecia na voz da menina despertou finalmente George. Ele deu um pulo quase derrubando Kathy.

- Jodie? Quem é Jodie?

- É o amigo dela - explicou Kathy. - Eu já lhe contei. Ela inventa amigos imaginários. Ninguém pode ver Jodie.

- Pode sim, mamãe - protestou Missy. - Eu vejo ele muito bem. Ele é o maior porco do mundo - acrescentou a menina dirigindo-se animada para a porta.

George e Kathy entreolharam-se.

- Um porco? - ele perguntou e os dois tiveram a mesma idéia juntos. - O porco está no quarto dela! - correndo atrás de Missy, George berrou para Kathy e os meninos: Vocês

fiquem aí!

Missy estava subindo na sua cama quando George chegou à porta do quarto. Não viu Jodie nem nada parecido com um porco.

- Onde está o Jodie?

- Ele já volta já - respondeu a menininha puxando o cobertor até o pescoço. - Ele teve de ir lá fora um instante.

George respirou fundo. Após o lúgubre sonho com a figura encapuzada esperara o pior ao ouvir a palavra "porco". Seu pescoço doía e ele sacudiu a cabeça tentando amenizar o desconforto.

- Está tudo bem - gritou para Kathy. - Não há nenhum Jodie aqui.

- Lá está ele, papai!

George olhou para Missy. A menina apontava para uma das janelas. Ele acompanhou a direção do seu indicador. Encarando-o, do lado de fora da vidraça, estavam dois olhos incandescentes, sem rosto! Apenas dois olhos, pequenos e maus, os olhos de um porco!

- Aquele é o Jodie! - exclamou Missy. - Ele quer entrar!

Um vulto passou correndo à esquerda de George. Era Kathy. Com um grito histérico, ela pegou uma cadeirinha de Missy e atirou-a na direção dos olhos. O choque partiu a vidraça em mil pedaços e os cacos de vidro voaram pelo quarto.

Ouviu-se um berro de dor animal, guinchos agudos - e os olhos desapareceram!

George correu para o que restava da janela do segundo andar e olhou para baixo. Não viu nada, mas os guinchos continuavam e pareciam dirigir-se para o abrigo de barcos. Nisso, os soluços de Kathy atraíram a atenção de George. Ele virouse para a mulher.

A expressão de Kathy dava medo. Ela tinha um olhar alucinado e a boca contorcida. Engasgada, tentava dizer qualquer coisa. Afinal exclamou:

- Ele estava aqui o tempo todo! Eu só queria matá-lo! e com essas palavras, desabou como um saco vazio.

George pegou a esposa e carregou-a para o quarto do casal. Os meninos seguiram-no. Apenas Danny viu a irmãzinha descer da cama, andar até a janela quebrada e acenar. Só quando George chamou-a foi que Missy saiu da janela.

De manhã, enquanto George e Kathy ainda cochilavam em suas poltronas e as crianças dormiam na cama do casal. o Padre Mancuso agasalhou-se e, pagando o carro, seguiu para Rockville Centre.

O ar frio e cortante o fez estremecer. O padre passara muito pouco tempo ao ar livre

desde o começo do inverno e, depois de dirigir durante algum tempo, começou a sentir-se um pouco tonto. Ficou agradecido quando o secretário do bispo ofereceulhe uma xícara de chá. O jovem sacerdote já estivera muitas vezes com o Padre Mancuso e admirava seus conhecimentos jurídicos. Os dois conversaram até que o bispo tocou a campainha.

A entrevista foi curta, curta demais para o gosto do Padre Mancuso. O bispo, uma figura venerável de cabelos brancos, era um moralista de grande reputação. O administrador enviara-lhe um relatório sobre o caso Lutz, relatório que estava sobre a sua mesa. Para surpresa do Padre Mancuso, o bispo encarava o problema com relutância e cautela.

O bispo mostrou um firme desejo de que o padre se afastasse dos Lutzes e revelou já ter designado um outro clérigo para prosseguir as investigações. O Padre Mancuso não soube o que dizer.

- Talvez você devesse procurar um psiquiatra - sugeriu o prelado para o contrafeito padre.

- Concordarei se for um profissional da minha escolha.

O bispo percebeu a contrariedade do outro e suavizou seu tom de voz:

- Escute, Frank, estou agindo visando o seu bem. Você está obcecado pela idéia 'de que forças demoníacas estão envolvidas nesse caso, inclusive atingindo-o pessoalmente. Isso pode ou não ser verdade.

O bispo ergueu-se, deu a volta à mesa e, aproximando-se do Padre Mancuso, colocou a mão em seu ombro.

- Deixe que outro assuma esse fardo. Sua saúde está sendo afetada. Você tem muito o que fazer aqui, não desejo perder a sua colaboração. Está me compreendendo, padre?

Na segunda-feira, Kathy acordou com a firme determinação de levar os meninos à escola. Embora à beira de um colapso, ela reuniu suas forças para cumprir suas obrigações de mãe. Enquanto George dormia, ela acordou os meninos, preparou-lhes a refeição e levou-os à escola na caminhonete.

George já acordara quando Kathy voltou com Missy. Os dois tomavam uma xícara de café quando ela percebeu que o marido continuava ausente, ainda no estado de torpor em que o vira na noite anterior. Porém Kathy estava disposta a ser forte pelos dois. Falou a George sobre assuntos corriqueiros e lembrou a necessidade de consertarem a janela do quarto de Missy. Mais tarde haveria tempo para decidirem se deixariam a casa da Avenida Oceânica.

George acabara de pregar um pedaço de compensado sobre a janela quebrada do segundo andar, quando Kathy o chamou da cozinha para atender o telefone. O contador da firma em Syosset queria lembrá-lo que o fiscal do imposto de renda deveria chegar ao meio-dia. Não querendo sair de casa, George pediu ao contador que resolvesse sozinho o problema, mas este não concordou. Os impostos eram responsabilidade de

George. Ainda hesitou, certo de que aconteceria alguma coisa se saísse de casa, mas Kathy fez-lhe um sinal exortando-o a ir.

Quando o marido desligou, Kathy disse que a entrevista não deveria ser demorada e que ela e Missy estariam bem. Além disso, ela pretendia chamar um vidraceiro para trocar os vidros quebrados da casa inteira. George assentiu docilmente e saiu para ir a Syosset. Nenhum dos dois mencionara o nome de Jodie.

Quando Kathy estava dando o almoço de Missy, George Kekoris telefonou, desculpando-se por não ter podido cumprir sua promessa pois apanhara uma gripe em Búfalo e fora forçado a cancelar seus compromissos. Estava certo, porém, que no dia seguinte estaria recuperado e pretendia passar a noite de Quarta-feira na casa dos Lutzes.

Kathy mal ouviu suas explicações. Estava observando Missy comer. A menininha parecia entretida numa conversa secreta com alguém que estava debaixo da mesa. De vez em quando ela esticava o braço sob a toalha plástica para oferecer um pedaço de seu sanduíche de manteiga de amendoim e geléia. Parecia não ter ciência de que a mãe a observava.

Do seu lugar, Kathy via que não havia nada sob a mesa, mas queria falar com a filha sobre Jodie. Afinal Kekoris despediu-se e desligou.

- Missy - disse Kathy sentando-se à mesa - Jodie é o anjo do qual me falou?

A menininha olhou perplexa para a mãe.

- Não se lembra? - tornou Kathy. - Você me perguntou se os anjos falavam.

Os olhos de Missy brilharam e ela assentiu:

- É sim, mamãe. Jodie é um anjo. Ele fala comigo o tempo todo.

- Não estou entendendo. Você já viu desenhos de anjo, não viu? Você já reparou nos anjos da nossa árvore de Natal?

Missy assentiu novamente.

- Mas você disse que ele é um porco. Então como é que ele pode ser um anjo também?

Missy franziu as sobrancelhas e concentrou-se.

- Foi ele quem disse isso, mamãe - ela afirmou balançando a cabeça várias vezes. - Foi ele quem disse.

Kathy puxou uma cadeira para junto de Missy.

- O que é que ele diz quando conversa com você?

A menina olhou-a com uma expressão perplexa.

- Você está me entendendo, querida - insistiu Kathy. - Vocês brincam juntos?

- Não, mamãe - respondeu Missy sacudindo a cabeça numa negativa. - Ele me conta histórias do menino que vivia antes no meu quarto. - Ele morreu, sabe, mamãe - ela murmurou depois de olhar em volta para ver se alguém as escutava - o menininho ficou doente e morreu.

- Entendo - disse Kathy. - O que mais Jodie lhe contou?

A menina pensou um pouquinho.

- Ontem de noite ele disse que eu ia morar aqui para sempre para poder brincar com o menininho.

Horrorizada, Kathy levou a mão à boca para conter um grito.

Correra mala entrevista de George com o fiscal da Fazenda, que vetou quase todas as deduções, mas disse a George que ele sempre podia recorrer. Nisso residia sua última esperança e pelo menos o problema seria temporariamente adiado. Depois que o homem se foi, George telefonou a Kathy avisando que pegaria os meninos na escola no caminho para casa.

Ao chegar, depois das três, George encontrou Missy e Kathy já vestidas com seus casacos de inverno.

- Não tire o sobretudo, George - disse a mulher nós vamos agora para a casa de mamãe.

George e os dois meninos olharam para ela.

- O que foi que aconteceu? - perguntou George.

- Jodie disse a Missy que é um anjo; foi só isso que aconteceu - retrucou ela empurrando os meninos na direção da porta. - Não vamos ficar mais aqui.

George ergueu as mãos.

- Espere aí um instante. O que é que você quer dizer com essa história de anjo?

Kathy olhou para a filha.

- Missy, conte a seu pai o que o porco lhe disse.

A menina assentiu.

- Ele disse que é um anjo, papai. Foi isso que ele me disse.

George ia fazer mais perguntas à sua filha quando foi interrompido por fortes latidos

atrás da casa.

- É Harry! - ele exclamou. - Esquecemos o Harry!

Toda a família correu para os fundos. Encontraram Harry latindo furiosamente para o abrigo de barcos enquanto corria de um lado para o outro até onde a corrente lhe permitia.

- O que é que há, rapaz? - perguntou George afagando o pescoço do cão. - Há alguém no abrigo de barcos?

Libertando-se das mãos do dono, Harry recomeçou seus protestos.

- Não entre lá! - gritou Kathy. Por favor, vamos embora daqui!

George hesitou mas por fim curvou-se e soltou o cão. O animal deu um salto e rosnando selvagemente correu para fora do canil. A porta do abrigo de barcos estava fechada, mas ele pulou sobre ela, latindo como um alucinado.

George estava resolvido a abrir a porta, mas Danny e Chris se adiantaram e, num esforço conjunto, puxaram Harry para trás.

- Não deixe ele entrar lá! - implorou Danny aos gritos. - Ele vai morrer!

George agarrou a coleira de Harry e forçou-o a sentar-se.

- Está tudo bem, está tudo bem, rapaz - disse Chris. tentando tranqüilizar o vigoroso e agitado animal que se recusava a ficar quieto.

- Vamos levá-lo para dentro de casa - sugeriu George. - Quando ele não enxergar mais o abrigo de barcos, vai se acalmar.

Enquanto os meninos levavam o cão para dentro, uma caminhonete entrou na propriedade. Era o vidraceiro. George e Kathy entreolharam-se.

- Oh, Deus - exclamou Kathy - esqueci que o tinha chamado!

Eles não contavam com mais aquela demora. O homem de rosto largo disse com um forte sotaque que denunciava sua ascendência eslava:

- Achei melhor eu vir depressa com esse tempo ruim. É melhor consertar as janelas antes que chova outra vez, senão o prejuízo pode ser ainda maior.

- É, o senhor tem razão - disse George. - Venha comigo que lhe mostro o que está quebrado.

Foi a ventania do outro dia, não é? - o homem perguntou.

- É, foi o vento - concordou George.

Quando o vidraceiro terminou o serviço já eram quase seis horas da tarde. Retirando o excesso de massa de um dos vidros, recuou para admirar o seu trabalho.

- É pena, mas não pude consertar as vidraças do quarto da menina - disse juntando as ferramentas. - O senhor vai ter de chamar primeiro um carpinteiro. Depois eu volto e faço a minha parte, está bem?

- Está certo, amigo - anuiu George. - Nós avisaremos. Quanto eu lhe devo? - acrescentou enfiando a mão no bolso.

- Nada disso - protestou o homem. - Não precisa pagar agora. O senhor é meu vizinho. Depois eu mando a conta, certo?

- Certo! - retrucou George aliviado, pois tinha muito pouco dinheiro no momento.

De alguma forma a bondade e a cordialidade do vidraceiro deixou sua marca em seus conturbados espíritos naquela noite. Depois que ele saiu, Kathy, que estivera sentada na cozinha de casaco durante todo o tempo que durara o conserto, subitamente levantou-se e tirou o casaco. Sem dizer uma palavra, começou a preparar o jantar.

- Eu não estou com muita fome - disse George. Um sanduíche de queijo quente resolve muito bem o meu caso.

Kathy tirou carne moída do congelador para preparar hambúrgueres para si e as crianças. Enquanto fazia o jantar, mandou Danny e Chris sentarem-se à mesa da cozinha para fazerem os deveres. Missy ficou na sala de estar com George vendo televisão enquanto ele acendia a lareira.

O vidraceiro fora o elemento tranqüilizador de que necessitavam. Afinal, nada acontecera ao homem no quarto de brinquedos ou no quarto de costura. Os Lutzes concluíram que talvez tivessem deixado uma imaginação demasiadamente excitada conduzi-]os ao pânico desnecessariamente. Por algum tempo os planos de abandonar a casa foram arquivados.

O Padre Mancuso era um indivíduo que detestava criaturas abusadas de qualquer espécie, fossem elas humanas, animais ou de origem desconhecida. E ele achava que a força que se apoderara da casa 112 da Avenida Oceânica estava se aproveitando tanto dos seus temores como do medo dos Lutzes. Antes de se deitar na noite da terça-feira, orou para que a força maligna fosse acessível ao diálogo, que pudesse ver que suas ações eram insanas. Quem obteria prazer da dor alheia?, perguntou-se. Mas o sacerdote sabia bem que só havia uma resposta: - uma força demoníaca.

Só por uma questão de precaução, George e Kathy decidiram que as crianças deveriam dormir outra vez no quarto do casal. Harry passaria a noite no porão. Danny, Chris e Missy deitaram-se na cama, e George e Kathy acomodaram-se da melhor forma possível: Kathy em duas poltronas juntas, enquanto George contentava-se com uma só, dizendo que pretendia passar a noite acordado e dormir só de manhã.

Às 3:15 da madrugada, George ouviu a banda começar a tocar novamente no térreo. Desta vez, não desceu para investigar. Disse a si mesmo que o problema estava todo em sua cabeça e quando chegasse embaixo não encontraria nada. Assim, ficou sentado vigiando Kathy e as crianças ao tropel dos passos marchando para lá e para cá na sala de estar, os tambores rufando tão alto que os deviam ouvir a um quilômetro de distância. Mas com toda essa zoada infernal, Kathy e as crianças não acordaram.

Por fim George deve ter cochilado em sua poltrona, pois Kathy acordou com seus gritos. O marido berrava em duas línguas diferentes - línguas que ela nunca ouvira antes!

Ela correu para George, que estava sentado no outro lado da cama e sacudiu-o para tirá-lo do pesadelo.

George começou a gemer e então gritou numa voz completamente diferente:

- Ele está no quarto de Chris! Ele está no quarto de Chris!

VINTE E QUATRO

13 DE JANEIRO - George afirma que não estava sonhando. Ele está convicto de que da sua poltrona podia enxergar através do teto e vira, no quarto dos meninos no terceiro andar, um vulto aproximar-se da cama de Chris.

Tentara correr para junto do filho adormecido para salvá-lo do vulto ameaçador, mas não conseguira se levantar da poltrona! Mãos firmes seguraram-no pelos ombros, imobilizando-o. Era uma luta que George sentia que não poderia ganhar.

A sombra debruçou-se sobre Chris. Impotente, George berrou:

- Ele está no quarto de Chris!

Ninguém ouviu.

- Ele está no quarto de Chris! - gritou outra vez.

Nisso, a pressão em seus ombros desfez-se e George sentiu que o empurravam. Seus braços estavam livres, mas a sombra apoderara-se do menino.

Agitando os braços, George gritou outra vez: - Ele está no quarto de Chris! Então, sentiu um empurrão violento. - George! Ele abriu os olhos. Kathy estava debruçada sobre ele. - George! Acorde! - ela gritou. Ele deu um pulo da poltrona.

Ele pegou Chris! Tenho de ir lá em cima! - berrou George.

Kathy segurou-o pelos braços.

- Não! Você está sonhando! Chris está aqui.

Ela apontou para a cama do casal. Sob as cobertas, as três crianças, despertas pelos gritos de George, olhavam espantadas para os pais.

- Eu não estava sonhando coisa nenhuma! - protestou George sem se acalmar. - Eu vi quando ele pegou Chris e ...

- Não é possível - interrompeu Kathy - Chris estava aqui na cama o tempo todo.

- Não, mamãe. Eu fui ao banheiro lá em cima - replicou o menino sentando-se na cama.
- Você e o papai estavam dormindo.

- Eu não ouvi nada. Por que não usou o meu banheiro? - perguntou Kathy.

- Aporta estava trancada e por isso eu fui lá em cima.

George dirigiu-se ao banheiro do casal para verificar. A porta estava mesmo trancada.

- Lá em cima? - insistiu Kathy.

- É, mas eu fiquei com medo - respondeu o menino.

- Por quê? - perguntou o pai.

- Porque olhando para o chão eu podia ver você, papai.

Os Lutzes passaram o resto da noite acordados. Apenas Missy tornou a adormecer. De manhã, George telefonou para o Padre Mancuso.

Minutos antes o padre chegara a uma decisão. A preocupação com os filhos dos Lutzes sobrepujara o medo. Cansado de sua própria covardia, resolvera recorrer ao bispo e pedir permissão para continuar a comunicar-se com George.

Depois de tomar um banho de chuveiro (o primeiro após vários dias), o padre preparou-se para fazer a barba. Ao ligar o barbeador elétrico, seu queixo caiu de espanto. Sob os olhos tinham reaparecido as olheiras fundas e negras que vira pela primeira vez na casa de sua mãe. O telefone tocou.

Antes mesmo de atender, o padre adivinhou quem era.

- Olá, George - disse ele pegando o fone.

Preocupado demais para notar que o padre adivinhara que era ele, George disse-lhe que havia decidido seguir o conselho dos administradores da diocese e deixar a Avenida Oceânica. A família pretendia ficar na casa da mãe de Kathy até que o número 112 fosse investigado. Os incidentes misteriosos estavam se repetindo e começando a atingir as crianças e ele, George, achava que se demorassem mais, Danny, Chris e Missy correriam um grave perigo.

O sacerdote não perguntou que incidentes eram esses, nem mencionou o reaparecimento de suas olheiras, concordando prontamente que o bem-estar das crianças deveria vir em primeiro lugar e que George tomara a decisão acertada.

- Deixe que fiquem com a casa, quem quer que sejam eles - retrucou o padre. - Saia daí.

Danny e Chris não foram à escola de Amityville naquela manhã. Kathy manteve-os em casa porque queria fazer logo as malas. George dissera que iriam embora logo que ele avisasse à polícia de que planejavam passar uns tempos fora, deixando o telefone da sogra para alguma emergência. Porém quando ele pegou o aparelho para discar o número da polícia, viu que o telefone estava mudo.

Ao saber do enguiço, Kathy ficou nervosíssima. Acabou de vestir rapidamente as crianças e, sem pegar nem mais uma peça de roupa, empurrou-as para a caminhonete.

George foi buscar Harry no porão e o fez entrar na traseira do veículo. Em seguida deu volta à casa para certificar-se de que todas as portas estavam trancadas, inclusive a do abrigo dos barcos. Por fim entrou no carro e virou a chave. O motor não pegou.

- George, o que aconteceu? - perguntou Kathy com voz trêmula.

- Tenha calma. O tanque está cheio. Vou dar uma olhada no motor.

Ao sair do carro ele olhou para o céu encoberto por nuvens que abriu o capô. as primeiras gotas de chuva bateram no parabrisa, escuras e ameaçadoras. Um vento frio começara a soprar. Assim brisa.

George não chegou a descobrir o que causara o enguiço. Uma forte rajada de vento vinda da direção do rio fez cair o capô. George acabara da dar um pulo para não ser atingido pela chapa de metal, quando um relâmpago caiu atrás da garagem. Um trovão reboou quase no mesmo segundo e a chuva desabou quase numa massa sólida, ensopando George instantaneamente.

Ele correu para a porta da entrada, abriu-a e gritou para a caminhonete:

- Venham!

Kathy e as crianças correram para a porta aberta mas quando afinal se viram dentro de casa, estavam todos encharcados. Nós estamos encurralados, pensou George, sem se atrever a expressar-se em palavras, eles não vão nos deixar partir.

A chuva e o vento aumentaram de intensidade, e por volta da uma da tarde, Amityville foi atingida por uma borrasca com força de furacão. Às três faltou luz, mas felizmente o sistema de aquecimento era a óleo. George ligou o rádio de pilha da cozinha. O serviço de meteorologia avisou que a temperatura era de menos 7 graus e que a neve caía misturada à chuva em toda Long Island. Como o radar acusava uma zona de baixa pressão sobre toda a área metropolitana, não era possível prever quando terminaria o temporal.

George vedou a janela quebrada de Missy da melhor forma possível, tapando com toalhas as fendas entre a esquadria solta e o caixão, e depois pregou um cobertor cobrindo toda a janela. Antes que terminasse, as roupas que mudara há pouco estavam novamente encharcadas.

Na cozinha, George olhou o termômetro pendurado ao lado da porta dos fundos; o aparelho marcava 27° e o calor continuava aumentando. Sem luz, o termostato da caldeira não estava funcionando. Quando George tornou a olhar outra vez, o termômetro já acusava 29,5°.

Para esfriar a casa era preciso ar fresco. George abriu alguns centímetros as janelas da varanda envidraçada, o único aposento que não era atingido pela fúria da tempestade.

Escurecera desde que a tormenta desabara. Embora ainda fosse dia, Kathy acendera

velas. Às quatro e meia parecia que a noite já tinha caído na Avenida Oceânica.

De quando em quando Kathy erguia o fone para ver se o aparelho estava funcionando, mas na realidade suas esperanças eram poucas - a tempestade impediria que turmas de emergência saíssem para consertar as linhas. As crianças não tinham medo da escuridão. Encaravam tudo aquilo como uma festa, correndo para cima e para baixo nas escadas, brincando de esconde-esconde. Como os meninos sabiam se esconder bem melhor, geralmente era Missy quem procurava. Harry participava alegremente da ruidosa brincadeira, terminando por irritar tanto George que este bateu no animal com um jornal. O cão correu e escondeu-se atrás de Kathy.

As seis horas a tempestade ainda não amainara. Era como se toda a água do mundo estivesse sendo despejada sobre o número 112 da Avenida Oceânica. Dentro da casa a temperatura subira aos 32,5°. George desceu ao porão para dar uma olhada na caldeira a óleo. Encontrou-a desligada, mas apesar disso o calor continuava a aumentar em todos os aposentos, exceto no quarto de Missy.

Desesperado, George resolveu fazer um último apelo a Deus. Segurando uma vela, começou a correr todos os quartos, pedindo ao Senhor que expulsasse dali os intrusos. Ficou um pouco mais tranqüilo porque suas preces não estavam provocando nenhuma reação sinistra.

Quando a porta do quarto de brinquedos fora danificada durante a primeira tempestade, George removera a fechadura. Agora, ao aproximar-se do quarto para repetir seu apelo a Deus, ele viu que o lodo gelatinoso reaparecera, e escorria do buraco da fechadura indo formar uma poça no chão do hall. Ele ficou olhando a substância deslizar lentamente no assoalho na direção da escada.

Arrancando as tábuas de pinho que pregara para vedar a entrada, escancarou a porta, quase acreditando que iria encontrar o quarto cheio do material gelatinoso, porém sua única fonte, aparentemente, era o vazio da ferragem na porta.

Apanhou umas toalhas no banheiro do terceiro andar e tapou o orifício. O tecido ficou logo encharcado, mas a geléia parou de correr. Em seguida limpou o chão. Não tinha nenhuma intenção de contar à esposa sua última descoberta.

Enquanto isso, sentada junto ao telefone, Kathy começara a cochilar, devido ao calor opressivo. Tentara abrir um pouquinho a porta da cozinha para permitir a entrada do ar frio, mas até mesmo por uma pequena fresta a água da chuva entrara aos borbolhões. Quando George finalmente voltou à cozinha, ela estava quase adormecida, a cabeça pousada nos braços sobre a mesa. A nuca úmida. Kathy suava. Quando ele tentou acorda-la, ela ergueu um pouco a cabeça, murmurou algo que ele não conseguiu entender e pousou novamente a testa nos braços.

Não era preciso ir à janela para verificar que a borrasca continuava. Torrentes de água continuavam a se abater sobre a casa e George sentia intuitivamente que não lhe permitiriam deixar a Avenida Oceânica aquela noite. Ergueu Kathy e carregou-a para o quarto do casal. Eram oito horas no relógio da cozinha.

Por fim o calor de 32,5° começou a afetar as crianças. As correrias pela casa tinham-nas exaurido, deixando-as sonolentas. Surpreso, George descobriu que o quarto dos meninos no terceiro andar estava mais fresco. Sabendo que o ar quente se eleva, ele esperava encontrar o último andar bem acima de 33°.

Missy deitou-se na cama de casal ao lado de Kathy, mas não quis que a cobrissem. Em poucos minutos as três crianças adormeceram, e George desceu para o térreo.

George e Harry estavam agora sozinhos na sala de estar. Desta vez, o cão não parecia sonolento, e observava atentamente os movimentos do dono. Também ele sofria com o calor excessivo. Todas as vezes que o dono deixara a sala, o animal não o seguira, preferindo permanecer deitado sob as janelas da sala por onde entrava uma aragem fresca.

George pensou em dar uma corrida até o carro para ver se o motor pegava. Certamente ia ficar encharcado, mas o que realmente o desencorajava era a suspeita de que se saísse, talvez não conseguisse mais entrar em casa. Algum instinto advertia-o de que não conseguiria abrir nenhuma das portas.

De repente, às dez horas, o calor começou a diminuir. Harry foi o primeiro a notar. O animal levantou-se, farejou o ar e, andando até a lareira apagada junto da qual George estava sentado, ganiu baixinho. Seus queixumes interromperam os pensamentos de George, que ergueu os olhos e estremeceu. A temperatura da casa sofrera uma sensível queda. Meia hora depois o termômetro já acusava 150C. George levantou-se para ir ao porão buscar lenha. Harry acompanhou-o até a escada, mas ali estacou, virando constantemente a cabeça para trás para ver se vinha alguém.

George usou a lanterna para examinar todos os cantos do porão, mas não encontrou nada fora do comum. Depois subiu e foi à cozinha ver se o telefone estava funcionando. Não estava. Preparava-se para acender a lareira quando julgou ter ouvido Missy chamar.

Ao chegar ao quarto encontrou a menininha tremendo de frio. Ele esquecera de cobri-la quando a temperatura começara a cair. De barriga para baixo, Kathy dormia sem fazer um único movimento, como se estivesse narcotizada. George também ajeitou as cobertas sobre o corpo frio da esposa.

Tornando a descer, resolveu não acender a lareira. Queria estar livre para ficar junto de Kathy e as crianças. Essa noite, pensou, devo estar preparado para tudo. Colocando uma longa guia de metal em Harry, levou-o para o quarto do casal. Deixando a porta aberta, prendeu o animal de forma que bloqueasse a entrada. Então tirou os sapatos e, sem se despir, sentou-se ao lado de Kathy e Missy, recostando-se na cabeceira da cama.

À uma hora da madrugada, George começou a ficar gelado. Pela força da tempestade, sabia que não havia esperança de aquecimento aquela noite. Naquela situação aflitiva, começou a se desesperar. Percebia agora que devia ter deixado a casa quando o Padre Mancuso aconselhara.

- Oh, meu Deus, ajude-nos! - gemeu.

De repente, Kathy ergueu a cabeça. Enquanto o marido a observava, ela levantou-se e virou-se para o espelho da cabeceira. À luz da vela George viu que os olhos dela estavam abertos mas sem expressão, como os de uma sonâmbula.

Kathy fitou sua imagem alguns segundos e depois virou-se e andou na direção da porta. Mas um obstáculo a deteve. Era Harry, atravessado na porta do quarto.

George pulou da cama e agarrou a mulher. Kathy encarou-o como se não o estivesse vendo. Parecia em transe.

- Kathy! - exclamou George. - Acorde!

Sacudiu-a em vão. Ela fechou os olhos e amoleceu subitamente o corpo, Ele amparou-a e praticamente carregou-a até a cama. Fazendo-a sentar-se, deitou-a na cama como se fosse uma boneca de pano.

No meio da cama, Missy continuava dormindo. Nisso, a atenção de George foi atraída por um movimento na porta do quarto. Harry ergueu-se com dificuldade, estremeceu e entrou em ânsias. Vomitou violentamente, sujando todo o assoalho, mas continuava engasgado como se tivesse um corpo estranho na garganta. Preso em suas convulsões o pobre animal cada vez enrolava-se mais na corrente.

O cheiro de vômito deixou George nauseado. Correndo para o banheiro, tomou um gole de água e respirou fundo antes de pegar algumas toalhas. Depois de ter limpado o chão, soltou o animal. Harry ergueu os olhos para o dono, abanou a cauda e esticando-se no chão do vestíbulo, preparou-se para dormir.

- Pelo jeito está tudo bem com você agora - murmurou George, e aguçou os ouvidos. A casa estava silenciosa, silenciosa demais. Num instante ele percebeu que a tempestade cessara; não se ouvia a chuva nem o vento. A quietude era tão completa que parecia que alguém fechara uma torneira. O silêncio era total na casa 112 da Avenida Oceânica.

Com o fim da tempestade, a temperatura começou a cair e em muito pouco tempo a casa ficou gelada. George sentiu que o quarto ainda esfriara mais. Completamente vestido, meteu-se embaixo das cobertas.

Foi quando ouviu um barulho sobre a sua cabeça. Olhou para cima e aguçou os ouvidos: alguma coisa arrastava-se no assoalho do quarto dos meninos. O barulho aumentou e George percebeu que o movimento intensificara-se. Eram as camas dos meninos que deslizavam de um lado para o outro!

George conseguiu afastar as cobertas, mas não pôde erguer o corpo da cama. Nenhuma pressão impedia-o: simplesmente não tinha forças!

Então ouviu as gavetas da cômoda do outro lado do quarto começarem a abrir e a fechar. A vela em sua cabeceira ainda estava acesa e ele podia vislumbrar as gavetas movendo-se com rapidez. Uma gaveta escancarava-se, depois uma outra e a primeira então fechava-se com estrondo! Lágrimas de frustração encheram os olhos de George.

Quase imediatamente depois, as vozes começaram. Podia ouvi-las lá embaixo, mas não compreendia o que diziam. Sabia apenas que uma multidão parecia se comprimir no andar térreo. A cabeça de George começou a girar e ele tentou esticar o braço para tocar Kathy ou Missy.

Embaixo, a banda marcial atacou um dobrado, abafando as vozes ininteligíveis. George achou que estava num hospício. Ouvia perfeitamente os músicos marchando por todo o andar térreo. Foi quando os passos começaram a subir a escada!

George começou a gritar, mas nenhum som saiu de sua garganta. Seu corpo rolava de um lado para o outro num esforço inútil e tremendo para erguer a cabeça. Por fim, desistiu. O colchão ficara ensopado de suor.

Em cima, as camas continuavam dançando, as gavetas da cômoda abriam e fechavam e a banda continuava subindo as escadas. Mas não era tudo. Apesar do pandemônio, George percebeu que as portas da casa estavam abrindo e fechando com estrondo!

A porta do quarto do casal oscilava como doida, abrindo e fechando sem parar. No meio disso tudo, George podia ver o cão dormindo calmamente no- vestíbulo, com toda a algazarra. Ou ele foi narcotizado, pensou George, ou eu estou ficando maluco!

Um relâmpago terrível cegou-o por um instante, iluminando o quarto. George ouviu quando a faísca atingiu qualquer coisa perto da casa e um trovão atordoante sacudiu a construção. A tempestade recomeçara. Torrentes de chuva e vento abateram-se sobre a casa da Avenida Oceânica.

George ofegava. O coração batia alucinadamente em seu peito. Ele esperava, sabendo que algo mais ia acontecer. Nisso, soltou um grito mudo de horror. Havia mais alguém na cama!

Alguém pisava sobre ele! Pés fortes e pesados golpeavam suas pernas e o seu corpo. Meu Deus, ele pensou, são cascos! É um animal!

George deve ter desmaiado de terror porque a próxima coisa de que se lembra é a visão de Danny e Chris em pé junto à sua cama.

- Papai, papai! Acorde! - os dois gritavam. - Tem uma coisa lá no nosso quarto!

George piscou. Num relance percebeu que já clareara lá fora. A tempestade cessara e os seus dois filhos imploravam para que ele levantasse.

Missy! Kathy! George virou-se para elas. As duas continuavam lá, profundamente adormecidas. Virou-se para os meninos, que tentavam puxá-lo da cama.

- O que é que há? O que tem no quarto de vocês?

- É um monstro! - gritou Danny. - Ele não tem rosto!

- Ele tentou nos agarrar, mas nós corremos - ajuntou Chris. - Ajude, papai, levante!

George tentou. Quase conseguira erguer a cabeça do travesseiro quando ouviu Harry começar a latir furiosamente. George olhou para a porta aberta. O cão estava em pé, rosnando e latindo para a escada. Apesar de solto, o animal não investia, os músculos retesados, os dentes de fora, rosnando para algo ou alguém que George não via da sua posição.

Com um tremendo esforço de vontade, George finalmente levantou-se com tal ímpeto que se chocou com os meninos. Correndo para a porta, olhou para a escada.

Em cima, no patamar, estava um vulto gigantesco de branco. George viu que era a figura encapuzada que Kathy vislumbrara na lareira. O ser espectral apontava para ele!

George girou nos calcanhares, entrou correndo no quarto e pegando Missy, colocou-a nos braços de Danny.

- Leve-a lá para fora! - gritou. - Vá com eles, Chris! - acrescentou, curvando-se sobre a cama e pegando Kathy. Depressa! - berrou para os meninos, e correu em seu encalço com Harry nos calcanhares.

No térreo, George viu que a porta estava escancarada, pendendo novamente de uma das dobradiças, arrombada por uma força poderosa.

Danny, Chris e Missy estavam já fora de casa. A menininha, recém-despertada, debatia-se nos braços do irmão. Sem saber onde estava, começou a chorar de medo.

George correu para a caminhonete. Colocando Kathy no banco da frente, ajudou as crianças a acomodarem-se no banco de trás. Harry entrou por último e George fechou a porta do lado de Kathy. Dando a volta correndo, George jogou-se no banco do motorista e começou a rezar.

Só então girou a chave.

O motor pegou imediatamente.

Levantando o cascalho molhado, George saiu de marcha à ré. Ao chegar à rua, o carro derrapou e George virou a direção, pisando no acelerador ao mesmo tempo. A caminhonete quase virou, mas por fim seus quatro pneus agarraram-se ao asfalto e com um ronco, o veículo disparou pela Avenida Oceânica, a caminhe da segurança.

Com o pé no acelerador, George olhou pelo espelho retrovisor. Sua casa distanciava-se depressa.

- Graças a Deus! - murmurou. - Nunca mais quero tornar a vê-la, sua filha da puta!

Eram sete horas da manhã de 14 de janeiro de 1976. Fazia vinte e oito dias que os Lutzes haviam chegado ao número 112 da Avenida Oceânica.

VINTE E CINCO

15 DE JANEIRO - Naquela manhã, no mesmo instante em que os Lutzes fugiram de sua casa, o Padre Mancuso decidiu sair da cidade.

Esperou até as onze horas para telefonar porque só então seriam oito da manhã em São Francisco, e não queria acordar o primo cedo demais. Pretendia pegar um avião dali a um dia ou dois, provavelmente na sexta-feira, 16 de janeiro, e passar umas férias no oeste.

Desligou com grande alívio. Aquele era o primeiro passo positivo que dava em semanas. Achava que uma semana ao sol da Califórnia melhoraria seu estado de saúde e possivelmente acabaria com a sua gripe renitente. Que as forças diabólicas da Avenida Oceânica fizessem bom proveito da casa e do cruel inverno de Nova York!

Telefonando para a diocese em Rockville Centre, o padre comunicou sua decisão e pediu para que adiassem suas sessões na Corte para depois de 30 de janeiro. Quanto aos seus clientes de psicoterapia, ele próprio marcaria novas consultas.

Com o passar da manhã, o sacerdote começou a melhorar progressivamente. Tinha muita coisa a fazer antes da viagem e suas preocupações com os Lutzes foram relegadas a um segundo plano. Às quatro horas da tarde, porém, George Lutz telefonou da casa de sua sogra em East Babylon. Queria que o padre soubesse que ele, Kathy e as crianças pretendiam ficar lá até que fossem realizadas investigações científicas na casa de Amityville.

- Que boa notícia, George. Mas tenha cuidado; não permita a entrada de qualquer um; não transforme o caso num carnaval.

- Pode ficar sossegado, padre. Não queremos ninguém remexendo em nossas coisas; só entra quem eu permitir.

- ótimo; confie nos parapsicólogos. A diocese acha que têm as melhores qualificações para examinar um caso como esse.

- Mas há uma coisa - interrompeu George - vamos supor que eles não encontrem nenhuma explicação. E então, o que faremos? Francamente, padre, depois da noite de ontem não acredito que encontrem.

O Padre Mancuso prendeu a respiração.

- O que você quis dizer com "depois da noite de ontem"? Não me diga que vocês passaram outra noite lá!

Houve um silêncio. Por fim, George respondeu:

- Não nos deixaram sair. Só hoje de manhã é que conseguimos fugir.

O Padre Mancuso sentiu uma coceira nas palmas das mãos. Olhou para a esquerda. Estava ficando congestionada. Oh, não, pensou. Por favor, meu Deus, outra vez, não! Sem mais palavra, desligou. Enfiando as mãos sob as axilas numa tentativa de protegê-las, começou a balançar o corpo para a frente e para trás.

- Por favor, por favor - gemeu - deixe-me em paz. Prometo que não torno a falar com ele.

George não conseguiu entender por que o Padre Mancuso cortara a ligação. Ele deveria estar satisfeito sabendo que os Lutzes tinham saído da casa. Perplexo, George ficou segurando o fone.

- O que foi que eu disse? - murmurou.

Um puxão em sua manga interrompeu seus pensamentos. Era Missy.

- Olhe aqui, papai, eu fiz um desenho do Jodie como você me pediu.

- O quê? - perguntou George. Sua filha mostrou-lhe um papel com um desenho. - Ah, sim, o retrato de Jodie. Deixe-me ver.

George pegou o papel. O desenho era a representação tosca e infantil de um porco, sem dúvida alguma a concepção de uma menina de cinco anos de um animal correndo.

Ele ergueu as sobrancelhas e perguntou:

- O que são essas coisas em volta de Jodie? Parecem nuvens.

É a neve, papai; isso aí foi quando o Jodie fugiu correndo na neve.

O Padre Mancuso decidiu pegar e vôo das nove da noite para São Francisco. Quando n pânico provocado pelo telefonema de George abrandou-se, o sacerdote pegou o telefone e ligou para a mulher do seu primo, dizendo que mudara de idéia e seguida naquela mesma noite. Ela concordou em esperá-lo no aeroporto internacional de São Francisco.

O padre arrumou a mala e deu três telefonemas: para a mãe, a sede da diocese e a companhia de táxis. Às oito, deixava a casa paroquial a caminho do aeroporto Kennedy. Ao dirigir-se ao balcão da TWA, examinou novamente as mãos. As manchas tinham desaparecido, mas não o seu medo.

Jimmy e Carey foram passar a noite na casa da mãe de Carey mas, antes de saírem, houve uma pequena comemoração. Devido ao imenso sentimento de alívio que se apoderara dos Lutzes por estarem bem longe da casa da Avenida Oceânica, a reunião transformou-se praticamente numa festa.

George e Kathy agora queriam falar sobre suas experiências, e encontraram na família de Kathy uma audiência que dava crédito e simpatia. Os episódios fluíam ininterruptamente dos .seus lábios no esforço de explicar o que acontecera. Por fim, George declarou que pretendia livrar sua casa de quaisquer forças malignas que lá estivessem alojadas. Contou a sua sogra e a Jimmy que pretendia convidar grupos de pesquisas para investigar a casa, mas que essas investigações teriam de ser feitas em sua ausência. Em nenhuma circunstância ele ou Kathy tornariam a entrar na casa 112 da Avenida Oceânica.

Danny, Chris e Missy iriam dormir no quarto de Jimmy. O apavorante aparecimento do "monstro" na noite anterior e a excitação da fuga para a casa da avó deixaram os meninos abalados, e eles não queriam falar do demônio do capuz branco. Quando George exortou-os a contarem sua versão, os dois permaneceram mudos e uma expressão de medo estampou-se em seus rostinhos.

Já Missy parecia não ter sido absolutamente afetada por toda a experiência. Adaptou-se facilmente à nova aventura e estava muito à vontade e satisfeita com algumas bonecas que encontrara na casa da avó. Não se perturbou nem mesmo quando Kathy questionou-a sobre o desenho de Jodie. A menina disse apenas:

- Era assim que ele era, mamãe.

George e Kathy tomaram banho cedo. Ambos deixaram-se ficar muito tempo na banheira de água quente numa dupla limpeza: de seus corpos e de seu pavor. Por volta das dez já estavam deitados no quarto de hóspedes. Pela primeira vez em quase um mês, os Lutzes adormeceram nos braços um do outro.

Foi George quem acordou primeiro. Achava que estava sonhando pois tinha a sensação de flutuar no ar!

Percebeu então que flutuava pelo quarto, pousando depois suavemente na cama. Nisso, ainda nesse estado de torpor, ele viu Kathy elevar-se no ar. Ela subiu uns trinta centímetros e então lentamente começou a afastar-se dele.

George estendeu o braço para agarrar a esposa, mas a seus olhos o movimento parecia se efetuar em câmara lenta, como se o seu braço não tivesse ligação com o corpo. Tentou chamar a mulher, mas por alguma razão não conseguia lembrar o nome dela, e teve de olhar impotente enquanto ela subia em direção ao teto. Então sentiu que o levantavam e novamente teve a sensação de flutuar.

Alguém estava chamando o seu nome de muito longe. George conhecia aquela voz. Parecia familiar. Ele tornou a ouvir o seu nome.

- George?

Ele então lembrou. Era a voz de Kathy. Olhando para baixo, viu que ela estava de volta na cama e olhava para ele. Ele começou a deslizar na direção dela, descendo lentamente até que se viu outra vez deitado ao seu lado.

- George! - exclamou Kathy. - Você estava flutuando no ar!

Agarrando o braço dele, ela puxou-o para fora da cama.

- Venha! - ela gritou. - Temos de sair desse quarto!

Como um sonâmbulo, George acompanhou a esposa. No topo da escada, eles estacaram e recuaram horrorizados. Subindo os degraus na direção deles, coleante como uma serpente, vinha um fio de lodo verde-negro.

George sabia agora que não estivera sonhando. Era tudo real. Aquilo que pensavam ter deixado para trás para sempre na casa 112 da Avenida Oceânica estava-os seguindo - onde quer que se refugiassem.

EPÍLOGO

A 18 de fevereiro de 1976, Marvin Scott, do Canal 5 de Nova York, resolveu aprofundar as investigações sobre a tão falada casa amaldiçoada de Amityville, Long Island. A tarefa implicava passar uma noite na casa assombrada da Avenida Oceânica. Espíritas, videntes, um demonólogo e parapsicólogos foram convidados a participar.

Scott tinha inicialmente procurado os últimos moradores, a família Lutz, e pedido permissão para filmar as investigações na casa abandonada. George Lutz concordou em encontrar-se com Scott numa pequena pizzaria em Amityville. Recusou-se a voltar à casa 112 da Avenida Oceânica, mas prometeu que ele e sua mulher Kathy esperariam pelos investigadores no dia seguinte ali no restaurante italiano.

Para provocar a poderosa força que estaria alojada na casa, um crucifixo e velas bentas foram colocadas no centro da mesa da sala de jantar. Os pesquisadores realizaram a primeira de três sessões às dez e meia da noite. Presentes estavam a vidente

Lorraine Warren, seu marido Ed, demonólogo, as espíritas Mary Pascarella e a Sra. Alberta Riley, e George Kekoris do Instituto de Pesquisas Psíquicas de Durham, Carolina do Norte. Marvin Scott também juntou-se ao grupo, sentando-se à mesa.

Durante a sessão, Mary Pascarella sentiu-se mal e teve de deixar a sala. Numa voz rouca ela disse que "por trás de tudo parece haver uma sombra negra no formato de uma cabeça. Ela se move e, quando isso acontece, sinto-me pessoalmente ameaçada".

A Sra. Riley, em transe mediúnico, começou a ofegar.

- Ele está no quarto lá em cima. O que está aqui está fazendo com que o nosso coração se acelere. O meu coração está aos pulos.

Ed Warren quis terminar a sessão. A Sra. Rilley continuou a ofegar e de repente saiu do transe, voltando ao estado normal.

George Kekoris, o pesquisador psíquico, também sentiu-se extremamente mal e teve de deixar a mesa. O observador Mike Linder da WNEW-FM declarou que sentira um súbito entorpecimento e muito frio.

A vidente Lorraine Warren finalmente expressou sua própria conclusão:

- O que quer que esteja aqui, em minha opinião, é inegavelmente de natureza negativa. Não é ninguém que já tenha estado na terra sob forma humana. É um ser das entranhas da terra.

O operador de televisão Steve Petropolis, que já cobrira missões perigosas em zonas de

combate, sentiu palpitações e falta de ar ao vistoriar o quarto de costura no segundo andar, onde a força negativa estaria alojada. Lorraine Warren e Marvin Scott entraram no mesmo quarto e ambos disseram ao sair que tinham sentido muito frio lá dentro.

Lorraine e Ed Warren também sentiram-se mal na sala de estar. A Sra. Warren achou que forças negativas estavam instaladas nas estatuetas e outros objetos inanimados:

- O que quer que esteja aqui é capaz de deslocar-se à vontade. Não está preso aqui, mas creio que este é o seu local de repouso.

Ela achou também que havia forças demoníacas na lareira e na balaustrada do segundo andar, isso sem ter conhecimento prévio das experiências dos Lutzes.

Algumas pessoas dormiram nos quartos do segundo andar, e um fotógrafo tirou fotos com um filme infravermelho, na vã esperança de captar imagens espectrais. Jerry Solfvin, do Instituto de Pesquisas Psíquicas, percorreu a casa com uma lanterna à procura de indícios materiais.

As 3:30, os Warrens tentaram realizar outra sessão. Nada aconteceu de anormal, nem sons, nem fenômenos estranhos. Todos os espíritas acharam que o aposento fora neutralizado. A atmosfera disseram, simplesmente não estava propícia no momento. Mas eles foram unânimes em afirmar que a casa da Avenida Oceânica estava abrigando um espírito diabólico que poderia ser afastado somente por um exorcista.

Quando Marvin Scott voltou à pequena pizzaria, os Lutzes já tinham ido embora. Em março, eles mudaram-se para a Califórnia, no outro lado do país. Abandonaram todos os seus bens materiais, todo o dinheiro que haviam investido na casa de seus sonhos. Apenas para se livrarem do imóvel, passaram a propriedade para o banco ao qual a tinham hipotecado. Até que seja novamente vendida, as janelas foram fechadas com tábuas para desencorajar os vândalos e evitar a entrada de pessoas mórbidas e curiosas.

Na Sexta-feira Santa de 1976, o Padre Mancuso teve alta de uma pneumonia e em abril foi transferido pelo bispo de sua diocese para uma outra paróquia, bem longe da Avenida Oceânica. Ele ainda ostenta as cicatrizes do medo e das humilhações infligidas por o que quer que tenha lá encontrado.

Hoje em dia Missy fica transtornada quando lhe perguntam sobre Jodie. Danny e Chris ainda podem fazer uma descrição viva do "monstro" que os perseguiu naquela última noite, e Kathy nega-se de todo a falar sobre aquele período de sua vida. George vendeu suas ações da William H. Parry, Inc. Ele acha difícil afastar-se da família por muito tempo. Espera, contudo, que os que ouvirem sua história compreendam quão perigosas as entidades negativas podem ser para os incautos - e para os incrédulos. "Elas são reais", insiste George, "e fazem o mal quando aparece uma oportunidade".

APÊNDICE

Uma nota do autor - Até onde me foi possível verificar, todos os acontecimentos narrados neste livro são verdadeiros. Com o auxílio de um gravador, George Lee e Kathleen Lutz empreenderam a cansativa e freqüentemente dolorosa tarefa de reconstruir os vinte e oito dias que passaram na casa de Amityville, refrescando-se mutuamente a memória até que o "diário" oral tornou-se o mais completo possível. George e Kathy não só concordam em virtualmente todos os detalhes dos episódios que viveram, como muitas de suas impressões e relatos foram mais tarde corroborados pelo testemunho de observadores independentes, como o Padre Mancuso e membros da polícia local. Mas talvez a evidência mais conclusiva a favor de sua história seja circunstancial: é preciso mais do que imaginação ou nervosismo para levar uma família normal e saudável de cinco pessoas a tomar a drástica atitude de abandonar subitamente uma atraente casa de três andares, com porão decorado, piscina e abrigo de barcos, sem mesmo deter-se para pegar objetos pessoais.

Devo ressalvar também que quando os Lutzes abandonaram sua casa no início de 1976, não tinham nenhuma intenção de verter suas experiências num livro. Só depois que os meios de informação transformaram a casa em notícia com reportagens que os Lutzes consideraram distorcidas e sensacionalistas, foi que eles consentiram na publicação de sua história, sem saber que muitas de suas afirmações podiam ser corroboradas por outros. Além de verificar que não existiam discrepâncias em seus relatos, eu mesmo entrevistei outras pessoas envolvidas no caso. Na verdade, George e Kathy só souberam das tribulações do Padre Mancuso quando o rascunho final deste livro ficou pronto.

Antes da mudança para a Avenida Oceânica, os Lutzes pouco conhecimento tinham de fenômenos psíquicos. Pelo que se recordam, os únicos livros que tinham lido que poderiam ter a mais remota ligação com o assunto, foram uns poucos e conhecidos manuais sobre Meditação Transcendental. Entretanto, como desde então descobri em conversa com pessoas familiarizadas com parapsicologia, quase todas as suas experiências encontram um paralelo em casos de assombração, "invasões" espíritas e fenômenos afins que vieram ao conhecimento do público nas últimas décadas. Por exemplo:

- o frio enregelante sentido por George e por outros é um sintoma freqüentemente observado por visitantes de casas assombradas que descobrem um lugar frio, ou uma friagem persistente (os ocultistas aventam a hipótese de que um ser desencarnado pode absorver energia térmica e calor corporal para obter a força necessária para se tornar visível ou mover objetos).

- dizem que os animais mostram desagrado e até mesmo pavor em lugares assombrados. Isto é sem dúvida verdadeiro no caso de Harry, o cão da família, sem falar nos visitantes humanos que desconheciam a casa: a tia de Kathy, o menino da vizinhança e outros.

- a janela que prendeu a mão de Danny tem um precedente num caso na Inglaterra em que a porta de um caro fechou-se sozinha esmagando a mão de uma mulher que chegava para investigar fatos paranormais. Minutos depois, no caminho do hospital mais próximo, sua mão teria voltado ao estado normal.

- a visão que George teve de um rosto que mais tarde identificaria como sendo o de Ronnie DeFeo, seu repetido despertar na hora do assassinato dos DeFeos, e os sonhos de Kathy a respeito de relações sexuais ilícitas podem ser fenômenos de "retropercepção" - nos quais locais emocionalmente carregados aparentemente conseguem transmitir imagens do seu passado a visitantes.

- as avarias sofridas pelas portas, janelas e balaustrada, o movimento e a possível telecinese do leão de cerâmica, o fedor nauseabundo do porão e da casa paroquial, todos esses são elementos familiares aos leitores da volumosa literatura acerca de "poltergeists" ou espíritos barulhentos cujo comportamento tem sido documentado por investigadores profissionais. A banda marcial é também uma manifestação característica do "poltergeist", que freqüentemente provoca ruídos dramaticamente estrondosos (uma vítima teria ouvido sons como o de um piano de cauda rolando escada abaixo sem qualquer causa ou dano aparente).

A maior parte das manifestações dos "poltergeists" ocorreriam na presença de uma criança - geralmente uma menina próxima da puberdade. Neste caso, nenhum dos filhos dos Lutzes teria idade suficiente para provocar esse tipo de fenômeno. Além disso, a maior parte das atividades desses espíritos tem um caráter infantil e malicioso, e não perverso ou ameaçador. Por outro lado, entretanto, como o Padre Nicola mostra em seu livro Possessão Demoníaca e Exorcismo, os "poltergeists" às vezes são utilizados como uma primeira manifestação de entidades cujo fim último é a possessão demoníaca. O crucifixo invertido no armário de Kathy, o aparecimento de moscas, o fedor de excremento humano são marcas registradas e características da infestação demoníaca.

Que conclusão devemos então tirar da narrativa dos Lutzes? Sua história foi simplesmente por demais corroborada por observadores independentes para que possamos supor que tenha sido inventada ou imaginada. Mas se o caso desenrolou-se como o narramos aqui, como devemos interpretá-lo?

Eis uma interpretação, a análise de um experimentado investigador de fenômenos paranormais:

A casa dos Lutzes parece ter abrigado pelo menos três entidades independentes. A médium Francine percebeu pelo menos dois fantasmas comuns, isto é, espíritos de seres humanos que por alguma razão ficam presos a um determinado local por muito tempo após sua morte física, e que em geral só querem ser deixados em paz para desfrutar o local a que se acostumaram em vida. A mulher cujo perfume e contato foram sentidos por Kathy (Francine mencionou uma mulher velha) pode ter sido uma moradora anterior da casa que apenas queria tranqüilizar a mulher mais jovem que achara "sua" cozinha um lugar atraente e agradável.

Da mesma forma, o menininho a que se referiram Missy e a cunhada de Kathy talvez tenha sido um espírito preso à Terra que - segundo médiuns e espiritualistas - talvez não

tenha percebido que morrera. Solitário e confuso no mundo intemporal do pós-morte, ele teria gravitado naturalmente para o quarto de Missy onde surpreendeu-se ao encontrar sua cama ocupada por Carey e Jimmy. Contudo, se ele pediu aluda a Carey, evidentemente não era ele quem estava planejando transformar Missy numa companheira permanente.

Quanto à figura encapuzada e o porco Jodie, parecem representar uma classe de seres totalmente diferentes. Os demonólogos ortodoxos acreditam que anjos decaídos possam se manifestar à vontade ou como animais ou como aterradoras figuras humanas. Portanto, essas duas aparições podem ter sido manifestações da mesma entidade. Embora George tenha visto os olhos de um porco e rastros de cascos na neve, Jodie falou com Missy e portanto não era um simples fantasma animal. A entidade que gravou a fogo sua imagem na lareira e apareceu na escada naquela última manhã pode simplesmente ter assumido um aspecto menos assustador para conversar com uma garotinha.

Parece lógico que esta entidade - juntamente com as vozes que ordenaram a partida do Padre Mancuso e mandaram George e Kathy parar com o seu exorcismo improvisado pode ter sido "convidada" durante as cerimônias ocultas realizadas no porão ou no local em que a casa foi construída. Uma vez ali alojada, elas naturalmente resistiriam a qualquer tentativa de expulsão, e com um vigor bem maior do que qualquer fantasma comum.

Os inexplicáveis transes de George e Kathy, suas alterações de humor, levitações, sonhos estranhos e transformações físicas podem ser interpretados como sintomas de possessão incipiente. Aqueles que acreditam em re-encarnação dizem que pagamos por erros passados renascendo num novo corpo e experimentando as conseqüências de nossos atos. Mas qualquer entidade tão resolutamente malévola como as que atormentaram os Lutzes compreenderia que uma volta à carne poderia implicar uma retribuição sob a forma de deformidades físicas, doenças, sofrimentos e outros "Carmas" ruins. Assim, um espírito particularmente perverso poderia evitar a reencarnação e apoderar-se do corpo dos vivos para desfrutar dos prazeres terrenos como comidas, sexo, álcool e outros.

Evidentemente George Lutz não era o "cavalo" passivo ideal para um cavaleiro desencarnado - a ameaça que pairava sobre sua mulher e filhos incitou-o à luta - nem seus adversários invisíveis eram fantasmas comuns. Uma amostra de sua força invulgar foram os ataques à distância ao carro do Padre Mancuso, à saúde e aposentos deste, e a levitação de George e Kathy mesmo depois da fuga para East Babylon. Mas então por que é que os Lutzes não se queixaram de. mais problemas após a mudança para a Califórnia?

Outra velha tradição do ocultismo - a de que o poder dos espíritos é interrompido pela água - pode ser a resposta. Durante o preparo desse livro, um dos seus primeiros redatores sentia-se fraco e com nauseas de vômito sempre que se sentava para adiantar o manuscrito quando em seu escritório ene Long Island. Mas ao executar a mesma tarefa na ilha de Manhattan, do outro lado do East River, não sentia nenhum desconforto.

Não somos obrigados, naturalmente, a aceitar essa ou qualquer outra interpretação

espírita dos acontecimentos que se sucederam na casa de Amityville. Entretanto, qualquer outra hipótese coloca-nos diante de uma ainda mais inacreditável série de coincidências, alucinações coletivas e grotescos erros de interpretação da realidade. Seria muito útil se pudéssemos reproduzir em uma experiência de laboratório rigorosamente controlada algumas das experiências vividas pelos Lutzes. Mas, naturalmente, isso é impossível. Espíritos incorpóreos - se é que existem possivelmente não se sentem obrigados a repetir suas performances diante de câmaras e gravadores de pesquisadores interessados.

Não há evidência de novas ocorrências estranhas no número 112 da Avenida Oceânica após o período descrito nesse livro, mas também isto faz sentido. Vários psicólogos têm notado que manifestações ocultas - especialmente quando há envolvimento de "poltergeists" - com muita freqüência acabam tão subitamente como começaram, para nunca mais ocorrer. E até mesmo caçadores de fantasmas tradicionais afirmam a seus clientes que modificações estruturais na casa, até mesmo uma simples mudança da arrumação dos móveis por um novo inquilino, provocará um rápido fim dos fenômenos anormais.

Quanto a George e Kathleen Lutz, certamente sua curiosidade já foi mais do que satisfeita. Mas a nós outros ficou o dilema: quanto mais racional a explicação, menos sustentável nos parece. E o caso a que chamei de Horror em Amityville continua sendo um daqueles tenebrosos mistérios que desafiam nossa concepção convencional do mundo.

* * *